

ELO

Diálogos em Extensão

ISSN 2317-191X Vol. 5 - Nº 02 Outubro 2016



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE VIÇOSA

PEC PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E CULTURA



ELO

Diálogos em Extensão

ISSN 2317-5451

Vol. 5 - Nº 02

Ano 2016



Universidade
Federal
de Viçosa

PEC PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E CULTURA

 **ABEC**[®]
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Universidade Federal de Viçosa

Universidade Federal de Viçosa

Reitora: Nilda de Fátima Ferreira Soares

Vice Reitor: João Carlos Cardoso Galvão

Pró Reitor de Extensão e Cultura: Clóvis Andrade Neves

Diretor de Extensão: Diogo Tourino de Sousa

Expediente

Editor

João Paulo Viana Leite, Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Área de Educação e Popularização da Ciência e Tecnologia

Geicimara Guimarães

Maria Aparecida Moreira da Silva Gonzaga

Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão

Conselho Editorial:

Comunicação:

Francisca Tejado Romero - Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha.

Rennan Lanna Martins Mafra - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Rossana Campodónico - Universidad de la República, Uruguai.

Cultura

Luciana Bosco e Silva - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Cristine Carole Muggler - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Júlio da Costa Mendes - Universidade do Algarve, Portugal.

Direitos Humanos

Marcelino Castillo Nechar - Universidad Autonoma del Estado de Mexico, México.

Rodrigo Siqueira Batista - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Gênero

Marisa Barletto - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Meio Ambiente

Gumercindo Souza Lima - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Ginia Cezar Bontempo - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Políticas Públicas

Magnus Luiz Emmendoerfer - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Sandra Ornes Vasquez - Universidad Simon Bolivar, Venezuela.

Saúde

Luciana Moreira Lima - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Tecnologia

Vânia Natércia Gonçalves Costa - Instituto Politécnico do Cavado e do Ave, Portugal.

Maria Sotolongo Sánchez - Universidad Central "Marta Abreu" de Las Villas, Cuba.

Teorias e metodologias em extensão

Glauca Carvalho Gomes - Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.

France Maria Gontijo - Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Trabalho

José Roberto Pereira - Universidade Federal de Lavras, Brasil.

Joaquim Filipe Ferraz Esteves de Araujo - Universidade do Minho, Portugal.

Territoriedade

Análida Rincon Patino - Universidade Federal da Colômbia, Colômbia.

Juana Norrild - Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

Agroecologia

Francisco Roberto Caporal - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil.

Segurança alimentar

Carlos Gregorio Hernandez Diaz Ambrona - Universidad Politécnica de Madrid, Espanha.

Parecerista ad hoc

Adriane Fontes Braga, Universidade Federal de Viçosa.

César Augusto I. Alves, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Cláudia Lúcia de Oliveira Pinto, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais.

Cleide Maria Ferreira Pinto, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais.

Cleiton Silva Ferreira Milagres, Universidade Federal do Tocantins.

Cristina Caetano de Aguiar, Universidade Federal de Viçosa.

Cristiane Rocha Silva, Universidade Federal do Paraná.

Erica Toledo de Mendonça, Universidade Federal de Viçosa.

Estênio Moreira Alves, Instituto Federal Goiano.

Fabrcia Nunes de Jesus Guedes, Universidade do Estado de Minas Gerais.

Ginia Cezar Bontempo, Universidade Federal de Viçosa.

Gustavo Leonardo Simão, Universidade Federal de Lavras.

Helen Hermana Miranda Hermsdorff, Universidade Federal de Viçosa.

Ilsa Cristina Cavalcante Barbosa, Universidade Federal de Viçosa.

João Paulo Viana Leite, Universidade Federal de Viçosa.

Jordana de Souza Moraes, Universidade Federal de Viçosa.

José Darlon Nascimento Alves, Universidade Federal de Viçosa.

Juliano Vargas, Universidade Federal do Espírito Santo.

Lidiane Figueiredo dos Santos, Universidade Federal de Viçosa.
Maria Regina de Miranda Souza, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais.
Maria Simone Euclides, Universidade Federal do Ceará.
Natalia Medina Ramirez, Universidade Federal de Viçosa.
Pablo Murta Baião Albino, Universidade Federal de Viçosa.
Raquel Alves Costa, Universidade Federal De São João Del Rei.
Renata Rauta Petarly, Universidade Federal do Tocantins.
Ricardo Alexandre da Cruz, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.
Romilda de Souza Lima, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Rosângela Branca do Carmo, Universidade Federal de São João Del Rei.

Sandra Beatriz Salenave de Brito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Tiago Mendes de Oliveira, Universidade Federal de Viçosa.
Vera Lúcia Travençolo Muniz, Universidade Federal de Viçosa.

Revisora textual

Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão

Capa, programação visual e diagramação:

Miro Saraiva

Foto capa:

Programa de Extensão da TEIA - Troca de Saberes
Universidade Federal de Viçosa
Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=102674959859175&set=pb.100003500131779.-2207520000.1463746202.&type=3&theater>>. Acesso em: 27 out. 2016.

Impressão

Divisão Gráfica da Universidade Federal de Viçosa

**Revista ELO Diálogos em Extensão
Universidade Federal de Viçosa.
Pró Reitoria de Extensão e Cultura**

Divisão de Extensão, sala 106
Avenida P.H. Holfs, s/n, Campus UFV
Viçosa-MG, CEP: 36.570-000.
Telefax: (31) 3899-2358
www.elo.ufv.br
E-mail: elo@ufv.br

Os conceitos, afirmações e pontos de vista apresentados nos artigos e relatos de experiência são de inteira responsabilidade de seus/suas autores/as e não refletem, necessariamente, a opinião da Revista, de seu Conselho Editorial ou da Universidade Federal de Viçosa.

EDITORIAL

Segundo o artigo 207 da Constituição Federal do Brasil de 1998, "... as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão." Sendo assim, cabe aos gestores e educadores universitários criarem estruturas e dinâmicas dentro da construção do saber para estabelecerem práticas de ensino-aprendizagem que envolvam a pesquisa e a extensão no processo de formação.

Pela pesquisa, o estudante tem a busca e a construção de um novo conhecimento, empregando uma metodologia científica que permite criar hipóteses e se aprofundar nas suas soluções. Já a extensão remete para a aproximação do estudante ao conhecimento real dos problemas de uma sociedade, criando uma visão crítica e política que lhe permite o diálogo constante com a comunidade para a busca de soluções. Nessa vertente, cria-se o desafio de se definir como as diretrizes curriculares dos cursos de graduação devam ser construídas a fim de se criar condições para que, na prática, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão seja possível, valorizando assim esse preceito constitucional.

Nesse sentido, experiências de disciplinas baseadas em projetos, em problematização, em pesquisa-ação e outras têm fornecido grande contribuição para elaboração de um modelo que saia daquele ensino tradicional ainda baseado na concepção de "educação bancária", já antes denunciada pelo educador Paulo Freire. Ter dentro da sala de aula, que não necessariamente deva ser uma sala dentro do Campus universitário, estudantes motivados, críticos, autônomos na busca do saber, envolvidos com desafios reais da sociedade, que relacionem conhecimentos adquiridos em outras disciplinas ou em situações de sua vida pessoal, é o grande desejo de vários educadores, que agora passam a atuar como tutores na construção do saber e não mais como a figura hegemônica de donos do saber.

Talvez a pesquisa já esteja mais consolidada dentro das universidades brasileiras em relação à extensão, em função principalmente do grande avanço das pós-graduações. Isso porque o próprio percurso de formação do professor universitário, que após sua conclusão de graduação já se enveredou no mestrado e depois no doutorado dando-lhe o perfil de professor-pesquisador, contribui para que ele tenha a pesquisa como ferramenta de construção do conhecimento. Além disso, geralmente esse perfil de professor encontra-se disseminado na maioria dos cursos de graduação das IFES brasileiras, independentemente da área de formação. Temos também vários periódicos científicos divulgadores das pesquisas realizadas em diversas partes do planeta, com acesso online na maioria das vezes.

Já a extensão universitária, normalmente conta com um número menor de professores envolvidos, mas que tem aumentado nos últimos anos. Enquanto várias pesquisas são realizadas dentro do laboratório acessando conhecimentos disponibilizados pelos artigos científicos e sendo discutidos entre os seus pares, os projetos e programas de extensão universitária necessariamente precisam da observação e interação com a comunidade, levando a uma articulação que extrapola o ambiente universitário. É nesse contexto que surge a importância na divulgação de experiências de iniciativas de extensão praticadas por educadores universitários.

Assim, tem sido nessa atividade de divulgação da extensão que a Revista Elo: Diálogos em Extensão tem caminhado nos últimos anos, buscando uma maior visibilidade dos trabalhos de interação, realizados entre universidade e sociedade. Na presente edição, a revista Elo: Diálogos em Extensão reúne oito textos, sendo que a primeira seção se constitui de cinco artigos e a segunda de três relatos de experiência.

O artigo "Contradições da modernidade no processo de des/re/territorialização do lugar: o caso dos atingidos pela construção da Hidrelétrica Candonga" trata-se de uma experiência de extensionistas universitários com famílias atingidas por um empreendimento hidrelétrico, discutindo os próprios estudos de impactos ambientais locais.

Da Universidade Federal do Paraná temos a divulgação da experiência de um Festival de Inverno que há 26 anos vem promovendo a interação de professores, funcionários e estudantes da instituição com a comunidade da cidade litorânea Antonina. O trabalho intitulado "Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná (UFPR): quando o tempo do lazer é o tempo de fazer política pública para a cultura" relata como é realizada a articulação entre as práticas de pesquisa, ensino e extensão universitária com os processos coletivos de participação cidadã nas políticas públicas no campo cultural.

O próximo artigo "Outras janelas para o mundo - A leitura e a escrita como arte e como prática libertadora", trata-se de um projeto que visa promover nas crianças e adolescentes o desenvolvimento do hábito da leitura. Nesse contexto, o projeto visa sensibilizar crianças e jovens de seus papéis como cidadãos para que possam atuar na sociedade na condição de protagonistas.

O quarto artigo diz respeito a uma experiência no campo da saúde, intitulado "O vínculo mãe e filho no período gestacional como estratégia de prevenção do uso de álcool e outras drogas: relato em extensão", realizado por docentes do departamento de Medicina e Enfermagem e estudantes do curso de Medicina da UFV com gestantes vinculadas às Unidades de Saúde da Família do município local. O artigo relata como o projeto propiciou o fortalecimento do vínculo seguro entre mãe e filho, com vistas à prevenção ao uso de álcool e outras drogas.

Finalizando a sessão de artigos, a revista traz o Trabalho "Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais na contemporaneidade - Viçosa, MG", com uma reflexão sobre os usos e costumes das tradições populares a partir das práticas de cura com plantas medicinais. Dentro da proposta de interação entre a universidade e a comunidade foram realizadas oficinas.

Como relatos de experiência, no trabalho intitulado "A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da ACIEPE: busca, análise e divulgação de informações econômicas do setor agropecuário", é relatada a experiência de uma Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE's) fomentada pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos. O trabalho teve a proposta de publicação de um Boletim Informativo, o GEAgro, direcionado para busca, análise e divulgação de informações econômicas do setor agropecuário.

O relato "Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero" traz a experiência de educadores da UNESP, Campus Araraquara, que tem por objetivo desenvolver ações de educação sexual promotoras do respeito à diversidade sexual e de gênero. No projeto de extensão foram desenvolvidas oficinas com adolescentes, oficinas e assessorias com educadores já inseridos na rede pública e espaços de formação para futuros educadores.

Finalizando, a Revista apresenta um relato de experiência do Programa de Educação Tutorial Ciência da Universidade Federal de Alfenas, intitulada "PET incentiva". O trabalho mostra a forma de interação entre petianos(as) e os alunos de ensino médio de escolas públicas, abordando temas relacionados às universidades, áreas do conhecimento e formas de acesso e permanência.

Esperamos assim, que os trabalhos divulgados nesta edição sejam inspiradores para novas iniciativas dentro do processo ensino-aprendizagem nas universidades. Agradecemos mais uma vez aos pareceristas e aos autores que contribuíram para que esta publicação fosse possível.

Uma boa leitura a todos!

João Paulo Viana Leite
Editor

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

Elo : diálogos em extensão universitária. / Universidade
Federal de Viçosa. Pró-Reitoria de Extensão Universitária. –
vol.1, n.1 (dez/jul.) 2012- . – Viçosa, MG: Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura, 2012-
v. : il. ; 29 cm.

Semestral.

Publicação em português, inglês e espanhol.

ISSN 2317-191X

1. Extensão universitária - Periódicos. 2. Comunicação -
Periódicos. 3. Tecnologia - Periódicos. 4. Conhecimento e
aprendizagem - Periódicos. I. Universidade Federal de Viçosa.
Pró-Reitoria de Extensão Universitária.

CDD 22. ed. 378

Sumário

Artigos:

Contradições da modernidade no processo de desreterritorialização do lugar: o caso dos atingidos pela construção da Hidrelétrica Candonga	1
<i>Fabiane Aparecida Silva Bortone, Marcia P. Ludwig, Karine Diniz Xavier.</i>	
Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná (UFPR): quando o tempo do lazer é o tempo de fazer política pública para a cultura	13
<i>Ronaldo de Oliveira Corrêa, Romilda Aparecida da Silva</i>	
Outras janelas para o mundo - A leitura e a escrita como arte e como prática libertadora	22
<i>Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão, Maria de Fátima dos Santos</i>	
O vínculo mãe e filho no período gestacional como estratégia de prevenção do uso de álcool e outras drogas: relato em extensão	34
<i>Bianca Seixas Gonçalves, Walmer Cardoso de Oliveira Júnior, Camila Vidotti Castro Correa, Camila Gomes Santos Moraes, Marina Silva Alves, Marina Silva de Lucca, Bruno David Henriques</i>	
Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais na contemporaneidade - Viçosa, MG	43
<i>Vanessa Lana, Paloma Gabriele Fernandes Lobato</i>	
Relatos de Experiência:	
A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da ACIEPE: Busca, análise e divulgação de informações econômicas do setor agropecuário	51
<i>Estevan Henrique Coelho, Matheus Sleiman da Costa, Marta Cristina Marjotta Maistro, Adriana Estela Sanjuan Montebello</i>	
Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero	57
<i>Ana Paula Leivar Brancaloni, Rosemary Rodrigues de Oliveira</i>	
<i>Pet Incentiva</i>	63
<i>Aline Carvalho Corrêa, Ana Camargo Almeida, Enayle Maryane Teixeira Paes, José Augusto Oliveira, Isabela Castro Rosa, Natália Antunes Martins</i>	

Contradições da modernidade no processo de des/re/territorialização do lugar: o caso dos atingidos pela construção da Hidrelétrica Candonga

Fabiane Aparecida Silva Bortone¹, Marcia P. Ludwig², Karine Diniz Xavier³

Resumo: *Este artigo apresenta como a construção de empreendimentos hidrelétricos considerados "projetos de desenvolvimento e progresso" é capaz de promover transformação social causando impactos ambientais e sociais na região de implantação. Para tanto, apresenta-se a análise de um caso específico de deslocamento/reassentamento de famílias atingidas, o da Hidrelétrica de Candonga, Zona da Mata mineira. O estudo fez-se a partir das perspectivas das famílias atingidas, por meio de entrevistas semiestruturadas e imersão em campo. Como em todo processo de implantação de projetos de barragens, o deslocamento é sempre permeado de conflitos, representados por interesses antagônicos: empreendedores e atingidos. O resultado evidenciou que implantar esses projetos gera consequências muito maiores do que aquelas previstas nos estudos de impacto. Esses projetos rompem com costumes, práticas sociais e modos de vida, em razão da apropriação do espaço para fins particulares.*

Palavras-chave: *Hidrelétricas. Conflitos socioambientais. Deslocamento/reassentamento.*

Área Temática: *Meio Ambiente e Ruralidades.*

Contradictions of modernity in the Des / Re-territorialization process of place: the case of those affected by the construction of UHE Candonga

Summary: *This paper shows how the construction of hydroelectric projects considered "development projects and progress" are able to promote social change causing environmental and social impacts in the region of deployment. For that we present the analysis of a specific case of displacement / resettlement of affected families, the case of hydroelectric Candonga, Mata Mining Zone. The study was done from the perspectives of affected families built through semi-structured interviews and field submersion. As in any process of implementation of dam projects, the offset is always permeated by conflicts, represented by antagonistic interests: entrepreneurs and achieved. The result shows that the implementation of these projects generate much greater consequences than those envisaged in their impact studies. These designs break with customs, social practices and ways of life due to the appropriation of space for private purposes.*

Keywords: *Hydroelectric. Environmental conflicts. Displacement / resettlement.*

Las contradicciones de la modernidad en el proceso de Des / Re-territorialización del lugar: el caso de los afectados por la construcción de la UHE Candonga

Resumen: *El artículo muestra como la construcción de hidroeléctricas consideradas "proyectos de desarrollo y progreso" son capaces de promover el cambio social causando impactos ambientales y sociales en la región de implantación. Por lo que se presenta el análisis de un caso específico de desalojo/reubicación de las familias afectadas, en el caso de la hidroeléctrica Candonga, Zona da Mata Minerera. El estudio se hace a partir de las*

¹ Universidade Federal de Viçosa - campus Florestal. Técnica Administrativa. E-mail: fabiane.bortone@ufv.br

² Universidade Federal de Viçosa - campus Viçosa. Professora do Magistério Superior.

³ Universidade Federal de Viçosa - campus Florestal. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

perspectivas de esas familias a través de entrevistas semi-estructuradas y exploración en campo. Al igual que en cualquier proceso de implementación de proyectos de presas, el desplazamiento esta siempre lleno de conflictos, representados por intereses antagónicos: empresarios y afectados. El resultado muestra que la implementación de estos proyectos genera consecuencias mucho mayores que las previstas en los estudios de impacto. Estos proyectos rompen las costumbres, prácticas sociales y modos de vida en función de la apropiación del espacio con fines particulares.

Palabras clave: *Hidroeléctricas. Conflictos ambientales. El desplazamiento / reasentamiento.*

Introdução

Este estudo se insere nas discussões acerca da implantação de usinas hidrelétricas no contexto da modernização capitalista. O modelo econômico vigente, diante do crescente processo de produção e consumo, tem como pressuposto a demanda cada vez maior de energia. No caso do Brasil, a construção de hidrelétricas tem-se apresentado como a alternativa, historicamente, mais utilizada para se produzir energia elétrica. Contudo, são inquestionáveis os impactos ambientais e sociais resultantes de tais empreendimentos, o que faz com que pesquisadores do Brasil e de diferentes países se dediquem a essa temática. Dentro dessa perspectiva, este estudo buscou, a partir da pesquisa realizada com os atingidos pela hidrelétrica de Candonga, na Zona da Mata mineira, apresentar as contradições inerentes ao processo de construção de empreendimentos hidrelétricos, no sentido de evidenciar as transformações ocorridas após os processos de deslocamento compulsório e reassentamento de atingidos.

Nas últimas décadas, observou-se a implantação de novos modelos produtivos, novas formas de organização do trabalho e inovações técnico-científicas advindas das mudanças relacionadas com as formas de exploração do trabalho, de produção e apropriação da natureza propostas pelo atual modo de produção capitalista. Essa “reestruturação produtiva” é resultado da evolução histórica do capitalismo, que contém as contradições sociais inerentes à “crise estrutural do capital” (MESZÁROS, 2002) e garante novas bases de produção e reprodução econômica, que vai além das formas existentes de controle sobre o trabalho e sobre a natureza. Tal propósito visa manter o movimento incessante de expansão e acumulação do capital.

Diante desse processo, buscou-se destacar um novo modo de controle e domínio sobre a natureza, o social e o cultural, que está diretamente relacionada à reprodução ampliada do capital, ou seja, os processos de ocupação do solo e de valorização e acumulação de riqueza socialmente produzida. A exploração intensiva e destrutiva da natureza pela ordem social do capital projetada não apenas uma forma degradante de existência social e econômica, mas coloca em discussão questões que permeiam as temáticas em torno da sua própria sustentabilidade e do processo de permanência e reprodução da humanidade no planeta. Com esses processos ainda se identifica a formação de conflitos decorrentes das relações de dominação, que se perpetuam no sistema capitalista e, de forma mais geral, na sociedade.

A produção de energia está diretamente relacionada a essa expansão e manutenção do sistema capitalista. A energia tornou-se mercadoria, cujo acesso tem sido determinado e direcionado pelas lógicas do mercado. A hidreletricidade, considerada prioritária no Brasil, responde por mais de 90% da matriz energética nacional (BENJAMIN e RIBEIRO, 2004). Isso se deve, sobretudo, ao alto potencial hidráulico do país (260.000 MW) e à prevalência de interesses mercadológicos, subsidiados pela ação do Estado. Da energia produzida no país, grande parte vai para as indústrias chamadas eletrointensivas, que têm como característica serem grandes consumidoras de energia, como as que trabalham com alumínio, celulose, cimento, mineração etc.

O parque gerador brasileiro há muitos anos é essencialmente hidrelétrico. O baixo custo dessa energia aliada à riqueza natural hidrográfica levou o Brasil a ter uma posição de destaque em geração de energia hidrelétrica no cenário mundial (SILVEIRA; REIS, 2001). Segundo o Relatório do Banco Mundial (2008), as usinas hidrelétricas continuarão a desempenhar papel predominante na matriz elétrica brasileira, estimando-se que, em 2015, serão responsáveis por aproximadamente 75% da eletricidade no país. Essa predominância é determinada principalmente pelo fato de o Brasil possuir um dos maiores potenciais hidrelétricos no mundo: um total de 260 mil MW, dos quais pouco mais de 30% estão em operação ou construção (BRASIL, 2008).

Segundo o relatório da Comissão Mundial de Barragens, publicado em novembro de 2000, *World Commission on Dams* (WCD), mais de 800.000 barragens já foram construídas no planeta; entre essas, 45 mil são de grande porte. Além disso, cerca de 1.600 barragens estão em processo de construção em

todo o mundo, em um negócio que movimentava US\$ 50 bilhões anuais. Dessas, mais de 650 serão construídas no Brasil (MAB, 2007) e, conseqüentemente, mais de 1 milhão de pessoas serão expropriadas e expulsas de suas terras, assim como, causará grande impacto na biodiversidade (ZHOURI et al., 2005). Não obstante aos graves impactos socioambientais e culturais, o uso dessas barragens tem sido naturalizado frente aos grandes efeitos mascarados pelo discurso das energias renováveis e de produção limpa.

Nesse ínterim, a energia vem sendo tratada como essencial ao desenvolvimento do país e de uso coletivo/público, representações essas que ocultam e mantêm as formas de apropriação privada e desigual dos recursos naturais e as contradições e o antagonismo de interesses. Diante desse processo de acumulação de capital, diferentes atores passam a compor o cenário estratégico de mercado em que os interesses globais perpetuam sobre o local, condicionando o social, ambiental e cultural à esfera econômica de desenvolvimento e progresso, essencial ao crescimento do país.

Esse discurso traz embutido a ideia de que o progresso tem seus custos e que alguém deve pagar por eles; ou seja, os prejuízos existirão e representarão a cota necessária ao desenvolvimento: “um Estado capitalista e moderno pode respeitar as diferenças culturais na medida em que não sejam obstáculos ao desenvolvimento, à modernidade” (Catullo *apud* LUDWIG, 2003, p. 22).

Se não examinássemos a produção do espaço sob o enfoque de suas contradições, não recuperariamos o sentido deste momento na história humana e, por outro lado, sua singularidade. Do ponto de vista das contradições, a crise e o movimento ganham existência, sob a aparência da consolidação de um determinado modo de interferência humano, poderoso e incontestável (DAMIANI, 2001, p. 50).

O foco dessa análise está nas contradições inerentes aos processos de deslocamento compulsório e reassentamento dos atingidos por empreendimentos hidrelétricos. Especificamente, dirigiu-se o olhar para o caso da hidrelétrica de Candonga, na Zona da Mata mineira e para os conflitos que engendraram os processos de reprodução social no/do espaço e de apropriação material/natural e simbólica, resultado da passagem abrupta de uma sociedade com características rurais para uma sociedade mercantilizada e monetarizada.

Ainda que o trabalho tenha analisado um caso específico, esse evidenciou a necessidade e importância de que seus resultados, assim como de outros já realizados, extrapolassem a academia e passassem a constituir objeto de consulta para os projetos de desenvolvimento que pressuponham o deslocamento de famílias e, ou, comunidades. Esses resultados poderiam ser utilizados nos estudos de viabilidade ambiental, EIA/RIMA, elaborados quando da submissão de projetos de barragens à projeção de alternativas ou mesmo de indicadores de impacto socioambiental, no sentido de minimizar os seus efeitos.

Pretendeu-se, portanto, como objetivo geral apresentar discussões a respeito de algumas vertentes relacionadas ao modelo capitalista, sua interface com os grandes projetos de desenvolvimento econômico e seu impacto na qualidade de vida das famílias atingidas. Logo, tiveram-se como objetivos específicos:

- Analisar o desenvolvimento econômico e a modernidade, a partir do discurso que engendra toda relação homem/natureza/desenvolvimento.
- Avaliar os movimentos de desterritorialização e reterritorialização existentes, a partir da construção de hidrelétricas e em detrimento dos valores socioculturais existentes e interesses distintos.
- Apresentar as transformações ocorridas na vida das famílias atingidas pela construção dos empreendimentos hidrelétricos, ilustradas a partir da experiência dos atingidos pela construção de Candonga, MG.

Procedimentos Metodológicos

A fim de revelar as contradições inerentes à modernidade, representada aqui pela implantação da construção da hidrelétrica de Candonga, MG, foi realizado um delineamento descritivo, em que se optou por uma abordagem qualitativa, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas, observação direta e documentação fotográfica aliada aos dados provenientes de fontes já publicadas, bem como oriundos dos órgãos ambientais e do próprio processo de licenciamento. No total, foram entrevistadas 23 pessoas

entre homens e mulheres (adultos, idosos e jovens) de 17 casas diferentes, escolhidas aleatoriamente conforme disponibilidade de horário e interesse pela pesquisa. Vale destacar que as entrevistas foram norteadas por questões abertas; a partir dessas, os entrevistados ficaram livres para falar sobre o reassentamento e seus sentimentos, bem como para lembrar o antigo lugar. No final, os dados oriundos das gravações foram transcritos e, posteriormente, cruzados com os demais. A partir desses foram feitas as análises, segundo os objetivos propostos.

Desenvolvimento e Modernidade: O discurso que legitima os processos de barragem

A ideia de modernidade está inteiramente relacionada com o uso da razão, responsável por estabelecer uma estreita relação entre a ação humana e a ordem do mundo moderno. Segundo Touraine (1994), um crítico das questões relacionadas à modernidade, “é a razão que anima a ciência e suas aplicações; é ela também que comanda a adaptação da vida social às necessidades individuais ou coletivas”. De acordo com os pensamentos desse autor, a razão conduz a humanidade a agir segundo suas próprias leis, em direção à abundância, felicidade e liberdade.

Essa afirmação foi e é muito discutida e, às vezes, rejeitada pelos críticos da modernidade. A razão, como colocada na afirmação, não se evidencia suficientemente capaz de garantir a felicidade por meio da libertação dos controles tradicionais, da forma como proposta. Ela apenas promove a libertação do tradicionalismo. A afirmação de que o progresso interliga e proporciona esses três objetivos nada mais é do que a ideologia⁴ utilizada para naturalizá-lo como um fenômeno capaz de trazer melhores condições de vida a todos.

De acordo com Martins (2008), a ideia de modernidade está diretamente relacionada ao progresso, aqui entendido como sinônimo de modernização e desenvolvimento ou, segundo Berman (1986), um processo socioeconômico que vai construindo a modernidade. Modernidade é uma característica associada aos países ricos, que disseminam seus padrões, fazendo com que o resto do mundo trave uma verdadeira “busca” pelo *status*, alcançado por poucos, de ser considerado um país desenvolvido.

Ainda segundo Martins (2008), na América Latina o termo modernidade é inteiramente confundido como oposição ao tradicional, ao que supostamente não faria parte do moderno, dos novos tempos. A modernidade é retratada pelas possíveis transformações que o capitalismo é capaz de criar e pelas possibilidades oferecidas. Ao mesmo tempo, esse autor faz críticas ao residual desse processo, de como ele se apresenta, pois “mais se fala de modernidade do que efetivamente ela o é”⁵. Assim, a modernidade só é quando pode ser, ao mesmo tempo, o moderno e a consciência crítica do moderno. Em países subdesenvolvidos, ela instaura-se pela busca do novo, do moderno, pelo encontro dos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizante, parte integrante da modernidade (MARTINS, 2008), anunciando o possível, as possibilidades que apresentam para todos, mas que se realizam apenas para alguns.

A modernidade não pode ser entendida como uma simples mudança ou sucessão de acontecimentos; ela nada mais é do que a produção de atividades racionais, científicas, tecnológicas e administrativas (TOURAINÉ, 1994). As transformações ocorridas no mundo, a partir da modernidade, revelam uma realidade que, conforme Giddens (1995), é muito mais complexa e sofisticada se comparada ao passado. As mudanças dizem respeito à interseção entre a globalização e a transformação da vida cotidiana, de modo que o que nela se faz tem consequências globais e o que acontece globalmente tem consequências locais.

A globalização é primordialmente a transformação do tempo, do espaço, da experiência local, não uma coisa só, mas um complicado conjunto de transformações das condições básicas da vida social. Ela não produz necessariamente um mundo mais unificado, ela produz a fragmentação. Esses dois elementos acham-se imbricados um no outro (GIDDENS, 1995, p. 300).

Conforme esse mesmo autor, “modernidade refere-se a um estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

Ser moderno é viver em um mundo de experiências compartilhadas por todos, é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (Berman, 1986, p. 13).

Enfim, ser moderno é fazer parte de um universo onde, como dizia Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar” (LUDWIG, 2008).

Neste momento em que se vive, assiste-se ao triunfo de uma sociedade industrial e capitalista, em que as preferências individuais e escolhas sociais reproduzem, em maior ou menor grau, uma ordem instrumentalmente racional, que tem como referência o mercado. Hoje, forçam-se a reconhecer a imprevisibilidade das ameaças provocadas pelo desenvolvimento técnico-industrial e a procurar modos diferentes de relação com as incertezas (GIDDENS, 2000). Essas ameaças são movidas pelo desejo de mudança, de autotransformação e de transformação do mundo em redor. Para Berman (1986), ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas, que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas.

É pautado nesses conceitos de modernidade que os grandes projetos de infraestrutura são chamados projetos de desenvolvimento, pois caracterizam o progresso almejado pela modernidade, associado ao desenvolvimento e à busca do *status* na sociedade global. As construções de usinas hidrelétricas representam empreendimentos que podem ser explicados pelo contexto da modernização capitalista. A busca pela maximização do lucro e por melhorias tecnológicas acarretam investimentos cada vez maiores nesse tipo de empreendimento. Apesar da argumentação em favor da produção de energia elétrica a partir da sua construção, são inquestionáveis os efeitos ambientais e sociais advindos.

Esse tipo de discurso que protagoniza o desenvolvimento a partir da sua esfera econômica se distancia cada vez mais da vida e realidade das pessoas, questionando-se se essa é realmente uma condição favorável para o futuro ou, apenas uma palavra vazia que representa o crescimento a todo e qualquer custo. O distanciamento entre o discurso e a prática evidencia a composição de “planos-discurso”, em que o social e ambiental passam “a esconder ao invés de mostrar. Esconde a direção tomada pelas obras e pelos investimentos que obedecem a um plano não explícito” (MARICATO, 1997).

Hidrelétricas: desterritorialização e reterritorialização

A construção de projetos hidrelétricos no Brasil teve seu ápice a partir de 1970 com a criação da Eletricidade Brasileira (ELETROBRÁS); o objetivo era propiciar a instalação de tais empreendimentos, vistos como estratégias de desenvolvimento para o processo de industrialização e desenvolvimento do país. Acreditava-se, segundo Sigaud (1988), que os benefícios gerados iriam sobrepor-se aos malefícios; ou seja, ao longo do tempo, os efeitos negativos estariam subordinados a um fator predominante: a questão energética. Para tanto, o discurso ideológico utilizado para legitimar a implantação desses empreendimentos pautava-se não somente na promoção da expansão da economia do país, mas também na sua contribuição para reduzir as desigualdades inter-regionais.

Projetos inovadores, que subsidiavam a modernidade do país, como as construções hidrelétricas, tornaram-se, então, o meio de expansão de novas técnicas e tecnologias de apoio ao crescimento da produção nacional. Embalados pelo discurso ideológico do “desenvolvimento e progresso” (VAINER, 2007; REZENDE, 2008; BERMANN, 2003; ZHOURI 2005), esses projetos se apresentam como essenciais à nação, à região de instalação e às populações ribeirinhas, pois os “redimiriam do atraso”. Essa “ideologia de redenção” faz parte do processo de legitimação do projeto e manifesta-se por meio dos constantes discursos dos organismos governamentais e das empresas envolvidas (LINS RIBEIRO, 1985).

Catullo (*apud* LUDWIG, 2003, p. 67) enfatizou que, tendo em vista esse processo legitimador de discurso positivista, não é difícil entender o pouco compromisso com as populações locais afetadas. Essa posição traz embutida a ideia de que o progresso tem seus custos e que alguém deve pagar por eles; ou seja, os prejuízos existirão e representarão a cota necessária ao desenvolvimento: “um Estado capitalista e moderno pode respeitar as diferenças culturais na medida em que não sejam obstáculos ao desenvolvimento, à modernidade”.

Sendo assim, a construção de UHE se dá em detrimento de segmentos sociais vulneráveis, como as populações ribeirinhas e as comunidades étnicas (WCD, 2000; ZHOURI; OLIVEIRA, 2005). Ao

falarem das vítimas das políticas econômicas que estipulam grandes projetos, Scherer-Warren (*apud* ROTHMAN, 2002) afirmou que, no Brasil, os prejuízos decorrentes desses empreendimentos recaem sobre os atingidos expropriados urbanos e rurais, os camponeses e as etnias nativas.

A confrontação de interesses entre os atores envolvidos nesse processo é evidente. Para os empreendedores, o projeto representa lucro e investimento; para o governo, incentivos e insumos às atividades produtivas e assim ao desenvolvimento; enquanto para as comunidades atingidas os interesses são outros. É fato que o meio ambiente não é apenas um objeto ameaçado pelo seu esgotamento. Acselrad (2005) relatou que ele é atravessado por diversos sentidos socioculturais e interesses diversificados que compõem o antagonismo anteriormente mencionado. As águas dos rios muitas vezes têm-se apresentado como objeto de uso e apropriação pelas empresas, que veem nesse recurso hídrico fonte geradora de energia, ao mesmo tempo que essas águas representam meio de subsistência para diversas famílias que vivem às suas margens.

Segundo Zhou et al. (2005), as comunidades atingidas, muitas vezes, não possuem conhecimento real do projeto e dos seus impactos, sendo colocadas no processo como sujeitos passíveis de adaptação e de negociação. Os interesses antagônicos que permeiam o processo acabam por colocar as comunidades atingidas como meras expectadoras do processo, que, por meio de um processo “democrático”, busca estabelecer tal empreendimento como essencial ao progresso e à modernidade do país.

Diferentes pesquisadores que trabalham com questões relacionadas às barragens têm considerado que a implantação de projetos hidrelétricos acarreta para a região de instalação a desestruturação de atividades preexistentes, desordenado crescimento populacional, desemprego, marginalização social e degradação ambiental, em vez de contribuir, segundo os discursos utilizados, para reduzir as disparidades regionais, por meio da desconcentração industrial e abertura de frentes de trabalho nas regiões instaladas. Santos (2006) evidenciou ainda mais o discurso de desenvolvimento que acompanha a implantação de grandes hidrelétricas:

Quando nos dizem que as hidrelétricas vem trazer, para um país ou para uma região a esperança de salvação da economia, da integração do mundo, a segurança do processo, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade ao contrário, pode exatamente vir destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais (SANTOS, 2006, p. 217).

É possível destacar as consequências negativas desses empreendimentos sobre os atingidos, como: perdem o investimento feito por uma ou várias gerações na propriedade, a segurança representada pelo espaço construído ou vivido, o sentido de lugar, ou seja, além das perdas materiais, são inquestionáveis as perdas sociais e simbólicas. A ruptura das relações de vizinhança, de parentesco, de comunidade e perdas de bens culturais constitui exemplos do processo de desenraizamento das populações que são obrigadas a sair de seus territórios.

A migração forçada aparece como uma saída para viabilizar a reprodução da força do capital. A palavra “migrar” vem constituir-se como “fuga” (SCHERER-WARREN, 1990) não apenas no sentido de mudança de um espaço físico para outro, mas com sentidos múltiplos, com base em ruptura de representações simbólicas e do espaço como apropriado e construído socialmente.

A questão da migração remete à desterritorialização, que, conforme Souza (1995), supõe a exclusão do grupo que anteriormente se apropriava daquele espaço. Já como assinalou Haesbaert (2011), seria fruto do enfraquecimento do controle exercido sobre determinado espaço, resultando na mobilidade de pessoas, bens materiais, capitais ou informações. É com base nesse íterim que o território se configura como um campo de forças ou “teia de relações sociais” (SOUZA, 1995; RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2011), demarcado pelas disputas. A relação dos sujeitos com seu território revela sentimentos, valores e referências transmitidos pelas gerações que construíram sua própria cultura⁶, seu modo de vida e atribuíram, para além do valor material, um valor simbólico àquele lugar. O território vai muito além da simples dimensão objetiva da reprodução de necessidades básicas e das relações de poder, ao incluir outra dimensão – subjetiva e simbólica, identitária, afetiva e cultural – fundada pela prática social.

De modo geral, o território é entendido como resultado de um espaço histórico de construção por agentes sociais, que lhe imprimem suas características socioculturais. Ainda assim, o território é o

resultado da interação entre as relações sociais e de poder (SOUZA, 1995) estabelecida em determinado espaço e o controle desse. Essas relações abarcam tanto as relações de dominação quanto as de apropriação, pois, conforme Haesbaert (2011), o território tem a ver com o poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Esse estudioso disse a respeito tanto do poder no sentido mais concreto quanto do poder no sentido simbólico, de apropriação. Lefebvre (*apud* HAESBAERT, 2011, p. 35) distinguiu apropriação de dominação: o primeiro sendo um processo mais simbólico, carregado do vivido, do valor do uso; e, o segundo, mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.

A territorialização de hidrelétricas implica em desterritorialização e a essa segunda remete-se o processo de reterritorialização, que sugere a incorporação de novos territórios; ou seja, a construção de nova territorialidade por parte do grupo desterritorializado. Dessa forma, territorializam-se hidrelétricas e, ao mesmo tempo, des/re/territorializam-se populações. As famílias desterritorializadas perdem e, ou, alteram seus referenciais espaciais, ocasionando o desenraizamento e esfacelamento da identidade social e coletiva dos sujeitos⁷. Surge a necessidade de construir novos territórios, reconstruindo-se a si mesmas no espaço, seja sob a vontade delas ou não. Esse processo de desterritorialização/reterritorialização das famílias faz parte da racionalidade econômica do modelo capitalista, que faz do solo mercadoria (LUDWIG, 2008).

Frente a esse processo, Cavalcanti (2002) enfatizou o desenraizamento causado pelo desencontro do ser naquilo que lhe é dado tradicionalmente como substancial para pertencer a um grupo social. Entretanto, a necessidade de territorializar leva ao enraizamento, considerado, por esse mesmo autor, como uma das mais difíceis necessidades do ser humano a ser definida. Cada “indivíduo tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (MEDEIROS, 2007). Além disso, os indivíduos encontram também dentro de sua própria cultura espaços diferenciados, aos quais se articulam, constroem e reconstroem-se referências de uma forma permanente, tanto para si como para o outro.

O processo de desterritorialização marca a perda da identidade territorial existente naquele espaço/lugar. Parte-se do pressuposto que “toda a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território”; ou seja, dentro de uma noção de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta (HAESBAERT, 2011). A reterritorialização surge como uma territorialização precária, pois apesar de habitar⁸ (LEFEBVRE *apud* HAESBAERT, 2011, p.80) determinado espaço, o sujeito desterritorializou-se de seu modo de vida, de seus valores culturais e sociais. Essas novas territorialidades emergem da necessidade de reterritorializar determinados grupos sociais, ainda que por meio de um processo instável de reapropriação de vida, que muitas vezes surge negligenciando a dimensão socioambiental e espacial inerente.

Nos casos nos quais o espaço/lugar se torna alvo de projetos hidrelétricos, esse vira palco de luta pelo seu uso. A implantação do empreendimento leva à desterritorialização/reterritorialização das famílias, as quais, transferidas territorialmente, são, muitas vezes, impostas a novo estilo de vida. O espaço ora apropriado por essas famílias vira palco da dominação capitalista, do uso e poder dessa, ao passo que os desterritorializados são levados a se apropriarem de novos espaços e de dotá-los de sentido. Assim, ao discutir e analisar essas mudanças, não se tem a pretensão de anular a importância, já consolidada, dessas obras contextualizadas no modelo de desenvolvimento adotado pelo país. Procura-se sim, evidenciar como a modernidade espelha contradições, apresentando um caso concreto de empreendimento, símbolo de modernidade.

Conflitos e sujeitos: o caso da Hidrelétrica Candonga, MG

Quando o processo de des/reterritorialização se efetiva concretamente no espaço, como aconteceu na usina já concluída de Candonga (Zona da Mata mineira), evidenciam-se as contradições que emergem do processo de deslocamento/reassentamento vivido pelas famílias atingidas, especificamente nesse caso, as antigas moradoras do distrito de São Sebastião do Soberbo, Antiga Soberbo/Nova Soberbo. No estudo desenvolvido, pode-se perceber que a implantação da Hidrelétrica Candonga revela a lógica da racionalidade capitalista, pautada na busca do “desenvolvimento e progresso”. No contexto da modernidade e da necessidade cada vez maior de energia para manter e acelerar o crescimento do país, esses empreendimentos são impostos às comunidades ribeirinhas, que compulsoriamente são retiradas de suas terras e realocadas em outro espaço. O deslocamento, desejado ou não, rompe costumes, práticas sociais e identidades, além de desestruturar modos de vida.

Como o ocorrido com os atingidos pela UHE Candonga, o deslocamento, embora mascarado pelo desejo de uma vida melhor, não foi capaz de reproduzir os modos e condições de vida das famílias, como na Antiga Soberbo. A migração, que em algum momento pode ter representado possibilidades de novas oportunidades para aqueles que se deslocaram para fora do distrito, posteriormente passou a se apresentar como a única alternativa para as famílias, obrigadas a sair de suas terras para dar lugar ao lago da barragem.

Das falas dos moradores foi possível perceber que uns, os quais a princípio desejaram a barragem, tinham a expectativa de sair do antigo distrito, “daquele lugar feio, horroroso”, do lugar que “parecia uma roça”. Outros, apesar de instigados com as novas oportunidades oferecidas, ficaram inseguros quanto ao futuro, o que geraria inclusive disputas por interesses entre os próprios atingidos. O novo distrito prometido viria a representar um distrito industrial, com condições de trazer melhores condições de vida e trabalhistas para o município e região (BARROS e SYLVESTRE, 2004). No entanto, aos poucos outra realidade foi sendo percebida pela comunidade. Muitas das promessas feitas não foram cumpridas, fazendo com que o processo de negociação se tornasse tenso e conflituoso. Projetos como o da construção de barragens muitas vezes colocam as famílias em situações de risco, pois criam a sensação de insegurança, tendo em vista que o novo é desconhecido pelos moradores, gerando assim conflitos por interesses diversos.

Por terem construído suas vidas naquele lugar, os moradores falaram do passado com emoção, apreendendo aspectos que vão muito além da paisagem e remetendo às relações e ao estilo de vida que tinham antes da barragem. Anteriormente, a reprodução econômico-social das famílias se fazia por meio do trabalho na terra, da vida no campo, do garimpo e da pesca. Embora reconheçam as dificuldades existentes em tais atividades, essas lhes proporcionavam uma vida simples, porém com menor dependência externa, uma vez que a subsistência era garantida por aquilo que era plantado e colhido.

Nova Soberbo se apresentou como a possibilidade de uma vida mais citadina, com elementos que marcam a vida urbana e proporcionam conforto e “melhor padrão de vida”. Na fala de alguns atingidos percebeu-se a recusa do rural, que muitas vezes é relacionado às dificuldades vividas, à poeira das estradas de chão, ao barro nos tempos de chuva, às casas simples sem perspectivas de melhorias, que caracterizavam a espacialidade do antigo lugar. Como observado na figura 1, essas características do antigo lugar se revestem de significados negativos ao tornar-se um meio de comparação com Nova Soberbo. Elementos peculiares da espacialidade de Nova Soberbo conferem significados positivos ao novo local: as moradias, o asfalto, os equipamentos urbanos, a facilidade do deslocamento, entre outros. Contudo, os seus moradores ainda fazem questão de falar sobre o processo de deslocamento.

O processo de deslocamento foi permeado por conflitos, representados por interesses antagônicos: de um lado, os empreendedores, interessados no uso e na apropriação do espaço para fins particulares; de outro, os atingidos, os quais, acreditando nas promessas feitas, desejaram o projeto, que, por ora, ainda não trouxe os resultados esperados. Como observou Martins (2008), é a modernidade que anuncia o possível, embora não o realize, colocando uma comunidade inteira incluída de modo excludente no contexto modernizante da economia capitalista.

Os conflitos aqui revelados se vinculam às indenizações (irrisórias, injustas) e à carência de avaliação das consequências do reassentamento para os atingidos, seja por parte do empreendedor ou de uma instituição pública responsável. Observou-se que as indenizações e reassentamentos causam diversos conflitos, especialmente de adaptação, identidade, valores e significados, estrutura, expectativas, interesses, atribuição e legitimidade.

A desinformação da população, característica revelada pelos atingidos durante as entrevistas, não foi apenas com relação ao futuro, mas também a todo o processo de construção e operação do empreendimento. A incapacidade de perceber as ameaças deve-se à forma como os sistemas peritos⁹ agiram. Apoiados no conhecimento e na experiência sobre o assunto, apoderaram-se da ausência desse conhecimento por parte da população, sobrepondo momentos e conquistando as licenças necessárias para implantar o empreendimento.

Dependendo do observador, os atingidos são caracterizados como beneficiários do processo, em vez de serem considerados “atingidos”. A nova vida proporcionada pela empresa se apresenta como um mérito concedido a essas famílias, que anteriormente ao empreendimento viviam em condições espaciais consideradas inferiores. O espaço, construído para abrigar os atingidos pela barragem, possibilita uma vida artificialmente planejada, diferente de tudo que se vivia no antigo lugar. Nesse contexto, é a racionalidade da ordem global que impõe a todos uma forma única de viver e que diante disso é desterritorializadora.



Fonte: Arquivo MAB/ Ponte Nova



Fonte: Arquivo da pesquisadora - fotos tiradas durante o trabalho de campo.

Figura 1 – Imagens 1 e 2 apresentando a Antiga Soberbo e Imagens 3, 4 e 5 apresentando a Nova Soberbo. Evidencia-se as diferenças estruturais do antigo com o novo distrito.

Nos quatro anos seguidos após a implantação do empreendimento, os atingidos viveram alimentados de promessas e ilusões. A realidade na comunidade muito difere da vida anterior à barragem e demonstra que um salto na qualidade de vida desses moradores é algo ainda remoto, principalmente para os jovens, os quais, sem maiores perspectivas no local, continuam reproduzindo a vida da Antiga Soberbo – migrando para os centros urbanos. A ausência do Plano de Reativação Econômica, como proposto, e as dificuldades das famílias de conseguirem produzir e reproduzir econômica, social e culturalmente inviabilizam a adaptação dos moradores, os quais, após esses anos, ainda vivem em total dependência do consórcio. Esse, por sua vez, entregou o distrito para o município;

contudo, é de suma importância ressaltar que tramita em justiça uma luta pelo processo de reativação econômica que dê mais segurança e garantia de sobrevivência aos moradores reterritorializados.

Muito do que se espera do futuro pode ser captado na fala dos atingidos, os quais, sem esperança, não remetem a um futuro próspero. “Eu acho que daqui uns anos isso aqui não vai ser nada, só gente velha!” e “daqui uns cinco a 10 anos, essas casas vão estar tudo caindo, muita gente passando necessidade, como já tem hoje” são falas que apresentam uma futura deterioração do que hoje é considerado um distrito bonito e com características mais urbanizadas. O futuro aqui projetado não se diferencia muito da realidade que existia na Antiga Soberbo, antes da chegada do empreendimento: um distrito marginalizado e deteriorado pela ação do tempo e pela falta de recursos dos seus moradores em preservar as antigas construções existentes, muitas delas herdadas de parentes já falecidos.

Considerações Finais

Este trabalho apresenta as contradições do processo de modernização do país, evidenciando por meio dos processos de desterritorialização/reterritorialização que engendram a implantação de construção de hidrelétricas a forma como o moderno se impõe sobre o tradicional, transformando o atrasado em atual, o antigo em novo, mas não sendo capaz de incluir aqueles que já são excluídos da modernidade. Nova Soberbo é falada a partir das lembranças da Antiga Soberbo, pelos seus modos e pelas suas condições de vida e pelo que foi perdido no decorrer do processo. Pelas falas dos moradores parece haver um caráter idílico, romântico, quando esses se remetem à antiga localidade de residência. Esse fato é evidente, visto que eles remetem a um lugar importante para suas vidas e que não existe mais. O processo de deslocamento/assentamento vivido marca a chegada a um espaço novo, que, almejado pela comunidade, impôs a desterritorialização e reterritorialização. Um dos desafios é fazer com que a memória e a vida dessas pessoas deem conta de preencher os espaços de significados sociais perdidos a partir desse processo vivido. Do antigo lugar ficaram apenas as lembranças.

Pôde-se perceber que nesse processo o espaço é visto e apropriado em razão do capital. Sendo assim, a ação do poder hegemônico remete a um espaço aniquilado e empobrecido para o pleno uso e ao mesmo tempo formalizado e mobilizado para a troca, como mercadoria. Observou-se que de um lado tem-se o processo de re/produção capitalista do espaço com seus interesses e anseios pela modernidade e progresso e de outro os “atingidos” ameaçados e marcados pelas perdas/ganhos decorrentes. É a partir desse processo que surgem os conflitos e as tensões, remetendo, necessariamente, às análises das contradições aqui apresentadas.

Em relação ao resultado desta pesquisa, tornou-se visível que a implantação de um projeto hidrelétrico gera consequências muito maiores do que aquelas previstas nos seus estudos de impactos. Esses projetos rompem com costumes, práticas sociais e modos de vida em razão do uso e da apropriação do espaço para fins particulares. Assim, acreditando na complexidade desse tema e na atual repercussão sobre os novos preceitos do governo brasileiro em acelerar o crescimento do país, fica aqui a reflexão sobre os resultados colhidos e um convite a repensar as formas como esses empreendimentos são implantados. Sem pretender anular a sua importância, notou-se que as consequências desses processos são provenientes da busca pelo lucro, que impede maiores preocupações com o futuro daqueles que são atingidos. Repensar tais formas significa mais custos ao empreendedor, que parece ainda não ter sensibilidade para compreender a complexidade que envolve um processo deslocamento/reassentamento.

Referências Bibliográficas

- ACSERALD, H. Apresentação. In: ZHOURI, A. et al. (Eds.) *A insustentável leveza da política ambiental - desenvolvimento e conflitos socioambientais*. Belo horizonte: Autêntica, 2005.
- BARROS, J. N.; SYLVESTRE, Marie-Eve (orgs.). *Atingidos e barrados: as violações e direitos humanos na hidrelétrica Candonga*. Rio de Janeiro: Justiça Global, 2004. 112p.
- BENJAMIN, C. e RIBEIRO, R. T. Descaminhos do setor elétrico, ou o hospício Brasil. *Economia e política econômica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. 14p. Disponível em: < <http://www.contrapontoeditora.com.br/arquivos/artigos/200709271802240.Hospicio%20do%20brasil.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERMANN, C. Energia, patrimônio ambiental e a sustentabilidade no Brasil. In: RIBEIRO, W. C. (Org.). *Patrimônio ambiental brasileiro*. São Paulo: EDUSP/IDESP - Imprensa Oficial de São Paulo, 2003. p. 243 - 282.

BRASIL, Agência Nacional e Energia Elétrica. *Atlas de energia elétrica do Brasil*. 3. ed. Brasília, 2008.

CAVALCANTI, H. *O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo*. In: BURITY, J.A. (org.). *Cultura e identidade - perspectivas multidisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DAMIANI, A. As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço. In: DAMIANI, A.; CARLOS, A. F.; SEABRA, O. C. de L. (Orgs.). *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 48-66.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1 ed. 13 reimpre. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDEENS, A. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 156 p.

_____. Entrevista com Anthony Giddens. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 291-305, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2002/1141>>. Acesso em: 3 mar. 2008.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 396 p.

_____. LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. In: etc, espaço, tempo e crítica. *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Sociais e outras coisas*. Rio de Janeiro, vol. 1. n° 2, p. 39 - 52, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf>. Acesso em: 16 set. 2014.

LINS RIBEIRO, G. S. Proyectos de gran escala: hacia um marco conceptual para el análisis de una forma de producción temporária. In: BARTOLOMÉ, L. I. (Ed.). *Relocalizados: antropologia social de las poblaciones desplazadas*. Buenos Aires: Ediciones DEL IDE, n.3, 1985.

LUDWIG, M. P. Para além da paisagem: a modernidade que ameaça submergir o lugar. In: ROTHMAN, F. (Ed.), *Vidas alagadas: conflitos socioambientais licenciamento e barragens*. Viçosa-MG: UFV, p. 235-253, 2008.

_____. *Descortinando a paisagem - a construção social do espaço e o sentido de lugar: uma comunidade rural da Zona da Mata de Minas Gerais nos umbrais do Século XXI*. 2003. 239 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MAB. Hidrelétricas no Rio Madeira: energia para quê e para quem? *Rondônia: Cartilha de estudo do MAB*. 2007, 24 p.

MARICATO, Ermínia. *Enfrentando desafio: a política de habitação e desenvolvimento urbano da Prefeitura de São Paulo, 1989/1992*. 1997. 116 f. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997

Martins, J de S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Contexto, 2008. 176 p.

_____. Reflexão crítica sobre o tema da exclusão social. In: _____. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MEDEIROS, R. M. V. Re-territorialização e identidade. o significado dos assentamentos para a economia dos municípios: os casos de Hulha Negra, Aceguá e Candiota na campanha gaúcha (RS). In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 9, 2007, Porto Alegre: UFRS, *Los problemas del mundo actual. Soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales*. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/rosamed.htm>>. Acesso em: 25 set. 2014.

MESZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002. 1104p.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.

REZENDE, L. P. *Dano moral e licenciamento ambiental de barragens hidrelétricas*. Curitiba: Juruá, 2008.

ROTHMAN, F. D. Política ambiental e lutas de resistência a barragens em Minas Gerais: um estudo de caso. *Raízes*. Campina Grande, PB, v. 21, n. 1, p.45-52, 2002.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 4 ed., 2006.

SCHERER-WARREN, I.; REIS, M. J. BLOEMER, N. M. Alto Uruguai: migração forçada e reatualização da identidade camponesa. *Travessia Revista do Migrante*. São Paulo, v. 2, n.6, jan/ abril, 1990.

SIGAUD, L. M. Implicações políticas e sociais de grandes projetos hidrelétricos sobre as populações indígenas e camponesas. *Instituto de estudos avançados*. Coleção documentos, série ciências ambientais. São Paulo: USP, n.16, mar, 1994.

_____. Efeitos de grandes projetos hidrelétricos: as barragens de Sobradinho e Machadinho. In: ROSA, L. P.; SIGAUD, L.; MIELNIK, O. (Org.). *Impactos de grandes projetos hidrelétricos e nucleares: aspectos econômicos, tecnológicos, ambientais e sociais*. São Paulo: Marco Zero, p. 83-166, 1988.

SILVEIRA, Caio Márcio; Reis, Liliane da Costa. *Desenvolvimento local: dinâmicas e estratégias*. Rio de Janeiro: RITS, 2001.

SOUZA, M. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. et al. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TOURAINÉ, A. *Crítica da modernidade*. Elia Ferreira Edel (Trad.). Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. 390 p.

VAINER, C. Recursos hidráulicos: questões sociais e ambientais. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 21, n. 59, São Paulo, jan/abr, 2007.

ZHOURI, A. et al. Uma sociologia do licenciamento ambiental: o caso das hidrelétricas em Minas Gerais. In: ZHOURI, A., et al. (Orgs.). *A insustentável leveza da política ambiental - desenvolvimento e conflitos socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 89-116, 2005.

_____; OLIVEIRA, R. Paisagens industriais e desterritorialização de populações locais: conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos. In: ZHOURI, A., et al. (Orgs.). *A insustentável leveza da política ambiental - desenvolvimento e conflitos socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 49-64, 2005.

WORLD COMMISSION ON DAMS – WCD. Barragens e desenvolvimento: um novo modelo para tomada de decisões. *Relatório da comissão mundial de barragens*. London: Earthscan Publications, 2000.

Recebido para publicação em 15/1/2016 e aprovado em 10/8/2016.

⁴ Desde o século XIX, em razão do crescente ritmo de integração do sistema mundial, se passou a requerer e utilizar uma ideologia que poderia dar sentido às posições desiguais do sistema, como também fosse capaz de promover aos povos situados em condições de nível inferior um “entendimento” sobre a situação deles e fazê-los acreditar que existia uma saída para a situação de “atraso”. Segundo Lins Ribeiro (1992), “a terminologia desenvolvimento envolve o uso de metáforas que se referem ao espaço ou a ordem de maneira hierárquica: desenvolvimento/ subdesenvolvimento, avançado/ atrasado, Primeiro Mundo/ Terceiro Mundo, etc.”

⁵ José de Souza Martins diz que a modernidade na América Latina, especialmente no Brasil, recebe um tom que não é o seu, não é a sua expressão mais pura, fina. Apresentar-se-á o que ele diz acerca disto: “a modernidade nos chega, pois pelo seu contrário e estrangeira como expressão do ver e não como expressão do ser, do viver e do acontecer. Chega como uma modernidade epidêmica e desconfortável sob a forma do fardo nas costas do escravo negro ele mesmo negação do capital e do capitalismo, embora agente humano e desumanizado do lucro naquele momento histórico” (2008, pg. 24).

⁶ Geertz (2008) definiu a cultura como o sistema de símbolos significantes partilhados socialmente, os quais sustentam a construção de mundo dos grupos sociais e não apenas padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, hábitos. Para o autor, a cultura é um conjunto de “modelos de” representação do mundo e da realidade, mas também um conjunto de “modelos para” agir no mundo (padrões, guias para a ação).

⁷ Apesar de Martins fazer referência aos migrantes, considerando que os atingidos deverão se deslocarem, torna-se pertinente a observação do autor: “Nem todos os migrantes são um problema social, mas na migração está envolvido, sem dúvida, um problema social. Onde está o problema social? Está na reinclusão, no problema da dificuldade da inclusão, na forma patológica da inclusão” (MARTINS, 2003, p.127, grifos das autoras).

⁸ Lefebvre opõe os conceitos de habitar e habitat: “No final do século XIX, um pensamento (se é possível dizer) urbanístico, tão forte quanto inconscientemente redutor, pôs de lado e literalmente entre o parêntesis o habitar. Ele concebeu o habitat, função simplificada, restringindo o ser humano a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se. Nem ao menos se pode dizer que os atos funcionais elementares sejam animais. A animalidade tem uma espontaneidade mais complexa” (LEFEBVRE apud HAESBAERT, 2011, p.80).

⁹ Aqui os sistemas peritos são descritos pelos engenheiros, doutores e estudiosos que trabalham na empresa construtora do empreendimento. Nos termos de Giddens (2000), esses sistemas peritos representam aquelas pessoas dotadas de competência profissional que, por meio da informação técnica, ganham a confiança dos envolvidos no processo, os atingidos.

Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná (UFPR): quando o tempo do lazer é o tempo de fazer política pública para a cultura

Ronaldo de Oliveira Corrêa¹; Romilda Aparecida da Silva²

Resumo: O objeto desse texto é o Festival de Inverno da UFPR em Antonina-PR. Esse festival é uma política cultural executada pela Universidade Federal do Paraná com o objetivo articular as práticas de pesquisa, ensino e extensão universitária com os processos coletivos de participação cidadã nas políticas públicas. Essa política cultural tem como metodologia a ação em três eixos: as oficinas, os espetáculos e as atividades de formação. Os três eixos têm por função constituir diferentes espaços de aprendizagem, reflexão crítica, produção e apreciação dos bens e conteúdos culturais. Pela sua perenidade - 26 edições sem interrupção - como atividade de estímulo e apoio a diferentes práticas, orientações estéticas e culturais, e por tomar como território físico a cidade de Antonina-PR, o festival é um patrimônio do litoral do Paraná. Tem-se como resultado o estímulo das práticas e manifestações da cultura popular e multicultural, construindo um território simbólico das trocas estéticas que permitem discutir as trocas políticas. Dessa forma, o Festival estabelece como conclusões, o princípio ético, de estímulo e garantia da socialização, do encontro multicultural, geracional e de gênero, na medida em que esses processos de compartilhamento de espaços, temas e práticas permitam a democratização da cultura e da educação, a inclusão social e a valorização dos direitos humanos.

Palavras-chave: Políticas Culturais. Diversidade. Cidadania Cultural. Festival de Cultura.

Área Temática: Cultura, Direitos Humanos, Educação.

Winter Festival of UFPR: when leisure time is time to make public policies for culture

Summary: The Winter Festival of UFPR in Antonina-PR is a cultural policy implemented by the Federal University of Parana with the intent of articulating practices of research, teaching and university extension with the collective processes of citizen participation in public policies. This university cultural policy acts in three axes: workshops, performances and formation activities. The role of these three axes is to form different spaces of learning, critical reflection, production and appreciation of cultural goods and contents. We understand the Festival as a cultural heritage of the region of the coast of Parana. This is due to its longevity - 26 years without interruption - as an activity of stimulus and support of different practices, cultural and aesthetic orientations, taking as physical territory the city of Antonina-PR. This city, with a tradition of practices and expressions of popular and multicultural culture, becomes a symbolic territory of the aesthetic changes that allow the discussion of policy changes. As its purpose, the Festival has as an ethical principle to encourage and ensure the socialization, multicultural, generational and gender encounter, to the extent that these space, theme and practice sharing processes allow the democratization of culture and education, social inclusion and appreciation of human rights.

Keywords: Politics for Culture. Diversity. Cultural Citizenship. Culture Festival.

¹ Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço: Travessa Alfredo Bufren, 140 - 3º andar - Bairro Centro - CEP 80.020-240. Curitiba-PR. Telefone: (41) 3310 2631. E-mail: rcorrea@ufpr.br

² Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: romilda@ufpr.br

Festival del Invierno de la UFPR: cuando le tiempo de ocio es tiempo de hacer política pública para la cultura

Resumen: *EL objeto de ese artículo es el Festival del Invierno da la UFPR en Antonina-PR. Ese festival es una política cultural de la Universidad Federal del Paraná que tiene como objetivo la articulación de las prácticas universitarias con los procesos colectivos de participación ciudadana en las políticas públicas. Esa política pública tiene como metodología la acción en tres ejes: los talleres, las presentaciones artísticas y las actividades de formación. Esos ejes tienen por propósito construir diferentes espacios de aprendizaje, reflexión crítica, producción e apreciación de los bienes y contenidos culturales. Su perennidad - 26 ediciones sin interrupción - como actividad de estímulo y apoyo a diferentes producciones culturales, orientaciones estéticas y culturales, y por ocupar Antonina-PR, el festival es un patrimonio del Litoral. Tenemos como resultados el estímulo a las prácticas y manifestaciones de la cultura popular e multicultural, construyendo un territorio simbólico donde los cambios simbólicos estimula e reflejan los cambios políticos. Al modo de conclusión, el Festival establece el principio ético, a medida en que el compartir espacios, temas y prácticas permitan la democratización de la cultura y de la educación, la inclusión social y la valorización de los derechos humanos.*

Palabras clave: *Política para la cultura. Diversidad. Ciudadanía Cultural. Festival de Cultura.*

Introdução

Esse texto tem por objetivo apresentar o Festival de Inverno da UFPR em Antonina-PR como uma ação para a cultura, formulada e executada no âmbito universitário, com o propósito de garantir o direito a bens e conteúdos que consolidam um tipo de cidadania cultural. Essa ação criada em 1991 como uma atividade inaugural voltada para arte e a cultura popular, da recém-criada Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR³, foi reestruturada em 2013 a partir da articulação entre o projeto do Festival de Inverno da UFPR e as diretrizes estabelecidas no Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.345, de 9 de dezembro de 2010), do Plano Nacional de Educação (Lei Nº13.005/2014) e do Plano Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2001).

O Festival é uma política cultural executada pela Coordenadoria de Cultura, unidade vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o propósito de articular as práticas de pesquisa, ensino e extensão com os processos coletivos de participação cidadã nas políticas públicas. Caracteriza-se por ser um programa de extensão universitária com atividades ao longo do ano, por meio de projetos vinculados, e de um evento que acontece no decorrer de uma semana na cidade de Antonina, no litoral do Paraná⁴. Esse caráter de programa de extensão para a área temática da cultura permite a formulação de atividades diversas que incluem espetáculos de música e dança, teatro e *performance*, assim como atividades de formação e entretenimento⁵.

Essa política cultural universitária tem por base um projeto gerador que é discutido anualmente de forma horizontal com os grupos e coletivos de produção artística, a sociedade civil organizada, as escolas municipais e estaduais do território do litoral e a equipe de técnicos e técnicas da Coordenadoria de Cultura da UFPR⁶. Tal processo constitui diferentes espaços de aprendizagem, reflexão crítica, produção e apreciação dos bens e conteúdos culturais, assim como um maior envolvimento desses coletivos e instituições no debate e efetiva realização do evento/programa.

A (re)construção do projeto gerador se dá a partir da adesão ao deslocamento do conceito de cultura e de cidadania presente no Plano Nacional de Cultura (PNC), Plano Nacional de Educação (PNE) e no Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEU). Tal deslocamento se apoia no questionamento a respeito da relevância das instituições (como as Universidades Públicas), na formulação e execução de políticas para a cultura e na proposição de marco regulatório que garanta as dinâmicas socioeconômicas de produção cultural, seu acompanhamento e crítica, mesmo que em uma escala reduzida. Esse marco regulatório é instrumentalizado por princípios e diretrizes que dão base para uma política de Estado a favor da ideia de cidadania cultural e educação plena em uma sociedade intercultural como a brasileira.

O conceito de cultura é pensado a partir da perspectiva antropológica. Dessa forma, entende-se a cultura não somente como um conjunto de bens estéticos da cultura oficial - o que nos conduziria a uma perspectiva patrimonialista - e sim como as práticas cotidianas - ordinárias e rituais - e suas produções de corpos e artefatos, práticas e imaginações (CHAUÍ, 2008). Entender a cultura como uma articulação entre o simbólico, o social e o econômico, ajuda a atentar e criticar, no projeto gerador

do Festival de Inverno, o romantismo com o qual os bens e conteúdos culturais são operados no âmbito da cultura oficial e das políticas públicas. Ajuda, ainda, na desconstrução do idealismo vinculado ao mercado simbólico do cultural, seja esse monetário ou baseado na distinção social que ordena o acesso e os interesses em conteúdos e bens, e sua produção, circulação e consumo/uso⁷.

Para a constituição do conceito de cidadania cultural toma-se como base a ideia de que os cidadãos – entendidos como sujeitos sociais e políticos – têm na cultura uma forma de acessar direitos fundamentais como a educação plena e a dignidade (FLORES, 2009). A cidadania cultural, pensada como um conceito articulador entre direitos e deveres do indivíduo em face de sua comunidade e de uma comunidade em face de outra (LEITÃO, 2014) impõe ao Estado um deslocamento no sentido de garantir as condições necessárias para a (re)produção de práticas coletivas e individuais éticas e estéticas de diversas configurações.

Com isso, entende-se que a cidadania cultural é uma estratégia conceitual e política para desconstruir os dispositivos de dominação e discriminação, exclusão e marginalização, sejam esses culturais ou políticos, econômicos ou sociais existentes na realidade cultural brasileira (RUBIO, 2014). Ademais, é uma possibilidade para a construção da participação de atores e coletivos sociais na vida política e cultural do país. Essa abertura do conceito de cidadania cultural nos permite refletir sobre “qual Cultura [sic] queremos produzir e vivenciar nos próximos dez anos” (MinC, 2012:08), ou ainda, formular políticas públicas que possam “(...) assegurar o total exercício dos direitos culturais dos brasileiros e das brasileiras de todas as situações econômicas, localizações, origens étnicas e faixas etárias” (MinC, 2012:08).

Ao encarar a cultura como uma construção social – por ser coletiva e compartilhada -, relacional e situada, explicitam-se as relações diretas dessa com a história e com a política. Pensar nesses termos possibilita, ainda, problematizar as questões contemporâneas que envolvem a cultura enquanto bem e conteúdo, prática e política; dito de outra forma, como um campo potencial para o exercício das vivências interculturais e a consolidação da ideia de diversidade cultural. O conceito de cultura articulado à ideia de cidadania cultural evidencia as práticas e estéticas situadas que explicitam as descontinuidades e transformações por que passa a produção cultural em um contexto determinado - o brasileiro; explicitam as diferenças transformadas em desigualdades, que atravessam o tema da cultura, e as pretensões de hegemonia e controle de estéticas e práticas humanas.

Esse debate conceitual se operacionaliza na ação Festival de Inverno da UFPR a partir da socialização do conhecimento artístico com vistas à integração dos variados grupos produtores e fruidores que constituem a sociedade local às políticas culturais nacionais; do estímulo à vivência multicultural e interdisciplinar dos bens e conteúdos culturais, promovendo a inclusão de temas e práticas estéticas de grupos e coletivos culturais e comunitários; de servir como uma política cultural de democratização dos saberes científicos e artísticos com o propósito de valorizar tais saberes, gerar o debate sobre a diversidade cultural e fortalecer os processos de participação cidadã nas políticas públicas e de construir prática de acesso aos bens e conteúdos culturais, de respeito aos direitos humanos à educação plena e plural⁸.

Entende-se o Festival como patrimônio vivo da região do litoral paranaense⁹ pelo fato de sua perenidade – 25 edições sem interrupção - como atividade de estímulo e apoio a diferentes práticas, orientações estéticas e culturais e por tomar como território físico a cidade de Antonina-PR. Essa cidade, que possui longa tradição nas práticas e manifestações da cultura popular e multicultural, converte-se em território simbólico das trocas estéticas que permitem discutir as trocas políticas feitas nesse processo.

Metodologia e Avaliação do Projeto

O Festival de Inverno da UFPR em Antonina-PR é um programa de extensão universitária que realiza, entre outras atividades, um evento de uma semana com periodicidade anual no recesso escolar, há 25 anos¹⁰. O evento Festival tem feito parte da vida da Cidade de Antonina, no que toca as possibilidades de integração social pelas práticas artísticas e culturais. De igual forma, faz parte da vida da comunidade universitária (professores, técnicos e estudantes) no que diz respeito à vivência extensionista e à integração da Universidade com a sociedade.

Ao entender a Universidade como um ator social que promove o desenvolvimento regional, por meio de projetos e ações para a educação e cidadania, os objetivos do projeto/evento são apresentados, de forma a executar as diretrizes e valores que lhe dão base, a saber:

a) Criar um espaço aberto, gratuito e alternativo de práticas e reflexão crítica, de apreciação e produção artístico-cultural no território do litoral do Paraná, pensado a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão universitária e das políticas públicas para a cultura;

b) Ofertar gratuitamente espetáculos de música instrumental/erudita e apresentações de conteúdos e bens que valorizem e promovam a diversidade cultural do país, em especial, do território do litoral do Paraná, com o propósito de intensificar a circulação de espetáculos e atividades artísticas fora da capital do estado;

c) Ofertar gratuitamente atividades de formação, como oficinas de música instrumental/erudita, artes cênicas, dança, artes visuais, literatura e artesanato, assim como de temas vinculados à cultura, gestão cultural, patrimônio cultural e demais áreas da cultura para a população local, em especial, artistas e produtores culturais que atuam na região do litoral do Paraná, com o propósito de aprimoramento profissional no setor cultural;

d) Ofertar gratuitamente cursos e treinamentos de aperfeiçoamento profissional, no que diz respeito a métodos e técnicas das áreas de formação artística e cultural para professoras e professores das redes públicas municipal e estadual, assim como para educadoras e educadores populares e agentes culturais do litoral do Paraná, com o propósito de elevar a qualidade do ensino nos temas relacionados à cultura, ao patrimônio cultural e à arte¹¹.

De forma geral o evento Festival tem como eixos: as oficinas, os espetáculos e as atividades de formação. Por oficinas, entendem-se as atividades lúdicas e artísticas para crianças, jovens e adultos; por espetáculos, a programação com artistas locais e aqueles de reconhecimento nacional; por atividades de formação, o apoio e estímulo à formação e a capacitação das(os) professoras(es) das redes municipal, estadual e da educação especial, somado às associações de bairros, grupos/coletivos de artistas, agremiações carnavalescas e de folclore, entre outros.

Dessa forma, o Festival de Inverno da UFPR, em Antonina-PR, é entendido e operacionalizado como um tempo/espaço de troca intensa e intercultural, onde as vivências políticas, éticas e estéticas são mediadas pelo encontro e a confraternização entre a sociedade e a comunidade acadêmica, com o propósito de construir a cultura como espaço de conhecimento e vivência dos direitos humanos e da educação plena e plural.

O Programa de Extensão Festival de Inverno da UFPR em Antonina, registrado sob o código 129/14, no Sistema Integrado de Gestão da Extensão Universitária (SIGEU-UFPR), tem como uma das ações o evento "Festival de Inverno da UFPR". Sua avaliação institucional se dá por meio da apreciação pelo Comitê Assessor de Extensão (CAEX) – formado por professores e professoras, discentes e técnicos administrativos da UFPR - dos relatórios anuais submetidos à plataforma SIGEU.

O relatório é constituído pela apresentação da proposta e seus objetivos, sua justificativa e metodologia, os recursos humanos da UFPR e de instituições parceiras, a descrição das atividades realizadas no ano, o detalhamento dos produtos e publicações, ações e objetivos alcançados. Esse relatório é documentado com imagens, arquivos e material que comprovam a realização das ações e informam as estratégias para sua execução e avaliação.

Tal documentação é, então, avaliada respeitando os princípios do Plano Nacional de Extensão Universitária (2001) que dispõe sobre a avaliação desses projetos e programas a partir de três níveis inter-relacionados: "1. O compromisso institucional para a estruturação e efetivação das atividades de extensão; 2. O impacto das atividades de extensão junto aos segmentos sociais que são alvos ou parceiros dessas atividades; 3. Os processos, métodos e instrumentos de avaliação das atividades de extensão" (FORPROEX, 2001, p. 28).

Complementar a esse procedimento, a avaliação da equipe da Coordenadoria de Cultura explicita que, na dimensão simbólica, consegue-se socializar gratuitamente o conhecimento artístico com vistas à integração dos grupos produtores e fruidores que constituem a sociedade do litoral do Paraná às políticas culturais nacionais. Com isso, valoriza-se e divulga-se a produção cultural local de forma a fortalecer os laços de identidade, a autoestima desses artistas e coletivos daquele território. Por outro lado, são fortalecidas as instituições de ensino formais e informais aproximando as professoras e os professores dos bens e conteúdos culturais locais e regionais para a manutenção das expressões culturais do litoral do Paraná.

No âmbito da economia para a cultura, intensifica-se a formação e o aprimoramento profissional no setor cultural; amplia-se o acesso de uma determinada população aos bens e conteúdos culturais, bem como, proporciona-se o desenvolvimento local e, conseqüentemente, regional, por meio do

reconhecimento e consolidação do litoral do Paraná como um território criativo. O Festival de Inverno da UFPR potencializa essa região como um destino turístico com vocação cultural associado à preservação do patrimônio histórico e desenvolvimento sustentável.

No que toca à dimensão cidadã, o Festival de Inverno da UFPR contribui para a consolidação das práticas democráticas de valorização da produção intercultural que tratam do tema da diversidade por meio da participação social na formulação, execução e fiscalização das ações para a cultura em âmbito local, regional e nacional. Isso se dá por meio da organização e da participação dos grupos locais junto aos técnicos da UFPR nas reuniões para a formulação da proposta do Festival e suas ações; exigência de melhoria da infraestrutura cultural do município de Antonina-PR; e a garantia e ampliação de acessibilidade às pessoas com deficiências e idosos nas atividades e ações.

Dessa forma, institucionalizar as ações para a cultura por meio dos dispositivos da extensão possibilita concebê-las como um processo orgânico e contínuo de articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão na mobilização de uma relação transformadora entre universidade e sociedade, atendendo assim, às orientações do Fórum de Pró-Reitores de Extensão - FORPROEX. Assim, busca-se orientar as ações para a cultura a partir de uma metodologia de acompanhamento e avaliação de atividades já estruturada no âmbito da UFPR.

Resultados

Como alguns dos resultados do “Festival de Inverno da UFPR”, apresentamos os dados quantitativos e qualitativos. No ano de 2015, foram realizadas 25 apresentações musicais (nos gêneros erudito, instrumental e popular); 03 apresentações de dança (clássico e contemporâneo); 27 oficinas (abrangendo as diferentes categorias, como infantil, adulto, aprimoramento, arte-educação que foram executadas com ministrantes oriundos de diversas regiões do país); 03 vivências (vinculadas a projetos e programas de extensão e pesquisa da UFPR) e 12 atividades paralelas (entre exposições, passeios ciclísticos, mostra de cinema, lançamentos de livros, palestras, entre outros, promovidos pela UFPR e demais parceiros).

A descrição das atividades pode ser verificada no caderno de “Programação Geral” ou no *site* do evento¹². Contou-se, ainda, com um dia de atividades paralelas realizadas pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), de forma a proporcionar maior integração das instâncias de representação estudantil e o Festival de Inverno da UFPR.

Para promover a democratização dos conteúdos e vivências culturais no/pelo Festival de Inverno da UFPR, estabeleceu-se o diálogo com os coletivos que representam os diferentes setores da sociedade de Antonina. Isso, para realizar o planejamento e gestão do Festival de forma participativa e plural. Foram realizadas reuniões mensais, no período de fevereiro a julho, nas quais foram tratados o tema, a programação, a atmosfera gráfica, a infraestrutura e os projetos de extensão vinculados ao festival. As Associações de Bairro foram convidadas a se tornarem parceiras na descentralização das atividades e as escolas (urbanas e rurais) fizeram parte do Festival, não apenas no processo de descentralização física, mas também formulando e executando atividades que envolveram as metodologias discutidas no decorrer do processo de formação¹³.

As oficinas e demais atividades foram oferecidas sem custos para a população/participante das atividades (incluindo inscrição e material necessário para a realização da atividade). Os espetáculos foram realizados em espaços públicos e de forma gratuita, mesmo quando necessária a restrição de público em função da segurança ou acessibilidade.

Nessa edição, para efetivar a descentralização das atividades, foi realizada uma das apresentações na Igreja de São João Batista – no bairro do Batel. Tal apresentação contou com a mobilização daquela comunidade na organização e divulgação da atividade. Experimentou-se, assim, outro modelo de ocupação da cidade e de participação da população de diferentes territórios simbólicos e físicos. O Festival se transformou em arena irradiadora (simbólica e física) de cultura e cidadania. O que se pretendeu com esse modelo foi a abertura à fruição de populações antes isoladas ou não envolvidas com as atividades, em especial aquela localizada na periferia.

Como parte dos resultados, houve a coleta e entrega de alimentos para instituições como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)¹⁴

Além disso, contou-se com o apoio ao grupo de mulheres da Associação de Moradores do Bairro do Batel (AMBB), que por meio do projeto “Criar de Corte e Costura da AMBB”, desenvolveu e produziu

as sacolas que contiveram os *kits* do Festival de inverno, como pode ser verificado na postagem do evento nas redes sociais, ou ainda na página da AMBB¹⁵. Esse processo foi resultado do envolvimento da Associação de Bairro nas reuniões, sendo esse protagonista dos encaminhamentos e decisões sobre as ações a serem desenvolvidas no Festival de inverno.

Atentar para as questões ambientais na realização de eventos como o Festival de Inverno da UFPR, significa explicitar as consequências não só ambientais, mas também aquelas socioculturais decorrentes da reunião de um número considerável de pessoas por um período de tempo curto, na Cidade de Antonina-PR. As medidas preventivas a impacto ambiental foram realizadas como contrapartida da Prefeitura Municipal de Antonina-PR, de acordo com o Termo de Cooperação Técnica firmado entre a Prefeitura Municipal de Antonina e a UFPR. Entre outras medidas, realizou-se a disponibilização de banheiros químicos, lixeiras e a manutenção dos serviços de limpeza pública e coleta de lixo.

Com relação às questões socioculturais que desdobram em medidas de impacto ambiental, em 2015 foram desenvolvidas atividades como a oficina de bioarquitetura que tratou das formas que o ambiente construído pode influenciar as formas de vida local, atentando para a relação de uso dos materiais e dos espaços. Junto à oficina, foi realizada uma mesa-redonda sobre o tema da bioarquitetura e do patrimônio cultural para discutir os usos do ambiente construído relacionado às políticas de patrimônio nacionais e regionais. Essa mesa-redonda contou com a participação do Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Paraná, o arquiteto José La Pastina Filho.

O estímulo ao turismo e, conseqüentemente, à projeção da cidade como um lugar para visitação e entretenimento foi outra estratégia para a reflexão a respeito das questões ambientais. Para isso, foram realizadas oficinas de roteiros turísticos em Antonina. Outra iniciativa foi uma vivência intitulada "Litoral Paranaense: uma experiência dos sentidos", desenvolvida por estudantes do curso de Turismo da UFPR.

A maior circulação de pessoas ajuda a dar visibilidade ao patrimônio paisagístico do território de Antonina-PR, movimenta o comércio e o setor de serviços de recepção e hospedagem. Para tanto, foram realizadas vivências que estimulassem as experiências com a cultura litorânea (elementos da paisagem, as comidas e produtos típicos, os hábitos e práticas locais), como o tema da educação ambiental por meio da oficina pintura com solos, que teve por tema as paisagens da cidade.

Foram desenvolvidas ações para que a acessibilidade às atividades pudesse ser realizada na medida do possível. Entre elas, criou-se o projeto de sinalização/orientação dos espaços, no qual as atividades foram realizadas. Tal projeto foi desdobrado em informações disponibilizadas no site do evento, como as formas de acesso à cidade e aos lugares de atividades. Junto a isso, a acessibilidade física foi uma preocupação no momento em que o Festival foi descentralizado e multi-sede. Para os espaços físicos onde as atividades aconteceram, contou-se com a estrutura já existente na cidade. A estratégia de descentralização pretendeu alcançar aqueles grupos e populações que não tinham acesso aos conteúdos e bens culturais. Tudo isso no intuito de incluir os diferentes segmentos da sociedade e democratizar de forma gratuita a produção cultural.

Entendeu-se que o projeto de acessibilidade urbana é um debate que deve envolver a população, o poder público e a equipe de organização. Entendeu-se, ainda, que uma cidade acessível deva fazer parte de um planejamento complexo recente. Todavia, pretendeu-se levar o debate para o âmbito da proposta do Festival, que passou a ser mais um eixo, no qual a reflexão, pesquisa e extensão universitária apoiaram a tomada de decisão para as políticas públicas realizadas. No que toca a possibilidade de qualquer público fruir o Festival, verificou-se algumas limitações, que foram problematizadas e compartilhadas com a sociedade civil organizada e o poder público de Antonina, com o propósito de estabelecer um levantamento desses pontos e estudo das estratégias para futuros encaminhamentos.

Como estratégia para promover a democratização dos conteúdos e vivências culturais promovidas no/pelo Festival de Inverno da UFPR, estabeleceu-se o diálogo com os coletivos que constituem/representam os diferentes setores da sociedade de Antonina. A finalidade disso foi realizar o planejamento e gestão de forma participativa e plural, tendo como motivação a integração da comunidade no processo de reflexão sobre o Festival como bem cultural e, possivelmente, herança cultural do litoral.

No âmbito da difusão acadêmica o programa “Festival de Inverno da UFPR” e seus projetos vinculados foram apresentados e debatidos na Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (SIEPE) da UFPR¹⁶ que aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de outubro e também no 2º Congresso de Extensão da Associação de Universidades do Grupo de Montevideo (AUGM), que ocorreu entre os dias 9 e 12 de outubro na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP¹⁷.

Ainda no âmbito da divulgação para o público em geral, o Festival de Inverno foi tema do primeiro número do TOM_UFPR – Caderno de Ensaio¹⁸. A publicação foi uma ação de comunicação para a cultura realizada pela UFPR, que atende às diretrizes definidas pelo Ministério da Cultura (MinC) no Plano Nacional de Cultura (Lei N° 12.343/2010) para a disponibilização de informações em meios consolidados como o rádio e a TV, as revistas e os jornais, bem como aqueles ainda em consolidação, como as plataformas compartilhadas e as redes sociais em ambiente da internet. O primeiro número dessa publicação teve divulgação no âmbito da comunidade acadêmica por meio da UFPRTV e pelo programa UFPR Notícias de 24/08/2015¹⁹.

Acredita-se que as atividades realizadas repercutiram no cotidiano das comunidades de Antonina e da UFPR (servidores, professores e estudantes) de forma a instigar a integração e ação em atividades culturais e artísticas, promovendo o acesso aos bens e conteúdos culturais e estimulando as práticas interculturais de educação plena e direitos humanos.

Conclusão

Ao longo das suas 25 edições, gerações de crianças, jovens e adultos do litoral do Paraná são sensibilizadas e vivenciam práticas, conteúdos e bens culturais das mais diferentes orientações estéticas, a saber: música clássica e popular, artes visuais e *performances* teatrais, dança das diferentes tradições - desde a clássica àquelas populares do litoral. Além disso, conta-se com a formação e aperfeiçoamento, no que se pode chamar de inovação social/economia criativa²⁰. Dito de outra forma, o Festival serve de veículo para o debate e formação das habilidades e conhecimentos que dão suporte para a autonomia dos diferentes coletivos que constituem as sociedades litorâneas, com o propósito de transformação social desses territórios. Isso acontece por meio da construção participativa e horizontal dos temas e programação do Festival de Inverno da UFPR. Também inclui, em 2015, a prática de reuniões abertas e consultas públicas aos grupos organizados da sociedade civil (Associações de Bairro, Grupos/Coletivos de Artistas, Escolas Municipais e Estaduais, Administração Pública) sobre os temas de interesse e as necessidades locais.

Salientamos, ainda, o amadurecimento do debate interno a respeito da relevância social, econômica e, principalmente, política dos temas abordados nesse programa de extensão universitária, tais como diversidade e direitos culturais. Esse debate desdobrou-se na formulação e aprovação de outros projetos, por exemplo, Diversidade e Direitos Culturais, uma parceria entre a Coordenadoria de Cultura e a Coordenadoria de Políticas Sociais da UFPR, que pretende constituir uma rede de parceiros e um fórum de discussões sobre cidadania e cultura.

Portanto, o Festival viabiliza a integração de diferentes atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas na UFPR ao promover um espaço, no qual essas ações são exercitadas coletivamente. O desafio à comunidade acadêmica se localiza no compromisso ético de difusão dos conhecimentos produzidos no âmbito da Instituição. Somado a isso, a formação de práticas de cidadania da comunidade acadêmica, rompendo com as ideias preconcebidas de distanciamento estrutural da universidade pública com os coletivos que constituem a sociedade local e nacional.

Agradecimentos

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR por autorizar o uso dos dados e dar acesso aos documentos que dão base para esse texto.

Fontes de Financiamento

As atividades desenvolvidas no Programa de Extensão Festival de Inverno da UFPR em Antonina-PR foram realizadas com recurso financeiros institucionais, por meio de bolsas de extensão e bolsas Cem Anos, além de voluntariado acadêmico. Utilizou-se, ainda, recurso do Fundo Desenvolvimento Acadêmico (FDA), oriundo do edital interno de 2016. O FDA é um instrumento interno para financiamento de projetos e programas de interesse institucional no âmbito da UFPR.

Referências

CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia. In: *Crítica y emancipación: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*. Año 1, nº 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008. – ISSN 1999-8104.

FARACO, Carlos Alberto; KERSTEN, Márcia Schoulz de Andrade; FONTOURA, Márcia Simões da. "Festival de Inverno da UFPR em Antonina". In: *TOM*, caderno de ensaios. Curitiba: Coordenadoria de Cultura – PROEC-UFPR. Jan/ago 2015. Disponível em: <http://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1>. Acesso em: 15 de dez. de 2015.

FLORES, Joaquín Herrera. *A (re)invenção dos direitos humanos*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

FORPROEXT. *Sistema de Dados e Informações: Base Operacional de acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária*. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Rio de Janeiro: NAPE, UERJ, 2001. (Coleção Extensão Universitária; v.2).

LA PASTINA FILHO, José; ONO, Lia Mity; NARDI, Letícia "Festival de Inverno – Patrimônio vivo de Antonina". In: *TOM*, caderno de ensaios. Curitiba: Coordenadoria de Cultura – PROEC-UFPR. Jan/ago 2015. Disponível em: <http://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1>. Acesso em: 15 de dez. de 2015.

LEITÃO, Claudia Souza; GUILHERME, Luciana Lima. *Cultura em Movimento – Memórias e Reflexões sobre Políticas Públicas e Práticas de Gestão*. Fortaleza-CE: Ed. Armazém da Cultura, 2014.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *As Metas do Plano Nacional de Cultura*. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: MinC, 2012.

MIRANDA, Gabriel. "O início dos 25 anos de uma Semana Mágica". In: *TOM*, caderno de ensaios. Curitiba: Coordenadoria de Cultura – PROEC-UFPR. Jan/ago 2015. Disponível em: <http://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1>. Acesso em: 15 de dez. de 2015.

RUBIO, David Sánchez. *Encantos e desencantos dos direitos humanos: de emancipações, libertações e dominações*. Porto Alegre: Livraria do Advogado editora, 2014.

Recebido para publicação em 4/3/2016 e aprovado em 8/8/2016.

³ A constituição de uma Pró-Reitoria de Extensão e Cultura no período é encarada como uma forma de resistência à instalação da ideologia do "Estado Mínimo" que ocorreu a partir da década de 1990: intensificação da instalação do neoliberalismo no país, desarticulação dos equipamentos do Estado nas áreas de saúde, educação e previdência, desestruturação da ideia de cidadania em favor da articulação entre cidadania e consumo. Para um panorama das motivações que resultaram na criação do Festival de Inverno como uma política institucional com caráter de resistência universitária à política pública nacional do período dos anos 1990, ver os artigos "O início dos 25 anos de uma Semana Mágica" de Gabriel Miranda e "Festival de Inverno da UFPR em Antonina" de autoria de Carlos Alberto Faraco, Márcia Schoulz de Andrade Kersten e Márcia Simões da Fontoura, no periódico digital TOM, cadernos de ensaios de agosto de 2015 <http://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1>. Acesso em: 15 de dez. de 2015.

⁴ Os projetos vinculados tratam dos temas da memória, do registro e da formação, são eles: "Memória Gráfica do Festival de Inverno da UFPR em Antonina"; "Formação Docente Integrada ao Festival de Inverno da UFPR", e "Estratégias de Comunicação para o Festival de Inverno da UFPR em Antonina". O registro das atividades do evento/programa de extensão universitária Festival de Inverno da UFPR está disponível em: <www.proec.ufpr.br/festival2015>, <<https://www.facebook.com/FestivalDeInvernoDaUfpr/?fref=ts>> e em <<https://www.facebook.com/UFPRArteECultura/?fref=ts>>. Acesso em: 15 de dez. de 2015.

⁵ No documento do Plano Nacional de Extensão Universitária, a área temática da cultura é assim caracterizada: "Desenvolvimento de Cultura; cultura, memória e patrimônio; cultura e memória social; cultura e sociedade; folclore, artesanato e tradições culturais; produção cultural e artística na área de artes plásticas e artes gráficas; produção cultural e artística na área de fotografia, cinema e vídeo; produção cultural e artística na área de música e dança; produção teatral e circense; rádio universitária; capacitação de gestores de políticas públicas do setor cultural; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área" (Plano Nacional de Extensão Universitária, 2001).

⁶ O território do litoral do Paraná é assim definido em consonância com a caracterização de território criativo do Plano Nacional de Cultura, a saber, "(...) são bairros, cidades ou regiões que apresentam potenciais culturais criativos capazes de promover o desenvolvimento integral e sustentável, aliando preservação e promoção de seus valores culturais e ambientais" (PNC, 2012:40). O território do Litoral do Paraná abrange os municípios de Paranaguá, Pontal do Paraná, Guaraqueçaba, Matinhos, Guaratuba, Antonina e Morretes. A caracterização do território se deu pelo fato da UFPR estar presente com unidades avançadas nos municípios de Matinhos e Pontal do Paraná e com a presença do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR em Paranaguá, além de atividades de extensão e de pesquisa no município de Antonina. A UFPR atua como agente de desenvolvimento local e regional, ao ser protagonista nos debates sobre educação e cultura, saúde e políticas públicas, entre outros temas.

⁷ O entendimento do conceito de cultura está em consonância com a articulação entre as dimensões simbólica, cidadã e econômica apresentada do documento "As metas do Plano Nacional de Cultura" publicado pelo Ministério da Cultura em 2012. Nesse documento, as dimensões apresentadas são tomadas como princípios que conduzem o diálogo sobre os temas da diversidade cultural, do circuito de criação, circulação, consumo dos bens e conteúdos culturais, da educação e gestão pública, da participação social na formulação, execução e fiscalização das políticas públicas, assim como dos temas do desenvolvimento econômico e sustentável - inclusive do fomento e do financiamento da/ para a cultura.

⁸ Essas ações têm por objetivo alcançar aos grupos em situação de vulnerabilidade social, assim caracterizados a partir do Plano Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 (Decreto Nº 7.037/2009, atualizado pelo Decreto Nº 7.177/2010) e a Convenção sobre a Proteção da Diversidade das Expressões Culturais, adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO em 2005, e promulgada pelo Decreto Nº 6.177/2007 da Casa Civil da Presidência da República.

- ⁹ Com relação a esse caráter de patrimônio cultural, ver o texto "Festival de Inverno - Patrimônio vivo de Antonina", de autoria de José La Pastina Filho, Lia Mity Ono e Leticia Nardi do IPHAN, Superintendência do Paraná, publicado no TOM, caderno de ensaios de agosto de 2015.
- ¹⁰ Desde 2013 o Festival de Inverno da UFPR foi registrado como programa de extensão universitária no Sistema Integrado de Gestão da Extensão Universitária (SIGEU-UFPR). Esse registro foi resultado de um processo de avaliação e reestruturação do Festival de Inverno, que gerou o alinhamento do evento com as diretrizes e valores do Plano Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2001). Como desdobramento foi desenvolvido ao longo dos anos de 2014 e 2015 três projetos vinculados ao evento/ programa, já citados em nota, anteriormente.
- ¹¹ Projeto do Evento/ Programa Festival de Inverno da UFPR - versão 2015.
- ¹² Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/festival2015>>. Acesso em: 16 de dez. de 2015.
- ¹³ Disponível em: <<http://www.ufpr.br/portalufpr/blog/noticias/acoes-do-festival-de-inverno-ja-iniciaram-em-antonina/>>. Acesso em: 14 de dez. de 2015.
- ¹⁴ Disponível em: <<https://ufprtv.wordpress.com/2015/07/20/ufpr-noticias-200715/>>. Acesso em: 16 de dez. de 2015.
- ¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/FestivalDeInvernoDaUfpr?fref=ts>>. Acesso em: 16 de dez. de 2015. Ver também em: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.733414016785046.1073741904.302191956573923&type=3>>. Acesso em: 17 de dez. de 2015.
- ¹⁶ Disponível em: <<http://www.siepe.ufpr.br/>>. Acesso em: 17 de dez. de 2015.
- ¹⁷ Disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/augm/dadosaugm> e <https://www.facebook.com/PREAC-Pr%C3%B3-Reitoria-de-Extens%C3%A3o-e-Assuntos-Comunit%C3%A1rios-Unicamp-1507689112821339/timeline/?ref=hl>>. Acesso em: 17 de dez. de 2015.
- ¹⁸ Disponível em: <http://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1>. Acesso em: 17 de dez. de 2015.
- ¹⁹ Disponível em: <<https://ufprtv.wordpress.com/2015/08/24/ufpr-noticias-240815/>>. Acesso em: 5 de jan. de 2016.
- ²⁰ Para o PNC, em seu documento de operacionalização, "As Metas..." o entendimento de economia criativa se dá da seguinte forma: "(...) é um setor estratégico e dinâmico, tanto do ponto de vista econômico como social: suas atividades geram trabalho, emprego, renda e inclusão social. A Economia Criativa é composta das atividades econômicas ligadas aos segmentos definidos pela Unesco: patrimônio natural e cultural, espetáculos e celebrações, artes visuais e artesanato, livros e periódicos, audiovisual e mídias interativas e design e serviços criativos" (MinC, 2012: 36).

Outras janelas para o mundo - A leitura e a escrita como arte e como prática libertadora

Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão¹, Maria de Fátima dos Santos²

Resumo: *Este trabalho é fruto de uma atividade de Extensão (PIBEX) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e teve como meta promover nas crianças e adolescentes o desenvolvimento do hábito da leitura, despertar o interesse para as produções artísticas, a criatividade e o interesse pela produção de texto oral e escrito com atividades voltadas ao incentivo tanto à leitura quanto à escrita como forma de estimular a reflexão, a capacidade criadora e transformadora da sociedade. Também buscou-se estudar a realidade de vida desses jovens e a influência prejudicial que ela pudesse exercer no interesse, na capacidade e na habilidade de leitura e da escrita. A partir disso, buscou-se intervir, buscando minimizar esses efeitos negativos por meio da troca de saberes sistematizados, acadêmicos e populares, da prestação de serviços e da difusão cultural, a fim de sensibilizar crianças e jovens de seus papéis como cidadãos para que possam atuar na sociedade na condição de protagonistas.*

Palavras-chave: *Leitura. Escrita. Criatividade. Autonomia. Intervenção social.*

Área Temática: *Educação. Cultura.*

Other windows to the world - reading and writing as an art and as a practice of liberation

Abstract: *This work is the result of an extension activity (PIBEX) at Federal University of Viçosa (UFV), it was aimed to develop in children and adolescents the habit of reading, awakening their interest in artistic productions, creativity and interest in production of oral and written text with activities aimed at encouraging both reading and writing as a way to stimulate reflection, what it is creative society capacity and transforming. It was also sought to study these young people's life reality and the harmful influence it could exert in the interest, in the reading and writing abilities. From this, we sought to intervene in order to minimize these negative effects through the systematized, academic and popular exchange knowledge, the provision of services and cultural diffusion in order to sensitize children and youth in their roles as citizens so that they can act in society on condition of protagonists.*

Keywords: *Reading. Writing. Creativity. Autonomy. Social intervention.*

Otras ventanas para el mundo - La lectura y la escritura como arte y como práctica liberadora

Resumen: *Este trabajo es el resultado de una extensión de la actividad (PIBEX) de la Universidad Federal de Viçosa (UFV) y tenía como objetivo promover en los niños y adolescentes a desarrollar el hábito de la lectura, despertar el interés por la producción artística, la creatividad y el interés en producción de textos orales y escritos con actividades dirigidas a fomentar tanto la lectura como la escritura como una forma de estimular la reflexión, la capacidad creativa y la transformación de la sociedad. También trató de estudiar la realidad de la vida de estos jóvenes y la influencia perjudicial que pudiera ejercer sobre el interés, la capacidad*

¹ Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Viçosa (DEX/UFV) e Coordenadora do Projeto. Rua Hélio Stanciola, 30. Bairro de Fátima - Viçosa/MG, Brasil (31) 9 87790207. E-mail: patricia.negrão@ufv.br

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa (DEX/UFV) e bolsista do Projeto. Viçosa/MG, Brasil. fatimasantos40@yahoo.com.br

y las habilidades de lectura y escritura y, A partir de esto, hemos tratado de intervenir con el fin de minimizar estos efectos negativos mediante el intercambio de conocimiento sistematizado, académico y popular, la prestación de servicios y la difusión cultural con el fin de sensibilizar a los niños y jóvenes en sus papeles como ciudadanos para que puedan actuar en la sociedad bajo condición de protagonistas.

Palabras clave: *Lectura. Escribiendo. La creatividad. Autonomía. La intervención social.*

Introdução

Mais urgente do que aprender a ler e a escrever textos, é aprender a ler o mundo, já dizia Paulo Freire. Com isso, o célebre pensador no campo da educação, queria deixar claro que o ato de ler o mundo não corresponde a uma manipulação mecânica de palavras, mas à compreensão da relação dialógica existente entre realidade e linguagem. Nessa perspectiva, mais do que codificar ou decodificar uma mensagem, aprender a ler e a escrever é ser capaz atribuir sentido e de agir socialmente por meio da linguagem.

Porém, Panet (1998) ressalta que não é bastante o estudante saber ler, se não encontra o que ler, onde e o tipo de atividades da biblioteca que o desperte para o desejo de continuar a ler. Também afirma que não é bastante exigir que o estudante escreva, se não foi devidamente preparado para isso e que é importante que essa criança, esse jovem, ou mesmo esse adulto, entenda o valor real da leitura e da escrita como forma de exercício da cidadania.

Sendo assim, e por acreditar que o leitor, ao penetrar nos horizontes do texto, expande suas experiências e participa da transformação da cultura, no ano de 2015, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), buscou-se a promoção do projeto de extensão “Outras janelas para o mundo - A leitura e a escrita como arte e como prática libertadora”, que ocorreu de 1º de fevereiro de 2015 a 31 de dezembro de 2015, em parceria com a Universidade e com outros servidores dessa Instituição, com o objetivo de intervir nessa situação para que tanto a leitura quanto a escrita possam realmente atuar como fator de intervenção social.

Por meio da análise da realidade de vida das crianças e jovens envolvidos, o Projeto realizou, a partir desse contexto, atividades que pudessem desenvolver o hábito da leitura e despertar a criatividade e o interesse pela produção oral e escrita com a finalidade de promover a reflexão e a capacidade crítica, criadora e transformadora do meio social ao qual esses jovens estavam inseridos.

A princípio, o Projeto foi desenvolvido na Associação Comunitária Padre Geraldo Paiva em Viçosa, MG. A presidente da Associação tem um histórico de trabalhos sociais visando à recuperação e à reintegração social de dependentes químicos. Já atuou, também, como representante comunitária e decidiu criar uma casa que acolhia cerca de 40 crianças e adolescentes em idade entre 6 e 15 anos, oriundos de situações de desestrutura familiar, financeira, social e em área de risco; sendo que, muitas vezes, alguns desses problemas estão relacionados ao fato de que muitas das famílias envolvidas já tiveram, ou ainda têm, pessoas em situação de dependência química.

Esse acolhimento era realizado no horário alternativo da escola, oferecendo a essas crianças e jovens a oportunidade de convivência afetiva equilibrada e saudável, visando seu pleno desenvolvimento; pois, na referida Associação, as crianças e adolescentes recebiam não apenas um abrigo, mas também assistências de vários níveis, como psicológica e pedagógica; entre elas as atividades de informática, música, reforço escolar, esporte e lazer.

As mães e irmãs desses jovens também participavam de algumas oficinas como as de cabeleireiro e manicure. Crianças e adolescentes eram convidadas a visitarem a instituição e a participarem das atividades, que tinham como princípio básico a formação do sujeito autônomo e crítico, o fortalecimento da autoestima dos meninos e meninas e o apoio na construção de seus projetos de vida. Para tanto, a Associação contava com doações de roupas, material escolar, livros e alimentos numa participação interativa da comunidade na qual muitos atuam como voluntários.

Porém, a ACPGP mudou-se em junho de 2015 para outro endereço. Por isso, os(as) assistidos(as) desistiram de frequentar a Associação, uma vez que ela ficava longe de suas residências. Sendo assim, o Projeto precisou ser transferido, em agosto de 2015, da ACPGP para a “Casa de Acolhimento Esperança do Amanhecer”, coordenado pelo Consórcio Intermunicipal de Atendimento à Criança e ao Adolescente (CIACA), também em Viçosa.

O CIACA atende crianças de 0 a 18 anos, vindas de famílias em situação de risco. É instalada em um amplo imóvel, com escritório de administração, biblioteca, dormitórios masculinos e femininos,

berçário, área de estar, refeitório, cozinha e grande área de lazer ao ar livre. Além de ser uma casa para abrigo de crianças e adolescentes em situação de risco, o CIACA oferece uma grande prestação de serviços e cuidados primorosos aos seus residentes: escola, transporte escolar, atendimento médico e odontológico, assistência pedagógica, além da participação em todos os projetos sociais que têm parceria com a Prefeitura.

Assim, o Projeto “Outras janelas para o mundo – A leitura e a escrita como arte e como prática libertadora” buscou intervir positivamente na realidade de ambas instituições, trabalhando a habilidade de compreensão e de interpretação a fim de que as crianças e jovens pudessem reconhecer o poder da palavra. Por isso, o trabalho teve a função de desenvolver uma maior autonomia na capacidade de comunicação e de expressão dos jovens a fim de se garantir uma postura crítica e transformadora diante do conhecimento para uma aprendizagem efetiva e significativa como instrumento de formação humanística e crítica, de intervenção social e, conseqüentemente, de melhoria da qualidade de vida de toda a sociedade.

Referencial teórico

Essa perspectiva de desenvolvimento das capacidades de leitura e de escrita provoca a constituição de um pensamento crítico e reflexivo, o que colabora, claramente, para a inclusão social. Entretanto, foi necessário que esse trabalho se realizasse a partir de um planejamento baseado num estudo inicial da realidade de vida das crianças e jovens das referidas Associações.

Porém, como afirma Pimenta e Lima (2004, p. 67), “o diagnóstico não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação das necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável.” Sendo assim, é importante ressaltar que a apropriação desses dados foi necessária, mas se deu também de maneira contínua, já que o verdadeiro diagnóstico da realidade vai muito além dos dados quantitativos, pois envolve, principalmente, as situações de vida como condição social, econômica e religiosa desses jovens, bem como seus interesses, influenciados ou não pelas informações que eles recebem de várias formas, principalmente, pelo acesso à mídia.

Segundo Libâneo (2004), o diagnóstico, realizado a partir da coleta de dados, busca analisar e explicar uma situação, porém precisa ser articulado com suas causas internas e externas. A partir desse trabalho, foi possível e necessário um replanejamento e, também, uma reconsideração das ações, mantendo-se a atenção às reavaliações, que conduziram a novas propostas e, assim, sucessivamente.

Tudo isso para que fosse possível realizar um trabalho fundamentado na ideia de que a palavra possui papel fundamental, pois é a partir dela que o sujeito se constitui e é constituído (BAKHTIN, 2003). Nessa concepção, o desenvolvimento das habilidades de ler, compreender, interpretar e produzir textos é de grande importância, uma vez que confere possibilidades de acesso ao mundo letrado e, portanto, de exercício da cidadania, promovendo formas de participação e de integração do indivíduo ao tecido sociocultural simultaneamente.

Dentro dessa concepção, percebe-se a importância da leitura como instante crítico da constituição do texto, ao mesmo tempo em que o leitor real encontra um leitor virtual já constituído no texto (ORLANDI, 2001b, p. 186); pois, a relação de interação do e no próprio texto, faz com que ele se constitua um espaço aberto e nunca fechado em si mesmo.

Essa visão do ler e do escrever teve um impacto direto na fundamentação das atividades deste trabalho, visto que a palavra só passa a ser significativa quando é apropriada por alguém que é capaz de transmiti-la a outro, que deverá, por sua vez, ser capaz de compreendê-la. Por si mesma, nada ela pode fazer conhecer, já que, segundo Bakhtin, a linguagem deve ser vista como um instrumento de interação humana, pois ela ocupa posição central nas relações sociais e não apenas serve de instrumento nas nossas interações como pode ser capaz de (re)construir nosso sistema social, cultural e histórico.

Ademais, segundo Kock (1989, p. 19), o texto é a unidade básica de manifestação da linguagem e [...] é muito mais que uma soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa. Isso justifica o fato de que o presente projeto teve os textos escritos ou orais como principal ferramenta de ação.

A despeito de tudo isso, é indiscutível o preconceito, por parte de crianças, jovens e adultos, em relação à atividade de leitura e ainda mais à de produção de textos, que é vista por eles como “dom”

ou como capacidade provinda de “inspiração divina”. Para vencer essa visão, culturalmente, antiquada e inadequada, é preciso entender que correspondem a uma atividade muito mais laborativa do que se imagina erroneamente. Mattoso Câmara (2001, p. 58) diz que “qualquer um de nós senhor de um assunto é, em princípio, capaz de escrever sobre ele. Não há um jeito especial para a redação, ao contrário do que muita gente pensa. Há apenas uma falta de preparação inicial, que o esforço e a prática vencem”.

O pior ainda acontece quando a leitura é imposta ou, como relata Geraldi (1995, p. 65), “a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor quando lê os textos). A situação da língua é, pois, artificial”.

Tendo isso em vista, torna-se indiscutível, portanto, a importância do ensino/aprendizagem de leitura e produção de texto como forma de inclusão social a partir da perspectiva de que essa prática deve partir do interesse das crianças e jovens. Esse interesse também deve estar relacionado às suas realidades e deve ser trabalhado por meio de atividades interessantes e diversificadas que constituam um desafio à criatividade e ao desempenho, formando leitores e escritores capazes de entenderem o que leem e de se expressarem de forma consciente e crítica, pois o eixo de estrutura do ensino da língua deve ser sempre a ação social.

Para tanto, justifica-se uma intervenção que corrobore para essa ressignificação das práticas de leitura e escrita a partir do princípio de que o indivíduo age no e sobre o mundo, por meio delas em todas as situações, o tempo todo e em qualquer lugar. Isso requer a conciliação de instituições colaboradoras além da parceria de técnicos e docentes, bem como da comunidade em geral no sentido de se extrapolar o tempo e o espaço em relação à linguagem.

Diante do exposto, observa-se que a relevância social deste Projeto consistiu em despertar nos estudantes o hábito da leitura e apresentar a produção criativa de textos como algo prazeroso e necessário para a formação do cidadão; além de se propor um espaço de reflexão para toda a comunidade participante no sentido de lembrar que todos podem colaborar nesse processo e de que todos poderão usufruir de seus resultados, como afirma Paulo Freire (1997 p. 27):

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. E aqui devemos ser todos sujeitos, solidários nesta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora a dominados.

Objetivos

Não é difícil perceber uma grande defasagem das crianças e jovens nas habilidades de leitura, compreensão, interpretação e produção criativa de textos, nem que esse problema não se trata de uma situação isolada, mas de um obstáculo a ser transposto por muitos na sociedade em função de uma análise antiga e conservadora da linguagem de grande parte da sociedade, assim como do ambiente escolar.

O Projeto, portanto, buscou atender algumas das metas do Plano Nacional de Extensão Universitária no sentido de realizar o trabalho de troca de saberes sistematizados, acadêmicos e populares, a prestação de serviços, a difusão cultural e a colaboração em atividades que pudessem, de alguma forma, propiciar a sensibilização dessas crianças, desses jovens e de suas famílias de seus papéis como cidadãos para que possam atuar na sociedade na condição de sujeitos.

Com o projeto, almejou-se oportunizar aos jovens a sugestão de inúmeras obras literárias de variados autores, ampliando seus conhecimentos e suas capacidades criativas; proporcionar situações sociais de leitura, de discussões sobre obras lidas e de indicação das apreciadas, além de selecionar estratégias de leitura conforme os propósitos específicos; desenvolver a capacidade de interpretação oral e escrita, articulando variadas áreas do conhecimento. Ainda teve como meta realizar atividades que possibilitassem identificar recursos linguísticos, procedimentos e estratégias discursivas para relacioná-las com seu gênero e aplicá-las à produção criativa de textos literários, argumentativos e poéticos.

Ademais, procurou-se estimular a produção de textos em diferentes gêneros promovendo o desenvolvimento da escrita e da criatividade para contar e recontar, produzir e reproduzir histórias; debater temas contemporâneos, também com a contribuição dos textos de gêneros variados, ao se expor dúvidas e dificuldades, buscando, em conjunto, encontrar soluções e novos caminhos. O objetivo principal foi desenvolver uma consciência crítica e política que defendesse a equidade de gênero, a inclusão social, a constituição da cidadania; a valorização do artístico, a capacidade de compreensão, de interpretação e de expressão, a socialização e a autonomia, a criatividade, a lúdico, a corporeidade; além de apresentar a produção de textos (produto de trabalho, esforço e técnica) como ferramenta de ação social.

O Projeto consistiu, ainda, ao longo de 2015, em oferecer oficinas de teatro realizado por uma professora da UFV formada em Artes Cênicas (colaboradora) e o apoio pedagógico ao trabalho de reforço escolar, realizado por uma pedagoga da UFV (colaboradora).

Sendo assim, este Projeto intencionou oferecer a oportunidade de um outro olhar sobre a linguagem, assim como outra visão sobre o ensino de leitura e de escrita como instrumento de libertação e de construção de própria história. Afinal, a universidade não se deve posicionar como uma entidade da sociedade, mas como parte dela.

Ademais, o Projeto procurou desvendar a carência efetiva nas capacidades de compreensão e de expressão dos estudantes, socializando o saber produzido e acumulado de forma a intervir positivamente no desenvolvimento desses educandos e promovendo o resgate da cidadania por meio do ato de ler, com a possibilidade de se compreender e de se interpretar o que foi lido, e por meio do ato de escrever, para que essas crianças e jovens possam se descobrir capazes de expressar suas concepções e suas visões de mundo por intermédio de eventos diversos de leitura e escrita.

Metodologia e ações participativas

O Projeto se divide em 3 (três) eixos centrais, sendo que alguns deles foram colocados em prática simultaneamente.

Primeiro eixo: Apresentação do Projeto e fase diagnóstica

Para o planejamento das atividades foram realizadas reuniões entre a equipe (coordenadora, bolsista, servidoras colaboradoras e presidente da ACPGP e, posteriormente, do CIACA) para apresentação formal do Projeto, para debates, análise e sugestão de bibliografia pertinente e propostas de atividades.

Realizou-se, de início, a elaboração de um diagnóstico que compreendeu uma análise da estrutura e do funcionamento do local onde se realizariam as atividades, da realidade de vida, do meio social e das famílias das crianças e dos jovens, por meio de visitas à Associação atendida pelo Projeto, às famílias e à comunidade desses jovens, além de conversas informais com esses envolvidos a fim de se conhecer efetivamente a comunidade à qual o Projeto se direciona e os fatores causadores de um possível desinteresse pela leitura e pela escrita, a fim de melhor intervir positivamente ali.

Sobre o trabalho diagnóstico, cabe ressaltar que, tanto na ACPGP, quanto no CIACA, foi preparado um questionário com algumas perguntas para que a bolsista e toda a equipe do projeto pudessem conhecer tanto a instituição quanto os(as) assistidos(as), trabalhando dados como: nome, religião, idade, série escolar, nome da escola, o que gosta de ler, fazer, brincar, dançar, escrever, assistir, desenhar, o que pensa em ser no futuro (profissão) e por que ia à associação.

A parte principal da pesquisa diagnóstica foi realizada, quando na ACPGP, durante as tardes, no período de fevereiro e março e a bolsista foi acompanhada da Presidente da Associação na busca de novos participantes para o projeto. Quando no CIACA, a entrevista com os(as) assistidos(as) foi realizada na própria instituição e na companhia da Administradora. Durante todas as etapas de realização do Projeto esses dados foram atualizados.

Segundo eixo: Replanejamento das atividades e dos recursos a serem utilizados

A partir das visitas à comunidade e às Associações; a partir das conversas com as famílias das crianças e dos relatórios produzidos a respeito da realidade constatada, foi estabelecida uma base para um replanejamento das metas e para uma readaptação das atividades e das metodologias já

propostas no Projeto.

Dessa forma, foi possível, por meio da atividade diagnóstica, planejar atividades que pudessem intervir positivamente no desinteresse pelas práticas de leitura e produção textual, incentivando a criatividade, visando desenvolver as potencialidades de comunicação, o prazer de ouvir e de fazer; atividades ainda que oportunizassem aos jovens uma sugestão de inúmeras obras literárias de variados autores, com o objetivo de ampliar seus conhecimentos e que trabalhassem a leitura como fonte essencial para produção textos.

Além disso, foram pesquisadas e planejadas atividades que pudessem proporcionar situações sociais de leitura, de discussões sobre obras lidas e de indicação das apreciadas; selecionar estratégias de leitura conforme os propósitos específicos; desenvolver a capacidade de compreensão e de produção de texto oral e escrito, com a articulação de várias áreas do conhecimento.

Terceiro eixo: Oficinas, contato com a comunidade e prestação de serviços, exposição de trabalhos

Foram formadas 02 turmas pequenas para as oficinas, sendo que uma delas se realizaria sempre pela manhã e a outra pela tarde para que todos os jovens e crianças pudessem participar e, também, de modo que a bolsista conseguisse dar assistência individualizada em atividades como debates, produção textual, correção e reescrita dos textos. Foram ainda escolhidos o espaço físico e os horários de funcionamento das atividades, de forma adaptada à disponibilidade da Associação atendida e dos interessados em participar, já que as oficinas ocorreram uma vez por semana, tinham a duração de 4 horas cada e eram divididas entre os variados tipos de atividades e objetivos.

As 20 horas semanais dedicadas ao projeto foram destinadas a reuniões da bolsista com a coordenadora e/ou com os demais colaboradores, à pesquisa e ao estudo individuais, às atividades diagnósticas (como visitas à Associação, às comunidades dos jovens e encontros com as famílias deles) e às oficinas das atividades propostas.

Foram realizadas oficinas de leitura silenciosa, oral, individual, em grupo e dramatizada; análise, interpretação e compreensão de texto de forma escrita, oral e em grupo; além de produção textual, debates e oficinas de teatro e de representação artística com o auxílio da bolsista.

O estímulo à leitura e à escrita realizado por este Projeto se baseou nos seguintes tópicos:

- Apresentação da bolsista sempre como leitora, atualizada, participante, seduzida pela leitura e mostrando a importância da leitura no desenvolvimento crítico e criativo das crianças e jovens participantes;
- Formação do hábito da leitura/escrita a partir da seleção de material, que deveria incluir informação e recreação, em vez de ser imposto como obrigação;
- Articulação das diferentes situações de leitura: silenciosa, oral, em grupo e individual;
- Ressignificação da atividade de leitura/escrita para os participantes, correspondendo sempre a uma finalidade que eles pudessem compreender e partindo sempre dos conhecimentos prévios dos envolvidos;
- Trabalho com uma grande variedade de gêneros textuais;
- Relacionamento das atividades de leitura e escrita às relações afetivas e às situações práticas;
- Organização do acervo realizada pelos próprios participantes e disponibilização diversos tipos de texto;
- Manutenção da biblioteca/cantinho de leitura/escrita sempre que possível de portas abertas, com acesso livre aos leitores/escritores estimulando assim a curiosidade e o interesse individual deles;
- Planejamento cuidadoso das atividades de leitura e de escrita, evitando-se a concorrência entre os participantes, com o objetivo de ressaltar que cada um deveria avançar em seu próprio ritmo, construindo sua própria interpretação.

Os recursos financeiros para essas atividades foram obtidos por meio de doações e as reuniões semanais tiveram o objetivo de avaliar o trabalho realizado, planejar e orientar as atividades das próximas semanas, além de formar um banco de atividades, com textos variados para todos os tipos de oficinas a serem realizadas.

Além disso, a equipe do Projeto manteve contato frequente via internet, sempre que se fizesse necessário.

Destacam-se, ainda, as seguintes atividades realizadas:

- Incentivo ao hábito de leitura por meio de atividades motivadoras de leitura (como, por exemplo, roda de leitura e contação de histórias) e de campanha de arrecadação de livros e gibis para o acervo do Projeto.
- Leitura de textos (individual e/ou em grupo) e produção de textos de temas e gêneros variados.



Figura 1 - Produção de textos de temas e gêneros variados no CIACA.

Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).

- Debates realizados a partir da leitura de textos sobre temas contemporâneos, envolvendo os jovens e trabalhadores da Associação, as famílias desses jovens e os membros do Projeto com o objetivo de propor ações capazes de transformar o meio social e as condições de vidas de toda a comunidade.



Figura 2 - Debates a partir da leitura de textos sobre temas contemporâneos no ACPGP

Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).



Figura 3 - Debate e produção textual a partir da leitura de O Estatuto da Criança e do Adolescente no CIACA.
Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).

- Exibição de filmes e atividades de compreensão e interpretação de texto fílmico.
- Criação do cantinho da leitura de maneira organizada e acolhedora, de forma a proporcionar condições para despertar o interesse dos estudantes pela leitura, facilitando, dessa forma, também, a apropriação do conhecimento.



Figura 4 - Cantinho de leitura na ACPGP.
Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).

- Instituição de horários de leitura, dramatização ou representação artística em forma de teatro, desenho e pintura sobre a história lida ou ouvida e brincadeira de adivinhações.



Figura 5 - Representação artística de livro lido na ACPGP.

Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).

- Oficina de teatro; criação de textos para teatro, contação de histórias com fantoches, atividades de “Explosão de ideias”, imitações de personagens proporcionando a oportunidade de que o(a) participante possa se ver no mundo da história como coadjuvante e não apenas como telespectador.



Figura 6 - Contação de histórias na ACPGP.

Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).

- Leitura, análise, comparação e criação de poesias; álbuns de poemas, versos e trava línguas; produção de letras de música; confecção de murais e cartazes que servissem de divulgação dos textos e livros lidos ou produzidos.



Figura 7 - Criação de poesias no ACPGP.

Fonte: Foto de Maria de Fátima dos Santos (bolsista do Projeto).

- Montagem e divulgação de uma exposição do material produzido pelos estudantes no Projeto a ser apresentado aos próprios participantes.

Parte essencial da metodologia são o acompanhamento e a avaliação dos trabalhos. Portanto, nos encontros e nos momentos de pesquisa e estudo em grupo e/ou individuais, foi possível discutir e refletir sobre textos e bibliografias a serem pesquisadas, relacionando teoria e prática. Dessa forma, a bolsista, a coordenadora e os colaboradores tiveram, a qualquer momento, a oportunidade de replanejamento, de reavaliação das atividades propostas e de apresentação de novas propostas de ações que viabilizassem o trabalho de incentivo à leitura e à escrita.

Foi realizada, também, uma avaliação contínua, durante toda a execução do Projeto, num processo de investigação, por meio de análise dos resultados obtidos, do comportamento, da capacidade e da qualidade de expressão dos estudantes, com o objetivo de verificar os efeitos das atividades propostas.

Ainda foi considerado, como fator de avaliação, o interesse de cada um dos envolvidos no Projeto na participação, na execução, na organização, na apresentação e na clareza da execução das atividades propostas, tanto individuais quanto coletivas, com base nas noções e conceitos construídos ao longo do projeto, bem como uma análise constante dos trabalhos realizados, dos relatórios produzidos e de um encontro bimestral entre o coordenador, os colaboradores, a bolsista e as presidentes das Associações, no qual se fazia uma análise comparativa entre o ponto de partida e aquilo que havia sido realizado até aquela etapa. Dessa forma, buscou-se intervir, intensificando, adequando ou alterando as ações.

Houve também o preenchimento periódico, por parte da coordenadora e da equipe do Projeto, de relatórios das atividades desenvolvidas pela bolsista, permitindo constatar, por meio da análise de dados obtidos no processo, seu desempenho até aquele período contendo os seguintes fatores de avaliação:

- Capacidade de realização das tarefas propostas;
- Proatividade e interação com a equipe;
- Assiduidade;
- Dedicção e Interesse;
- Iniciativa e Autonomia;
- Criatividade e Produtividade.

Nessa avaliação, houve sempre um conselho (formado por mais de um membro da equipe) para essa análise e para a reflexão sobre esses resultados.

Resultados

O Projeto foi gratificante por constatar que é possível oferecer condições de aquisição do hábito da leitura e da produção escrita por parte de crianças e jovens inseridas em qualquer contexto social, por mostrar a todos a importância desse trabalho na vida de cada um e por possibilitar a todos os envolvidos a verificação do progresso individual e coletivo no desenvolvimento dos participantes por meio da leitura e da escrita.

Também observou-se que é possível realizar um trabalho que desperte nas crianças e adolescentes o interesse e o hábito da leitura, a criatividade, que promova espaços de reflexão sobre seus direitos e deveres e sobre a superação dos mais variados tipos de preconceitos e de exclusão por meio da capacidade de expressão e de compreensão do mundo; que obtenha o envolvimento dos familiares e da comunidade com a finalidade de levar os jovens a adotarem uma postura crítica e a se perceberem como potenciais transformadores do seu meio social e como agentes de desenvolvimento individual e coletivo.

Como resultado acadêmico, o trabalho de extensão realizado permitiu a parceria entre a bolsista, docentes, técnico-administrativos e a comunidade em geral em atividades que puderam criar espaço para estudo e para a ação, contribuindo para pesquisas, trabalhos e reflexões futuras; permitiu ainda a integração do saber prático e teórico, com o objetivo de construir conhecimento por meio da interação de todos.

Como resultado das atividades diagnósticas sobre a vida dessas crianças e jovens, percebeu-se quais fatores poderiam ser os causadores de possível desinteresse deles pela leitura e pela escrita. Esse estudo baseou-se nas reflexões de autores como Heathington (apud CRAMER e CASTLE, 2001, p. 230), que trata sobre a influência que a postura do professor por exercer sobre a formação do aluno-leitor, que afirma que o hábito da leitura ou a falta deste pode e deve ser orientado e que deixa claro que são inúmeras as razões pelas quais uma criança ou jovem pode se tornar ou não um leitor efetivo; ou como Villardi (1997), que aborda a mesma questão quando afirma que, à medida que os alunos avançam na escolaridade, menor é a ligação que têm com a leitura. O autor destaca assim que é como se os procedimentos pedagógicos adotados, em vez de aproximar os estudantes, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros, criando entre eles uma relação de enfado e desinteresse (1997, p. 4). Constatou-se, portanto, com essa pesquisa, de forma ética e responsável, que o ambiente físico, assim como o familiar, de pouca ou nenhuma estrutura, além da falta de equilíbrio nas relações interpessoais no qual eles estão inseridos influencia negativamente sobre a deficiência na capacidade de leitura e de expressão. Também foi possível perceber que muitas das crianças e jovens participantes do Projeto não tinham solidificado verdadeiramente a alfabetização, o que pode ter provocado uma frustração diante da educação formal, que impacta no processo evolutivo de aprendizagem, fazendo com que eles(as) apresentem baixo rendimento escolar e, aos poucos, baixa autoestima e desinteresse. Esse processo pode fazer com que eles(as) passem a escrever cada vez menos, tendo a criatividade e o imaginário limitados. Além disso, o pouco ou nenhum estímulo, assim como a falta de habilidade para perceber as possíveis deficiências por parte da família ou dos(as) professores(as) interfere diretamente na possibilidade de diagnóstico e de intervenção preventivos.

Traçando, dessa forma, um perfil da situação, foram propostos novos caminhos que pudessem estimular e incentivar essas crianças e jovens, aumentando a sua autoestima, a fim de se viabilizar uma postura crítica e consciente deles diante da sociedade e da construção de saberes, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento integral dos participantes.

Afinal, só assim, é possível entender como as atividades de pesquisa, ensino e extensão podem contribuir para que se possa seguir por novos rumos a fim de se superar os mais variados tipos de preconceitos e de exclusão por meio da capacidade de expressão e da compreensão do mundo; obtendo o envolvimento dos familiares e da comunidade com a finalidade de levar os jovens e as crianças a adotarem uma postura crítica, a se perceberem como potenciais transformadores do seu meio social e como agentes de desenvolvimento individual e coletivo.

Fonte de financiamento

O Projeto "Outras janelas para o mundo - A leitura e a escrita como arte e como prática libertadora", recebeu o apoio da Universidade Federal de Viçosa/UFV pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária da Universidade Federal de Viçosa - PIBEX /UFV - 2015.

Agradecimentos

A toda a equipe do Projeto, aos(às) colaboradores(as) das Instituições onde o Projeto se realizou, às crianças e aos jovens participantes do trabalho.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BELINATNE, Claudemir. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização". in: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 261-277, maio/ago. 2006.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.
- CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrieta. *Incentivando o amor pela leitura*. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FARIA, Elaine Turk. "O professor e as novas tecnologias" in: ENRICONE, Délcia (Org.). *Ser Professor*. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária; v.1)
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 16ª ed. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 3.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto. 1997.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo, Cortez, 1994.
- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). *Extensão Universitária: diretrizes e políticas*. Belo Horizonte: PROEX / UFMG, 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ed. Campinas, SP: Pontes, 2001b.
- PANET, Carmem de Faria. *Implantação e funcionamento de bibliotecas infanto-juvenil*. 1998. 70 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.
- POLÍTICA DE EXTENSÃO DA UFV. RESOLUÇÃO Nº 7/2007 - CEPE. Disponível em <http://www.ufv.br/soc/files/pag/cepe/completa/2007/07_07.htm> Acesso em: 20 de setembro de 2014.
- VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

Recebido para publicação em 26/4/2016 e aprovado em 19/9/2016.

O vínculo mãe e filho no período gestacional como estratégia de prevenção do uso de álcool e outras drogas: relato em extensão

Bianca Seixas Gonçalves¹, Walmer Cardoso de Oliveira Júnior¹, Camila Vidotti Castro Correa¹, Camila Gomes Santos Moraes¹, Marina Silva Alves¹, Marina Silva de Lucca², Bruno David Henriques³

Resumo: *A prevenção do uso de drogas deve ser estimulada e fortalecida. O objetivo do projeto é destacar o trabalho com gestantes visando o fortalecimento do vínculo seguro entre mãe e filho com vistas à prevenção ao uso de álcool e outras drogas. Trata-se de um relato de experiência, desenvolvido pelo PREVIDA, com gestantes vinculadas às Unidades de Saúde da Família do Município de Viçosa, MG. Foi realizado um book fotográfico em períodos da gravidez, com atividades que fortaleciam o vínculo da mãe e o filho. Como resultados, foram realizadas duas sessões fotográficas, sendo a primeira até o quarto mês de gestação e a segunda no oitavo. O potencial das atividades para fortalecimento do vínculo foi evidente. Mantendo os laços coesos, os riscos para a adoção de hábitos de vida impróprios podem ser reduzindo. No contexto da proposta, há redução dos riscos da mãe e do filho adentrarem ao mundo das drogas.*

Palavras-chave: *Relações Comunidade-Instituição. Drogas. Prevenção primária. Gestantes.*

Área Temática: *Saúde; Educação.*

Improving mother-infant bonding during pregnancy to prevent drugs consumption: an outreach experience report

Abstract: *The prevention of drugs consumption must be encouraged and improved. The purpose of the current paper is to highlight the work performed with pregnant women in order to support mother-infant bonding and prevent alcohol and drug abuse. It contains an experience report conducted by the team PREVIDA among pregnant women linked to Community Health Units in the county of Viçosa, MG. Photo shoots were performed in different moments of the women's pregnancy combined with activities that reinforced mother-infant connection. As a result, two photo shoots were performed. The first photo shoot was conducted in a photographic studio in the course of the first four months of pregnancy, whilst the second was made at the eighth month of pregnancy outdoors at the Federal University of Viçosa campus. These moments had great emotional impacts for both pregnant women and working team. Following the photo shooting, the photos were delivered printed and digitally. The potential of these activities to improve mother-infant bonding is clear. By keeping this connection reinforced, the risks of adopting an unsuitable lifestyle might be reduced. Therefore, the chances for both mother and infant to get involved in drugs consumption are diminished.*

Keywords: *Community-Institutional Relations. Drugs. Primary Prevention. Pregnant Women.*

¹Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Federal de Viçosa.

²Docente do Departamento de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Viçosa.

³Docente do Departamento de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Medicina e Enfermagem, Campus Universitário, CEP: 36570900, Viçosa, Minas Gerais. E-mail: bruno.david@ufv.br.

El enlace de madres y sus hijos en el tiempo de embarazo como estrategia de prevención del uso de alcohol: relato de experiencia en extensión

Resumen: La prevención del uso de drogas debe fomentarse y reforzarse. El presente artículo tiene con el objetivo destacar el trabajo con mujeres embarazadas objetivando el fortalecimiento del enlace seguro entre madres y sus hijos objetivando la prevención del uso de alcohol y otras drogas. Consiste en un informe de experiencia, desarrollado por el PREVIDA, con mujeres embarazadas de las Unidades de Salud de Familia de la Ciudad de Viçosa, MG. Fue hecho un álbum de fotos en tiempos del embarazo, con actividades que fortalecen el enlace de la madre con su hijo. A consecuencia, fueran hechas dos sesiones de fotos, siendo la primera hasta el cuarto mes de embarazo e el segundo en el octavo. El potencial de las actividades para el fortalecimiento del enlace fue evidente. Las relaciones que se mantienen unidas, reducen los riesgos para adopción de hábitos de vida no aptos. En lo contexto de la propuesta, hay reducción de los riesgos de madre y su hijo entrar en lo mundo de las drogas.

Palabras clave: Relaciones Comunidad-Institución. Drogas. Prevención Primaria. Mujeres Embarazadas.

Introdução

O uso de drogas vem se tornando um fenômeno amplo e complexo no mundo. Observa-se um aumento no consumo associado a questionamentos sobre a efetividade dos planos de tratamentos e também a dificuldades na adequação da oferta de serviços responsáveis pelo tratamento e reabilitação (HORTA, HORTA, 2013; FICHER, BLANKEN, SILVEIRA, et al, 2015).

Os custos e repercussões sociais e clínicas associados ao uso de drogas são importantes e os usuários são marginalizados socialmente e economicamente e apresentam riscos elevados de morbidade e mortalidade (PALAMAR, DAVIES, CLEND, et al, 2015).

Droga é toda substância que introduzida no organismo modifica uma ou mais das suas funções. Essa definição engloba substâncias lícitas – álcool, tabaco e certos medicamentos – e substâncias ilícitas como a cocaína, LSD, ecstasy, opiáceos, entre outras (MALTA et al, 2014).

O uso dessas substâncias geralmente inicia-se na adolescência, período crítico para o desenvolvimento do indivíduo, pois trata-se de uma fase de mudanças e dúvidas, associado à busca de sua identidade. Fundamentados nessas transformações, os adolescentes experimentam álcool e outras drogas à procura de novas sensações, de inclusão em um grupo, de diferenciação, de independência e autonomia (POZZA et al, 2011). Além disso, podem alterar o desenvolvimento cerebral, influenciando nas questões cognitivas, emocionais e/ou sociais (TAPERT et al, 2004).

Na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo IBGE com o objetivo de se elaborar um instrumento para a obtenção de informações que permitam conhecer a prevalência dos fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes, foram avaliados 109.104 estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas do Brasil em 2012 e encontrou os seguintes resultados (MALTA et al, 2014). Dentre os escolares, 66,6% já haviam experimentado bebida alcoólica, sendo maior a prevalência entre meninas (51,7%) do que entre meninos (48,7%), e entre os alunos de escolas públicas (50,9%). A idade de início para experimentação da primeira dose de bebida alcoólica ocorreu de forma mais frequente entre 12 e 13 anos. Houve aumento no uso com o aumento da idade (IBGE, 2012).

Com relação ao uso de drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança-perfume, ecstasy), a PeNSE evidenciou que 7,3% dos escolares já fizeram uso dessas drogas. Além disso, esse estudo demonstrou que a população de escolares com 15 anos que experimentaram cigarro em idade igual ou inferior aos 13 anos foi de 15,4% (IBGE, 2012). Os dados sugerem que o estabelecimento de um sólido vínculo entre pais e filhos pode ser importante na prevenção de desordens relacionadas ao excesso desse tipo de droga

O uso de drogas gera prejuízos em nível individual e também coletivo, com destaque para os impactos familiares (NASI, OLIVEIRA, LACCHINI, et al, 2015). A família é uma instituição complexa que congrega trajetórias peculiares e que se expressa em arranjos diversificados e em espaços únicos ligados diretamente às transformações da sociedade. A estrutura familiar com sua dinâmica e diversidade constitui um espaço que pode facilitar ou não o aparecimento de quadros de inclinação ao uso de qualquer substância psicoativa (CARAVANCA-MORERA, PADILHA, 2015)

Percebe-se, assim, uma experimentação precoce de substâncias lícitas e ilícitas, sendo necessárias estratégias e intervenções diferentes para trabalhar a prevenção nas diversas fases de vida, como a primeira infância, a infância, pré-adolescência e adolescência (ONU, 2013).

Na primeira infância, o desenvolvimento de vínculo seguro com os cuidadores, competências linguísticas adequadas para a idade e outras funções cognitivas e executivas, como o autocontrole e atitudes e habilidades pró-sociais, são imprescindíveis ao desenvolvimento da criança (ONU, 2013). Algumas propostas podem auxiliar na prevenção do uso de substâncias no futuro, tais como: 1- Intervenções direcionadas a mulheres grávidas com transtornos causados por abuso de substâncias, por meio de tratamento integrado e inclusão de intervenções baseadas no vínculo da criança com os pais; 2- Visitas de atendimento pré-natal e infantil, aplicadas por profissionais de saúde treinados, com repasse de habilidades parentais básicas e apoio a questões socioeconômicas maternas; 3- Educação na primeira infância, com o aperfeiçoamento das habilidades cognitivas, sociais e de linguagem das crianças (ONU, 2013).

Sendo assim, a gestação é um período fundamental para aumentar a qualidade do vínculo, bem como preparar a mãe para dar um suporte ao seu filho, auxiliando na formação de sua moral e personalidade. Portanto, o presente relato tem como objetivo destacar o trabalho com gestantes visando o fortalecimento do vínculo seguro entre mãe e filho com vistas à prevenção ao uso de álcool e outras drogas.

Metodologia

Este projeto de Prevenção e Intervenção no uso de drogas (PREVIDA) está vinculado ao Departamento de Medicina e Enfermagem (DEM) da Universidade Federal de Viçosa e conta com a participação de docentes e discentes de ambos os cursos. As atividades se iniciaram no primeiro semestre de 2015.

A metodologia de organização dos trabalhos e atividades dos grupos têm como referencial teórico a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, com ênfase na dialogicidade, na autonomia do sujeito e sua inserção na elaboração e realização das atividades. Essa abordagem implica na necessidade de se refletir criticamente sobre os processos de educação, pois destaca a importância de construir conjuntamente lógicas de autonomia nos modos de andar a vida que valorizem e respeitem a cultura dos sujeitos e seu acervo de conhecimentos empíricos (FREIRE, 2009).

A primeira ação desenvolvida e também objeto desse relato, teve como meta organizar uma ação que tinha potencial para fortalecer o vínculo da mãe com o filho no período gestacional, estimulando questões relacionadas ao uso de drogas. Para isso, adotou-se como estratégia de ação, a realização de um book fotográfico para gestantes que se encontrassem até no quarto mês de gestação (primeira sessão) e no oitavo mês (segunda sessão). Foram selecionadas gestantes vinculadas a uma das dezoito Unidades de Saúde da Família do Município de Viçosa, Minas Gerais.

A execução contou com a parceria da Secretaria Municipal de Saúde e dos profissionais que compõem as equipes. Inicialmente a proposta foi apresentada a todos os coordenadores das Unidades e posteriormente realizado o contato com as gestantes. Para apresentação da proposta, a equipe agendava encontro presencial, de preferência na Unidade de Saúde, para entrevista e identificação das interessadas em participar. Por fim, a atividade contou com 16 gestantes.

Os aspectos éticos foram observados e seguidos, com assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e termo de direito de imagem das gestantes que aceitaram participar das fotos, conforme resolução 466/2012 (BRASIL, 2012).

As sessões de fotos aconteceram em locais estabelecidos dentro da Universidade Federal de Viçosa (UFV), sendo a primeira sessão em ambiente fechado e a segunda ao ar livre. Na primeira sessão fotográfica estavam presentes 16 gestantes e, na segunda sessão compareceram gestantes. A sessão fotográfica de cada gestante durou por volta de 1 hora, sendo que ela passava por ambientes diferentes criados dentro da sala ou ao ar livre. Estavam disponíveis no ambiente a ser fotografado um kit enxoval para compor as fotografias, água e alimentos para garantir melhor conforto à participante. Ao final do processo, foram entregues as fotografias das duas sessões.

Resultados e discussão

Os resultados e a discussão apresentados a seguir, evidenciam o desenvolvimento da atividade e o potencial da proposta no fortalecimento do vínculo mãe-filho. Além disso, consolida a formação dos

estudantes para acompanhamento humanizado, com a utilização de metodologia participativa e dinâmica.

Estabelecer a discussão sobre a temática do uso de drogas na Universidade se faz necessário e possibilita a ampliação dos conhecimentos e das abordagens a essa questão tanto de docentes, quanto de discentes. Além disso, a interação com a comunidade e a aproximação da realidade de vida das pessoas, faz com que a formação desse estudante seja fortalecida e direcionada para as necessidades reais das pessoas. Nesse contexto, o grupo estabeleceu como meta inicial desenvolver propostas que possam auxiliar na prevenção do uso de substâncias no futuro, utilizando intervenções direcionadas a mulheres grávidas. O planejamento foi realizado e transformado em ações práticas com duas sessões de fotos.

- Primeira sessão

As fotos foram feitas em cenário fechado por motivo de tempo chuvoso. A empatia e interação entre a equipe e participantes estabeleceu-se gradualmente ao longo do processo de trabalho. Foram oferecidos lanches para todos os participantes e, em seguida, as gestantes direcionaram-se para uma pequena entrevista.

As perguntas realizadas durante a entrevista tratavam da relação da gestante e de seus familiares com a gravidez. Uma vez que é sabido que a família é a primeira fonte de socialização de um ser humano, atuando diretamente na prevenção ao uso de álcool e drogas (SCHENKER e MINAYO, 2005). Durante a realização dessas perguntas foi notado, por parte da equipe de acolhimento do PREVIDA, que as gestantes se encontravam bastante ansiosas e animadas para o registro de um momento tão simbólico em suas vidas e com grandes expectativas para o resultado das fotografias. As falas foram captadas por um gravador e transcritas posteriormente para fins de estudo.

Foram montados dois cenários para as fotos e diversos objetos foram utilizados para compor o cenário fotográfico, tais como roupas e acessórios de bebê, bichos de pelúcias e brinquedos. No início, algumas gestantes apresentaram dificuldades para posarem para as fotos, porém, conforme se adaptavam ao ambiente, mostravam-se mais familiarizadas frente a câmera e o envolvimento da família contribuía para que se sentissem à vontade. Durante as fotos era incentivada a aproximação da mãe com o bebê, fazendo-as imaginar o rosto, a voz e o toque de seu filho, contribuindo para o fortalecimento do vínculo (figura 1 e figura 2).



Figura 1-Foto realizada durante a primeira sessão.

Fonte: Projeto PREVIDA, 2015.



Figura 2-Foto realizada durante a primeira sessão.

Fonte: Projeto PREVIDA, 2015.

Os relatos em relação às atividades e o momento da gestação trazem os sentimentos e percepções dos participantes:

[...] Estou muito feliz [...] quando mexe, chuta [...] é muito bom sentir dentro de você, que é fruto seu [...] G1.

[...] Só fico pedindo a Deus que nasça com saúde, nasça bem [...] nasça rápido para eu poder pegar no colo [...] pra gente saber cuidar [...] vai ser recebido com muito amor [...] O momento aqui hoje é único [...] G2.

[...] Muito importante pra mim [...] pra deixar alguém no mundo [...] dar um futuro melhor pra gente[...] Temos que cuidar para não passar dificuldades. G4.

-Segunda sessão

O segundo momento de fotos foi realizado ao ar livre, utilizando-se áreas verdes da UFV. Foi montado um ponto de referência para organização do material de apoio, lanche e pertences da equipe e das gestantes. Os participantes foram acolhidos pela equipe e orientados quanto ao ambiente e sugestões para as fotos. Ao final da sessão, receberam lanche e puderam compartilhar entre eles e com os integrantes do projeto como foi a experiência do dia. Pelo fato de estarem no final da gravidez as gestantes estavam ansiosas para o nascimento do bebê e para o recebimento do álbum de fotos.

As perguntas da segunda sessão tratavam de aspectos mais afetivos da relação mãe-bebê, tendo como objetivo o detalhamento das emoções vividas pelas gestantes durante a gravidez, suas expectativas com a chegada de seu filho e, ainda, como essa relação se daria, qual seriam suas ferramentas para fortalecer o vínculo, caso achassem que o mesmo fosse relevante. Um diferencial dessa etapa foi a utilização de câmera de vídeo como meio para gravação de seus depoimentos. Inicialmente, todas se apresentavam receosas, mas foi possível perceber, bem como registrar, uma maior vulnerabilidade em suas falas, bem como expressões e postura corporal.

Ao final, foi lhes pedido para que deixassem uma mensagem para seu bebê, como se ele fosse assistir no futuro. Houve comoção tanto das gestantes, como de familiares e integrantes do projeto nesse momento. Tornar concreto seus desejos e pensamentos sobre aquele instante, com a mensagem que poderia ser assistida pelos seus filhos, trouxe à tona muitas emoções nas mães e indagações sobre como elas se portariam diante do filho.

Diferentemente da primeira sessão, cada fotógrafo do projeto foi fixado em cenários pré-definidos, tomando cuidado para que os cenários fossem próximos entre si, reduzindo o desgaste físico e emocional das gestantes. Além disso, as poses e os objetos utilizados nas fotos foram designados e planejados com antecedência (figura 3 e figura 4). Tanto a fixação dos fotógrafos como o planejamento estético concedeu maior velocidade ao processo, permitindo que a sessão fosse realizada apenas no período da manhã. Por ter sido realizada em ambiente externo, locais foram adaptados para o maior conforto dos participantes.



Figura 3-Foto realizada durante a segunda sessão.

Fonte: Projeto PREVIDA, 2015.



Figura 4-Foto realizada durante a segunda sessão.

Fonte: Projeto PREVIDA, 2015.

As fotos foram editadas e entregues as participantes. Juntamente ao material impresso, foi repassado também um DVD, contendo todas as imagens registradas e um vídeo contendo as etapas do projeto.

Após a finalização de todas as etapas, algumas reflexões relevantes devem ser destacadas.

Em primeiro lugar o fortalecimento do vínculo e o comportamento familiar. A transmissão intergeracional de padrões de comportamento é frequente na literatura científica. O consumo de drogas de crianças e adolescentes é preocupante. A situação interfere diretamente na dimensão individual do jovem usuário, comprometendo seu relacionamento social, de modo que os vínculos coletivos e familiares estáveis e normalizados se fragilizam e se rompem, marginalizando-o progressivamente. Pais que fazem uso de alguma droga ou não transmite os valores relacionados à educação e adoção de hábitos saudáveis de vida serve de modelo para os filhos na experimentação e continuidade do uso ou não (SELEGHIM, MRANGONI, OLIVEIRA, 2011).

A família é uma unidade que está presente em todos os contextos e permanece como espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância e divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência e como lugar inicial para o exercício da cidadania. Trata-se de um espaço indispensável para garantia da sobrevivência, do desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e de seus membros. O âmbito familiar tem um efeito potencialmente forte e durável para o desenvolvimento infantil. O vínculo e a interação saudável servem de base para o exercício pleno das potencialidades das crianças e dos adolescentes (UNICEF, 2011). Os depoimentos abaixo confluem para essa reflexão.

[...] Foi uma notícia muito boa. Uma coisa muito importante foi desejada a gravidez, não teve, nunca teve nenhum problema, sabe? Minha família inteira aceitou [...] Estão me apoiando muito. G4.

[...] Todo mundo ficou super feliz [...] me apoiaram e me apoiam muito [...] tá todo mundo em festa [...] Então todos ficavam numa expectativa assim: No dia em que a filha engravidar vai ser aquilo tudo, mas o pessoal tá curtindo muito [...] Falam da responsabilidade, mas estamos unidos para superar. G13.

Para uma segunda reflexão, destaca-se a interação dos Acadêmicos e Professores dos cursos de Medicina e Enfermagem da UFV. O trabalho possibilitou uma aproximação intensa com a comunidade, com estímulo à interação com os participantes, conhecendo suas histórias de vida e contribuindo, mesmo que de forma simples, com a qualidade de vida dessas famílias.

Essa relação é fundamental e a Universidade Federal de Viçosa tem como missão formar profissionais que tenham conhecimento em sua futura profissão, mas acima de tudo tenham comportamentos éticos e de cidadania para com as pessoas que necessitam em qualquer situação de vida. Essa articulação é descrita no Plano Nacional de Educação 2011-2020 que destaca em suas metas a necessidade da garantia de padrão de qualidade em todas as instituições de ensino, por meio do domínio de saberes, habilidades e atitudes necessárias ao desenvolvimento do cidadão, bem como da oferta dos insumos próprios a cada nível, etapa e modalidade do ensino (BRASIL, 2010).

Por fim, outro aspecto do projeto pode ser evidenciado. Como as ações de extensão eram o foco principal, foi possível perceber a sua interface com a pesquisa. Essa relação é fundamental na formação dos estudantes e o Plano Nacional de Extensão traz em seu conceito esse momento: a Extensão Universitária é definida como “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade” Com isso, estamos formando pessoas e produzindo conhecimento (BRASIL, 2000).

A seguir, destaca-se uma imagem que finaliza as atividades do PREVIDA (figura 5). Outras propostas emergem da temática e o grupo continuará persistente na busca da prevenção do uso de drogas na infância e adolescência sempre articulando o ensino, a pesquisa e a extensão.



Figura 5-Foto da equipe do projeto.

Fonte: Projeto PREVIDA, 2015.

Fontes de Financiamento

O projeto contou, em 2015, com o apoio do PROEXT vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Referências

- BORSA, J.C.; DIAS, A.C.G. *Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério*. Revista Contemporânea-Psicanálise e Transdisciplinaridade, v. 2, p. 310-21, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação - PNE para o decênio 2011-2020, e dá outras providências*. Brasília, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Brasília, 2000.
- BRASIL. Resolução nº466, de dezembro 2012 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde. 2013.
- CARAVACA-MORERA, J.A.; PADILHA, M.I.; *A dinâmica das relações familiares de moradores de rua usuários de crack*. Saúde debate, v.39, n.106:748-759. 2015.
- FISCHER, B.; BLANKEN, P.; DA SILVEIRA, D.; GALLASSI, A.; GOLDNER, R.E.H.M.J. et al. *Effectiveness of secondary prevention and treatment interventions for crack-cocaine abuse: a comprehensive narrative overview of English-language studies*. Int. j. drug policy., v. 26, n.4, p.352-63. 2015.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- HORTA, R.L; ESSWEIN G.C, HORTA, CL. *Percepção de profissionais de saúde de CAPS I quanto a demandas relativas ao consumo de crack*. Ciênc. saúde coletiva, v.18, n.4, p. 1099-1108. 2013
- HUMANUS. Associação Humanidades. *Manual de Prevenção do Uso de Drogas para Mediadores*. 1ª ed. 2014.
- IBGE. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012*. Rio de Janeiro: IBGE; 2012.

- MALTA, D.C. et al. *Consumo de álcool entre adolescentes brasileiros segundo a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE 2012)*. Rev. bras. epidemiol., v.17, supl.1, p.203-214. 2014.
- NASI, C.; OLIVEIRA, G.C.; LACCHINI, A.J.B.; SCHNEIDER, J.F.; PINHO, L.B. *Tecnologias de cuidado em saúde mental para o atendimento ao usuário de crack*. Rev. gaúch. enferm., v.36, n.1, p.92-7. 2015.
- ONU. *Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime: Normas Internacionais Sobre a Prevenção do uso de Drogas*. Brasil: 2013.
- PALAMAR, J.J.; DAVIES, S.; OMPAD, D.C.; CLELAND, C.M.; WEITZMAN, M. *Powder cocaine and crack use in the United States: An examination of risk for arrest and socioeconomic disparities in use*. Drug alcohol depend., v.149, n.1, p.108-16. 2015.
- POZZA, A.M. et al. *A influência familiar no envolvimento dos jovens com as drogas*. Revista Eletrônica da Univar. n. 6, p. 154 - 157, 2011.
- RIBEIRO, M. *O conceito de dependência e os modelos de atendimento*. Site Álcool e Drogas sem Distorção, do Núcleo Einstein de Álcool e Drogas do Hospital Israelita Albert Einstein. Disponível em: <<http://www.einstein.br/alcooledrogas>>. Acesso em: 17 jul. 2016.
- SCHENKER, M.; MINAYO, M. C.S. *Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência*. Ciênc. saúde coletiva, v.10, n.3, p.707-717. 2005.
- SELEGHIM, M.R.; MARANGONI, S.R.; MARCON, S.S.; OLIVEIRA, M.L.F. *Family ties of crack cocaine users cared for in a psychiatric emergency department*. Rev. Latinoam. Enferm., v.19, n.5, p.1163-70. 2011.
- TAPERT, S.F. et al. *Blood oxygen level dependent response and spatial working memory in adolescents with alcohol use disorders*. Alcoholism: Clinical and Experimental Research, Hoboken [Estados Unidos]: Wiley-Blackwell; Austin: Research Society on Alcoholism - RSA, v.28, n.10, p.1577-1586. 2004.
- UNICEF. Kaloustian, SM (org). *Família brasileira, a base de tudo*. 10ª edição. São Paulo: Cortez; 2011.

Recebido para publicação em 29/4/2016 e aprovado em 8/8/2016.

Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais na contemporaneidade - Viçosa, MG

Vanessa Lana¹ & Paloma Gabriele Fernandes Lobato²

Resumo: A proposta deste artigo é discutir os resultados da pesquisa "Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais em Viçosa e região", realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA, da Universidade Federal de Viçosa. O projeto de extensão teve como objetivo refletir sobre os usos e costumes das tradições populares a partir das práticas de cura com plantas medicinais. O trabalho de campo foi desenvolvido na comunidade de Cachoeira de Santa Cruz (Cachoeirinha) e apontou para permanências culturais nos usos das plantas e aspectos singulares desses usos na cultura local. Como resultado do projeto foram realizadas duas oficinas na localidade, dentro da proposta de interação Universidade / Comunidade.

Palavras-chave: História das Ciências. Plantas Medicinais. Cultura. Tradições populares. Extensão.

Área Temática: Cultura, Educação.

Popular traditions in customs and healing practices with medicinal plants in the contemporary - Viçosa, MG

Abstract: The purpose of this article is to discuss the research results "Popular Traditions in the customs and practices of cure with medicinal plants in Viçosa and region" held by the Institutional Scholarship Program for Culture and University Art -. PROCULTURA, the Federal University of Viçosa. The extension project aimed to reflect on the ways and customs of popular traditions from the healing practices for medicinal plants. The fieldwork was developed in the community of Cachoeira Santa Cruz (Cachoeirinha) and pointed to cultural continuities in the uses of plants and singular aspects of these uses in the local culture. As a result of the project, two workshops has been realized , within the proposed interaction University / Community.

Keywords: History of science. Medicinal plants. Culture. Popular traditions. Extension.

Tradiciones populares de las costumbres y prácticas de curación para las plantas medicinales en la contemporánea - Viçosa, MG

Resumen: El propósito de este artículo es discutir las investigaciones "Tradiciones populares en las costumbres y prácticas de curación con plantas medicinales en Viçosa y la región", realizado por el Programa de beca institucional para la Cultura y la Universidad de Arte - PROCULTURA, la Universidad Federal de Viçosa. El proyecto extensión destinada a reflexionar sobre los usos y costumbres de las tradiciones populares de las prácticas curativas de las plantas medicinales. El trabajo de campo se desarrolló en la comunidad de Cachoeira Santa Cruz (Cachoeirinha) y señaló continuidades culturales en los usos de las plantas y los aspectos singular de estos usos en la cultura local. Como resultado del proyecto se realizaron dos talleres en la ciudad en la interacción proyectada Universidad / Comunidad.

Palabras clave: Historia de la Ciencia. Plantas medicinales. Cultura. Tradiciones populares. Extensión.

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa. Endereço: Avenida Peter Henry Rolfs, s/n - Campus Universitário, 36570-900 - Viçosa -MG - Brasil. Telefone (31) 3899 3725. Email: vanessalana@ufv.br.

² Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Viçosa. Email: palo-ma.lobato@ufv.br.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir o projeto de extensão “Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais em Viçosa e região”, desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa. O projeto foi executado no ano de 2015, dentro do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA. A proposta foi refletir, numa perspectiva interdisciplinar, sobre as práticas culturais em Viçosa e região, a partir dos costumes de cura com plantas medicinais. Tal ideia corrobora com a concepção de ensino e formação plurais, que tenham na integração com a comunidade um dos principais eixos norteadores.

Conforme orientação do Parecer CNE/CP 9/2001, é fundamental buscar a superação de uma prática de ensino vista como reprodutora de informações. Para tal, deve-se atentar à necessidade de um ensino crítico, com práticas metodológicas diversificadas, que estimulem a produção do conhecimento e mobilizem o raciocínio e a experimentação (BRASIL, 2001). Assim, alguns desafios se colocam para professores, estudantes e licenciados na Educação Básica, em relação ao desenvolvimento de saberes de informação, argumentação, criatividade, e reflexão.

Como preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, nos cursos de licenciaturas só é possível romper com a visão fragmentada do conhecimento, que predomina especialmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, se houver uma preocupação em redimensionar a formação disciplinar dos docentes, focando a interdisciplinaridade (BRASIL, 2001). Nesse contexto, o ensino não se deve restringir a transmitir informações ou apresentar apenas um único caminho, mas sim ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, da sociedade e do meio em que vive. Embora no aspecto normativo haja ênfase na necessidade de inovações no ensino, o que se observa ainda é a utilização de métodos rotineiros e mecânicos nas ações educacionais, tendo as novas propostas de ensino pouca repercussão em práticas didáticas na sala de aula.

A discussão sobre questões do âmbito cultural gera um impacto positivo na educação, ao permitir a problematização sobre ideias como “cultura popular”, “senso comum” e na perpetuação de práticas, como os usos de plantas medicinais e seus significados culturais dentro de determinadas localidades e grupos. Nesse sentido, o projeto aqui discutido buscou a valorização da cultura e tradições populares de Viçosa e região, por intermédio do resgate de práticas de curas com plantas medicinais; o resgate da memória de grupos da região, que perpetuam símbolos culturais, discutindo seus significados para a comunidade; e a criação de mecanismos de divulgação cultural e diálogos com as escolas, envolvendo professores e estudantes da Educação Básica.

Dentro dessa perspectiva de pensar diferentes formas de integração entre comunidade e Universidade e de mecanismos de ensino e divulgação que fossem para além do tradicionalmente pensado, a proposta de produto do nosso projeto foi a criação de oficinas aplicadas na localidade estudada. As oficinas sobre a utilização de plantas medicinais tiveram como perspectiva trazer à tona a importância cultural de tais práticas passadas por gerações, ressaltando a pluralidade existente em nossa sociedade tanto no que tange a “crença pelo hábito”, quanto pela fundamentação dita “científica”.

Assim, esta proposta de extensão se justificou pelo resgate de tradições de cultura popular em Viçosa e região, na valorização de práticas que permaneceram por gerações e na perpetuação desses ensinamentos. Buscamos analisar os valores e códigos culturais presentes nos diferentes usos das plantas e seus significados para os grupos, numa proposta de valorização da cultura e da identidade dos grupos locais. Ao realizar essa proposta na Universidade Federal de Viçosa, acreditamos que podemos contribuir na valorização de uma das funções importantes da instituição, que é o diálogo com a comunidade e a valorização da cultura local. No caso da formação de professores, o projeto contribuiu para a criação de novas ferramentas de ensino na licenciatura em História da UFV, priorizando o diálogo e troca de experiência com profissionais e estudantes da própria Universidade e da educação básica na região.

Isto posto, dividimos a análise em três partes principais. Primeiramente, discorreremos sobre os pressupostos teóricos que embasaram e fundamentaram a construção do trabalho. Num segundo momento, discutiremos a comunidade contemplada, atentando para a presença das práticas de cura com plantas medicinais na localidade e os fundamentos da observação na pesquisa realizada. Na última parte do texto, analisaremos os produtos do projeto de extensão, -que foram duas oficinas realizadas na comunidade, discutindo os princípios de elaboração das oficinas e a aplicação das mesmas.

A construção da pesquisa e seus produtos

Nas últimas décadas, a História das Ciências, enquanto campo de estudos, tem passado por grandes transformações no tocante à definição de ciência como uma atividade social cujo desenvolvimento resulta da ação de variáveis internas e externas, dentro de contextos e temporalidades específicas (DANTES, 2005). As práticas científicas têm sido pensadas como reflexos de culturas específicas e inseridas numa determinada conjuntura. Assim, ao discutir sobre a história das ciências no Brasil, tomamos como norte as especificidades nacionais na construção de discursos, práticas, nas intervenções nos espaços público e privado e no diálogo entre tradições locais e preceitos científicos consolidados no cenário internacional. Acreditamos que o contexto cultural local, com a presença de saberes próprios, atua de forma decisiva no processo de difusão e afirmação das práticas científicas, gerando apropriações diferenciadas das ciências modernas.

As tradições são parte indissociável das identidades sociais, representando aspectos significativos da vida cotidiana de grupos e comunidades que partilham dessas tradições. Nesse sentido, acreditamos que a utilização de plantas com funções medicinais, vinculadas à “medicina popular”, representa um ponto de encontro entre permanências e rupturas culturais, permitindo a observação de diferentes tradições e culturas. É possível perceber a construção e perpetuação de ambas, a partir de conhecimentos e saberes oriundos de diferentes culturas. A invenção ou reinvenção de tradições permite o estabelecimento de uma relação concreta de continuidade em relação a algum dado concreto do cotidiano.

Por “tradições inventadas”, tomamos como base os estudos de Hobsbawm e Ranger, que apontam o conceito como

(...) um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM e RANGER, 1984: 10).

Assim, buscamos analisar as tradições culturais com o uso de plantas para fins medicinais por meio da compreensão dos significados destas para a população, sua historicidade, rupturas e permanências. Para além de uma continuidade em relação ao passado, foi interesse na análise perceber as ressignificações dessas práticas, tendo como base uma análise internalista da ciência, o que leva em consideração aspectos contextuais das práticas científicas.

Historicamente, o uso de plantas medicinais no Brasil fez parte do arcabouço da chamada “medicina popular”, que era baseada nos costumes e práticas difundidas no meio social e passadas de geração a geração, para o combate a diferentes enfermidades. No século XIX, momento de formação do Estado Nacional brasileiro, foram financiadas expedições científicas para reconhecimento e tomada de território e com a função de explorar a flora e fauna nacionais. Destas expedições, existem registros de usos sobre a apropriação de plantas para fins medicinais, em diferentes grupos (SANTOS, 2008). A literatura sobre os usos de plantas medicinais destaca que:

Os remédios advindos da natureza foram amplamente empregados na cura das enfermidades que assolavam os habitantes das terras brasileiras e os saberes sobre usos e propriedades das plantas medicinais foram, desde o século XVII principalmente, estudados e divulgados no mundo científico, nos centros de botânica e história natural na Europa. Esse movimento também se fez presente no Brasil, que contribuiu para o estabelecimento e fortalecimento de uma rede de informações e circulação sobre as potencialidades e possíveis usos das drogas naturais (SANTOS, 2008: 1026).

Essas plantas, ainda segundo a autora, foram utilizadas para fins medicinais, nas tentativas de cura de males do corpo e do espírito, constituindo redes de saberes e informações sobre as potencialidades da natureza brasileira. Os usos destas plantas e sua perpetuação nos espaços e tempos, possibilitam a discussão acerca da importância da natureza e de seus produtos na construção de identidades de diferentes grupos (SANTOS, 2008).

O estudo dos usos de plantas medicinais permite refletir sobre a construção de uma tradição ~~de~~ ~~uso~~ inventada a partir dos conhecimentos e saberes oriundos de diferentes culturas. Assim, são passíveis de serem observados e discutidos: os modos de vida configurados, os códigos culturais partilhados e os significados de práticas populares na formação da identidade de grupos (SANTOS, 2000).

Por cultura, tomamos no projeto as indicações conceituais do antropólogo Clifford Geertz (2008), que aponta que todo homem é um ser cultural, um ser social, imerso numa rede de sentidos e significados que são identificados como cultura. Nesse sentido, estudar uma cultura é discutir um código de símbolos partilhados por membros da mesma, identificando particularidades presentes nos diferentes grupos. Ainda segundo o antropólogo, não há socialização total em uma determinada cultura, o que se partilha são “códigos simbólicos” (GEERTZ, 2008), o que nos permite pensar sobre as diferenças culturais e as perpetuações de práticas e usos de plantas medicinais pelos grupos estudados.

Retomando a análise de SANTOS (2000), o autor afirma que :

Assimilados de modo empírico a partir das necessidades impostas pela realidade cotidiana, os saberes constitutivos das tradições populares de uso de plantas medicinais incorporam novos métodos de uso de plantas e novos objetivos para estes usos (SANTOS, 2000, p. 929).

Assim, ao propor uma interação entre os saberes ditos “científicos” e o “saber popular”, o projeto buscou envolver os dois campos no processo de construção do conhecimento, num diálogo e interlocução entre a comunidade acadêmica e a comunidade de Viçosa e região. A cidade de Viçosa está situada no interior do estado de Minas Gerais. Conhecida como “Santa Rita do Turvo” em meados do século XIX, foi elevada à condição de cidade em 1886, com a denominação “Viçosa de Santa Rita”, em 1911 passa a adotar o nome atual (PANIAGO, 1990).

O município e suas dinâmicas social e econômica são fortemente influenciados pela Universidade Federal de Viçosa e seus estudantes, principalmente na área central. Ao mapear essa área, dentro das finalidades da pesquisa, não encontramos grupos que fizessem uso das plantas medicinais com fins terapêuticos. Levantou-se como uma das hipóteses que essa região mantivesse uma relação mais forte com a Universidade e as práticas mais utilizadas para cura fossem buscadas na chamada “medicina acadêmica”, ou nos profissionais diplomados por faculdades.

Na continuidade do mapeamento da cidade, para que se pudesse conhecer grupos que perpetuassem os costumes com plantas medicinais, ficamos conhecendo a comunidade de Cachoeira de Santa Cruz, mais conhecida e tratada neste artigo como comunidade de Cachoeirinha. A comunidade é um distrito da zona rural de Viçosa. Ao iniciar as visitas e observações na comunidade, percebemos que seus moradores mantinham fortes vínculos com as plantas. Iniciamos o trabalho no Posto de Saúde de Cachoeirinha e tivemos no Posto nosso alicerce da pesquisa, tendo como auxiliar e mediadora no contato com a população local uma agente de saúde que trabalha no Posto.

As oficinas realizadas no projeto foram elaboradas com o objetivo de resgatar as tradições dos usos de plantas medicinais para fins terapêuticos na comunidade de Cachoeirinha, com vistas à valorização e perpetuação dessas tradições. Para tal, foram selecionados dois públicos alvo. Primeiro, nos voltamos para os adolescentes que cursavam o ensino fundamental. O segundo foi o grupo de mulheres que frequentava o Posto de Saúde da Comunidade. Em ambos, o objetivo principal era identificar o conhecimento que tinham acerca das plantas e os significados dessas práticas no cotidiano, além de reforçar e valorizar a tradição local.

A primeira oficina foi denominada “O Universo da minha geração: A significação da Flora Brasileira do XIX ao XXI”. O público-alvo foram alunos do segundo segmento do ensino fundamental da educação básica na escola da comunidade. A escolha desse público se deu com o objetivo de investigar os conhecimentos que os adolescentes tinham sobre o ~~uso~~ ~~de~~ utilização das plantas e, ao mesmo tempo, buscar resgatar essas tradições, pontuando com eles que muitos dos usos de plantas que fazem no cotidiano, ou de plantas que conhecem dos quintais de casa, têm uma longa história e fazem parte da memória da localidade.

A oficina foi dividida em três eixos temáticos. O primeiro, “Os conhecimentos sobre a natureza no XIX”, teve como objetivo contextualizar o ~~uso~~ ~~de~~ tomada das plantas para fins medicinais no século XIX em diferentes instâncias no território brasileiro, e, ainda, apontar o encontro de povos como ação primordial para construção de culturas próprias brasileiras no que tange as práticas de cura com a utilização da flora. O segundo, “A utilização dos conhecimentos tradicionais no século XX”, nesse

eixo discutiu-se com os alunos o espaço cultural em que eles se inserem, além de buscar uma consciência crítica para aquilo que o outro tem a oferecer para a formação de identidade coletiva ao ressaltar as diferentes ~~forma~~ tradições passadas de geração em geração, ~~através~~ por meio da ~~em forma de~~ oralidade, sobre o tratamento de enfermidades com as plantas. No último, “O (re) significado das tradições de cura no século XXI”, buscou-se fomentar o diálogo sobre a identificação dessa geração dentro da comunidade e nos costumes com as plantas.

A aplicação dessa oficina foi realizada em dois dias, para que pudéssemos realizá-la com os alunos do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No primeiro dia, chegamos à escola às 8 horas da manhã e fomos recebidos pela diretora. Fomos encaminhados para a sala do 9º ano, ~~onde~~ na qual a turma do 8º ano iria se juntar a nós. Utilizamos o recurso de data show com a apresentação de um *power point* para abrir um espaço de maior interatividade com os alunos. A oficina contou com um percurso histórico desde o século XIX com a vinda da família real para o Brasil e pesquisas de viajantes europeus para estudar as riquezas naturais do país. Conversamos, ainda, sobre as plantas encontradas em Cachoeirinha e os alunos puderam compartilhar suas experiências com as mesmas. Ao longo do trabalho de observação e pesquisa na comunidade, percebemos que havia muito da herança indígena e africana nos usos das plantas. Assim, esse foi um dos temas discutidos com os alunos, por meio de exemplos de plantas do cotidiano deles, que faziam parte de rituais desses povos. Durante toda a oficina os professores também participaram com sugestões, histórias e comentários. Ao final, os alunos escreveram em forma de texto ou ilustração a avaliação da oficina.

~~No~~ Na segunda oficina, uma semana depois, o mesmo formato foi empregado - para com os alunos do 7º ano. Também fomos recebidos pela diretora às 8 horas da manhã. Os passos seguidos foram os descritos acima e, ao final, os alunos do 7º ano também escreveram ou ilustraram sua avaliação da oficina. No geral, as avaliações apontaram para pontos positivos e pudemos observar muito envolvimento dos ~~envolvidos~~ participantes com as atividades e discussões propostas.

A segunda oficina proposta teve como tema “A memória coletiva” e foi ministrada no posto de saúde de Cachoeirinha, para a comunidade em geral, com ênfase nas mulheres que frequentavam o local. Quando se iniciaram ~~os trabalhos~~ as atividades de pesquisa em Cachoeirinha, fomos recebidos por uma das agentes de saúde local. A profissional nos sugeriu realizar um trabalho com as mulheres que frequentavam o posto. pois muitas delas utilizavam as plantas e, em sua maioria, de forma concomitante aos prescritos médicos. A partir desses preceitos, organizamos uma roda de conversa com essas mulheres, indicadas pelo próprio Posto de Saúde.

A oficina foi iniciada com conversas sobre as visitas de campo que havíamos realizado na comunidade no começo do ano, inclusive com algumas das pessoas presentes no momento. Discutimos sobre as plantas encontradas na comunidade e os aspectos analisados ao longo do ano. Além disso, cada uma pôde compartilhar experiências próprias e contar um pouco sobre os costumes com as plantas e como cada um construiu uma parte da diversidade cultural. No final, preenchemos, todos juntos, um cartaz, para que pudesse ficar no posto, com algumas plantas e suas utilidades para saúde. Como agradecimento à participação, foi dada uma muda de planta a cada participante, também como uma mensagem da importância de se manter vivas as práticas realizadas na comunidade.

Dos resultados: comunidade e a tradição cultural no uso das plantas medicinais

A comunidade de Cachoeirinha nos despertou interesse para esse trabalho, dos usos das plantas medicinais, por apresentar elementos que mesclam uma difusão de costumes e tradições culturais, perpassado às gerações por intermédio da oralidade. Arelada à ideia de cultura como um conjunto de símbolos e significados que compõem o comportamento humano, o que percebemos é uma adaptação ou mudanças ~~nos usos~~ a utilização das plantas que se adequam às necessidades da população e às suas mudanças externas e internas.

Com o processo de crescimento do espaço central da comunidade, as plantas passaram a representar um cuidado com a saúde longo e muitas vezes ineficaz, abrindo espaço para a visão dessas mesmas plantas como um atraso, já que a localidade passou a dispor de uma Unidade Básica de Saúde. Na Unidade são encontrados e disponibilizados remédios, vacinas e intervenções médicas rápidas, como pequenas cirurgias.

No trabalho de campo, foi possível observar uma ideia recorrente entre a população, de que, há tempos, no acometimento de alguma enfermidade, o tratamento era primeiramente buscado nas plantas e benzedeadas locais, deixando o hospital ou tratamento médico para casos mais graves. Após a

implantação e funcionamento da unidade de saúde em Cachoeirinha, passou-se a questionar o lugar das plantas como meio de cura. O recurso dos serviços médicos ficou facilitado. Agentes de saúde percorrem a comunidade, de porta em porta, para levar medicamentos e marcar consultas, indicando o tratamento e o médico para qualquer problema relatado.

No entanto, o que mais nos chamou atenção em Cachoeirinha foi que, mesmo com uma maior busca pelos serviços médicos, as tradições populares de cura não se esvaziaram. Foi fácil encontrar na comunidade pessoas que perpetuam essa prática, cultivando, na maioria dos casos, as plantas para utilização dentro da própria casa. Os que praticam esses rituais de cura e indicam as plantas com fins medicinais são conhecidos e respeitados entre a população e, de modo geral, têm a tradição na família, receberam o “ofício” de seus ancestrais.

O aspecto religioso está muito relacionado ao uso das plantas. Além da finalidade de cura, os que perpetuam a prática, no geral, são também “benzedeiros”, fazem orações e rituais para cura do corpo e da alma. Na comunidade há uma mescla de influência católica e resquícios de religiões de matriz africana, como a umbanda que há muito exercia grande influência na região. É possível perceber isso ao tratar da erva mais citada pelos habitantes: o Elevante (ou *levante* e *alevante*). O Elevante, além de ser usado para febre e dor no estômago, também é constante na religião umbandista para “levantar o astral do médium”, sendo uma planta usada em rituais aromatizantes e energizantes e está ligada a Xangô³.

Uma preocupação comum entre os praticantes de cura na comunidade é a do dano ao se preparar a planta de uma maneira errada (chá, emplasto, pomada) e o remédio acabar tendo efeito contrário, tornando-se venenoso ao organismo. As folhas leitosas, gordurosas ou porosas foram citadas como fonte de doenças se preparadas em infusão - como é o caso da *erva de passarinho*, *arnica* e *citronela*. Além disso, a própria noção de remédio se tornou fundamental e é comum as pessoas juntarem às plantas outros elementos. Dentre as “misturas”, encontramos: chá mais gordura de pato, para curar pneumonia; fezes de cachorro para sarampo; hortelã, pau pereira e chifre de boi para verme. Acredita-se em um princípio ativo presente nesses elementos, que dão maior segurança às receitas de plantas.

Considerou-se, assim, que é de grande importância e relevância cultural a tradição que as práticas de cura com plantas medicinais têm na perpetuação e manutenção da identidade coletiva em Cachoeirinha. As pessoas na comunidade e na região procuram as benzedeadas e raizeiros porque acreditam no valor simbólico e na eficácia do tratamento. Com o objetivo de valorizar, resgatar essa tradições culturais e perpetuar essa memória entre os próprios moradores, propusemos a realização das duas oficinas apresentadas na seção anterior.

Ao realizar a montagem e divulgação das oficinas sobre os diferentes usos das plantas medicinais e seus significados culturais, num contexto interdisciplinar, tivemos por objetivos preservar e divulgar saberes e práticas que ultrapassaram gerações, destacando seus significados para a comunidade. No trabalho com a oficina na escola, pôde-se observar o interesse dos alunos pelas plantas e a curiosidade deles em saber dos benefícios para cura. A dinâmica da oficina propiciou o incentivo da percepção dos alunos como sujeitos da produção de saberes e de identificação com códigos culturais presentes nas práticas preservadas e analisadas na atividade.

Nos relatos apresentados, os alunos destacaram a importância de se conhecer os costumes de gerações anteriores, sobre quais plantas eles usavam e como eram esses usos. Além disso, ressaltaram a compreensão da História do Brasil e de Minas Gerais através da interdisciplinaridade, possibilitando “ver” a disciplina, os costumes e práticas culturais através de outros olhares. Isto, no debate sobre a colaboração mútua entre heranças indígenas, europeias e africanas nos usos das plantas medicinais e as ressignificações dessas práticas na comunidade.

Percebemos na realização da oficina no Posto de Saúde a importância de se destacar e valorizar o olhar da comunidade para um resgate cultural com as plantas para uso medicinal. No decorrer da atividade, foi possível apreender a necessidade sentida pelos próprios moradores na preservação desses costumes como identidade cultural de Cachoeirinha. Nesse sentido, a oficina ministrada no Posto permitiu a abertura de um maior diálogo com a comunidade, para valorização da cultura local e o resgate da memória individual e coletiva construída em Cachoeirinha. Foi possível, ainda, perceber a identificação da população com o tratamento por meio plantas e seus rituais de cura. Um dos pontos destacados pelos participantes da oficina foi a importância do diálogo sobre esses rituais de cura, um maior esclarecimento e valorização pela própria população, como formas de combater os preconceitos que ainda permeiam essas práticas.

Conclusões

O projeto “Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais em Viçosa e região”, teve na comunidade de Cachoeirinha um cenário propício ao desenvolvimento dos objetivos propostos. A diversidade cultural refletida nos usos e significações das plantas medicinais na localidade nos permitiram analisar as permanências e rupturas dessas tradições e valorizar, por meio das oficinas, o resgate cultural dessas práticas dentro da comunidade.

A experiência realizada no Posto de Saúde evidenciou que as tradições populares de cura convivem com as práticas da medicina acadêmica. Apesar de o espaço rural ser o local de maior difusão dos usos das plantas e da perpetuação destes por intermédio de gerações, a área urbana da comunidade apresentou uma convivência entre as práticas acima referidas. Era comum observar a utilização do tratamento médico em conjunto com as indicações passadas pelos raizeiros e benzedeiros locais.

Observou-se, durante o trabalho de campo, a busca pelos moradores por uma benzedeira ou rezadeira local, no intuito de buscar a cura para aquilo que o atendimento médico não havia surtido os resultados esperados. Como exemplo, observamos os casos de “mal olhado”, “espinhela caída”, “olho gordo”, para os quais, a realização do ritual de cura dependia muito mais da fé de quem o realizava e do que de quem o recebia.

Há algumas décadas, o acesso aos serviços médicos na região era difícil. Havia limites nas possibilidades de acesso rápido a consultórios e hospitais, o que era ainda mais dificultado pelas condições financeiras da população e pelas próprias condições de deslocamento. Com a implantação da unidade de saúde em Cachoeirinha, passou-se a questionar o lugar das plantas como meio de cura. As agentes de saúde que saem de porta em porta para levar medicamentos e marcar consultas indicam o médico para qualquer problema relatado. Contudo, quando se perguntava aos moradores sobre o lugar das plantas nos cuidados com a saúde, eram resgatadas memórias que indicavam a importância e a perpetuação cultural nos usos das plantas medicinais para finalidades de cura. Eram relatados, por exemplo, o contínuo uso de chás para problemas mais simples como chá de hortelã para desconforto intestinal, chá de camomila para insônia, erva terrestre para dor de cabeça, poejo e erva cidreira para gripe e resfriado, chá de folha de amora para tireoide, entre muitos outros.

Assim, o projeto analisado neste artigo, trouxe à tona essa perpetuação cultural existente em Cachoeirinha, atentando para as permanências de práticas por gerações de moradores. Na realização das oficinas, foi possível observar as lembranças e memórias da população. Muitos se sentiam nostálgicos ao compartilhar práticas que não usavam mais, outros se orgulhavam de terem aprendido técnicas de cura com antepassados e alguns comentaram a identificação que sentiam para com o outro ao perceberem que os tratamentos ensinados pelos avós ainda estão presentes em grande número na região.

Acredita-se que a Universidade é um importante espaço para a formação interdisciplinar e para a reflexão sobre práticas culturais e divulgação de novas propostas que conjuguem ensino e cultura, tanto para a comunidade acadêmica quanto, e principalmente, para a comunidade de uma forma geral. Nesse sentido, além da busca por maior interação e diálogo entre a comunidade e a Universidade, a pesquisa abriu caminho para a reflexão sobre práticas culturais que perpassaram gerações, buscando a identificação da comunidade com essas práticas e com a própria identidade dos grupos que perpetuam esses saberes.

Fontes de Financiamento

O projeto foi financiado com recursos da Universidade Federal de Viçosa, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA - UFV.

Referências Bibliográficas

BRASIL - Ministério da Educação. *Parecer CNE/CP 9/2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.

DANTES, Maria Amélia. A implantação das ciências no Brasil: um balanço historiográfico. In: ALVES, José Jerônimo de Alencar (org.). *Múltiplas faces da História das Ciências na Amazônia*. Belém, Editora UFPA, 2005, p. 31-48.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. 1 ed. 13 reimpressão, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Neves, Margarida de Souza. "Ciência, civilização e República". In: Heizer Alda e Videira, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2010, p. 31 - 44.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Viçosa, Mudanças Sociais e Socioculturais: evolução Histórica e tendências*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1990.
- Saldaña, Juan José. "Ciência e Identidade Cultural: História da Ciência na América Latina". In: Figueirôa, Silvia. *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 11 - 32.
- SANTOS, Laura Carvalho. "Antonio Moniz de Souza, o Homem da Natureza Brasileira: ciência e plantas medicinais no início do século XIX". In: *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. V15, n. 4, out-dez 2008, p. 1025-1038.
- SANTOS, Fernando Sérgio Dumas. "Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia". In: *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, vol. VI (suplemento), setembro 2000, p. 919-939.
- SPETHMANN, Carlos Nascimento. *Medicina alternativa de A a Z*. São Paulo: Edições Natureza, 2004.

Recebido para publicação em 18/6/2016 e aprovado em 9/9/2016.

³ "Xangô teria sido o quarto rei da cidade de Oiô, que foi o mais poderoso dos impérios iorubás. Depois de sua morte, Xangô foi divinizado, como era comum acontecer com os grandes reis e heróis daquele tempo e lugar, e seu culto passou a ser o mais importante da sua cidade, a ponto de o rei de Oiô, a partir daí, ser o seu primeiro sacerdote." Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/xangorei.htm>>. Acesso em: 20 de fev. 2016.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da ACIEPE: Busca, análise e divulgação de informações econômicas do setor agropecuário

Estevan Henrique Coelho¹; Matheus Sleiman da Costa²; Marta Cristina Marjotta Maistro³; Adriana Estela Sanjuan Montebello⁴

Resumo: As Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE's) são atividades fomentadas pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos, que procuram viabilizar e estimular atividades que envolvam ensino pesquisa e extensão, principal enfoque pedagógico da Instituição. A ACIEPE, projeto direcionado para busca, análise e divulgação de informações econômicas do setor agropecuário, teve por objetivo desen-volver um Boletim Informativo, estimulando os alunos no trabalho de dados e informações, de forma que estes sejam repassados em linguagem simplificada e que se atinja os agentes econômicos em vários níveis. Foram feitos levantamentos e análise de informativos já existentes para basear o desenvolvimento do Boletim Informativo GEAgro, o que resultou na elaboração de 5 edições de um informativo, sendo estas divulgadas via rede social. A atividade trouxe resultados no sentido de trabalhar com os participantes a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, com a perspectiva de continuidade.

Palavras-chave: Boletim. Informações. Agropecuário. Economia.

Área Temática: : Educação, Comunicação.

The indivisibility of teaching , research and extension through ACIEPE : search, analysis and dissemination of economic information in the agricultural sector

Abstract: Curricular Activities Education Integration and Research (ACIEPE's) activities are promoted by the Dean of Extension of the Federal University of São Carlos, seek viable and stimulating activities involving education research and extension, which is the main pedagogical approach. The ACIEPE: search, analysis and dissemination of economic information in the agricultural sector aimed to develop a newsletter, encouraging students to work data and information, so that it is passed in simplified language, achieving economic agents at various levels. Were made survey and analysis of existing information on which to base the development of GEAgro Newsletter, which resulted in the preparation of 5 issues an information, which are issued via the social network. The activity brought results in order to work with participants inseparability of Education and Research, with the prospect of continuity.

Keywords: Newsletter. Information. Agricultural. economy.

La indivisibilidad de enseñanza, investigación y extensión a través de ACIEPE : búsqueda, análisis y difusión de información económica en el sector agrícola

Resumen: Actividades Curriculares Integración Educación e Investigación de actividades (de ACIEPE) son promovidos por el Decano de Extensión de la Universidad Federal de San Carlos, buscan actividades viables y estimulantes que implican la investigación y la extensión de la educación, que es el principal enfoque pedagógico.

¹ Discente da Universidade Federal de São Carlos- Campus Araras - SP.

² Discente da Universidade Federal de São Carlos- Campus Araras - SP

³ Docente/Orientadora do projeto - Universidade Federal de São Carlos- Campus Araras - SP. Departamento de Tecnologia Agroindustrial e Socioeconomia Rural - Rod. Anhanguera, km 174. Cep. 13.600970. C. P. 153

⁴ Docente - Universidade Federal de São Carlos- Campus Araras - SP

El ACIEPE: búsqueda, análisis y difusión de información económica en el sector agrícola, al objeto de desarrollar un boletín de noticias, animando a los estudiantes a trabajar los datos y la información, por lo que se pasa en un lenguaje simplificado, el logro de los agentes económicos en los distintos niveles. Se hicieron encuestas y análisis de la información existente sobre la que basar el desarrollo de GEAgro Newsletter, lo que dio lugar a la preparación de un 5 temas de información, que se emiten a través de la red social. La actividad reunió los resultados con el fin de trabajar con los parti-cipantes inseparabilidad de Educación e Investigación, con la perspectiva de continuidad.

Palabras clave: Boletín. Información. Agrícola. economía.

Introdução

As Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE's) são atividades fomentadas pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Por meio dos professores, técnicos e alunos da universidade, essas atividades procuram viabilizar e estimular a interação com diferentes segmentos da sociedade, contribuindo também diretamente na formação profissional, que é o principal enfoque pedagógico da Instituição. (UFSCAR, 2015).

A ACIEPE pode ser desmembrada em ensino, pesquisa e extensão. Como ensino e pesquisa, busca a experimentação de alternativas de solução e encaminhamento de problemas. Como extensão, busca vincular atividades práticas e extraclasse, nas quais o aprendizado se estabelece e é sedimentado. (UFSCAR, 2015).

Tendo em vista os objetivos de uma ACIEPE, no primeiro semestre de 2015, foi ofertado pelo Departamento de Tecnologia Agroindustrial e Socioeconomia Rural (DTAiSER/UFSCar) a ACIEPE: Busca, Análise e Divulgação de Informações Econômicas do Setor Agropecuário. Esta ACIEPE teve como justificativa o fato de que os agentes econômicos envolvidos nesse setor produzem informações e, ao mesmo tempo, necessitam delas para a tomada de decisão. Nesse sentido, vários órgãos, sejam eles de caráter público ou privado, têm compilado e divulgado tais informações.

Em razão da amplitude do universo informativo, torna-se importante ter um olhar crítico sobre o que é divulgado (olhar esse exercido no processo de ensino e aprendizagem), começando, primeiramente, por saber onde procurar; em seguida, avaliar a importância dessa informação para os agentes dos diferentes setores agropecuários (portanto, incentivando a pesquisa) e, por fim, elaborar formas para que a informação seja divulgada (atendendo o caráter extensionista da atividade). Logo, a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão fica evidenciada.

Também, no que se refere ao desenvolvimento de atividades de extensão, deve-se ressaltar que, de acordo com o atual Plano Nacional de Educação (PNE), para o período de 2011 a 2020, em sua Meta 12 (elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, assegurando a qualidade da oferta), uma das estratégias para atingir tal meta é assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária (Ministério da Educação, 2016). Nesse sentido, a atividade apresentada neste Relato de Experiência, vem ao encontro da estratégia sugerida para o alcance da Meta 12 do PNE.

Objetivos

A ACIEPE teve por objetivos:

1. Buscar fontes de informações e dados econômicos voltados para o setor agropecuário;
2. Analisar a pertinência e a relevância de tais informações e dados;
3. Elaborar um Boletim Informativo, com a apresentação dos dados coletados em forma de gráficos e tabelas;
5. Possibilitar, por meio do Boletim Informativo, a divulgação de análises qualitativas dos dados, de uma forma que possa ser compreendida tanto por indivíduos ligados diretamente ao setor agropecuário, como também por aqueles que procuram entender a economia das cadeias produtivas.

Metodologia

A ACIEPE foi ofertada na UFSCar, no *campus* de Ciências Agrárias, na cidade de Araras-SP, pertencente a Mesorregião de Piracicaba e Microrregião de Limeira. O público-alvo foi tanto a comunidade interna como a externa, que são compostas, em sua maioria, por estudantes de agrárias e produtores rurais.

Dada a característica da ACIEPE de proporcionar um espaço de discussão para os temas abordados, com flexibilidade de horário, o cronograma foi elaborado (descritas as etapas a seguir), juntamente aos participantes inscritos, de acordo com o calendário acadêmico e a disponibilidade de salas.

- Cronograma de Atividades da ACIEPE:

Atividade/Mês	2015				
	mar	abr	mai	jun	jul
Levantamento e Análise de informativos disponíveis no mercado.	X				
Análise e levantamento de informações que possam caracterizar informativos.	X	X			
Desenvolvimento de informativos baseados em ACIEPE's anteriores.		X	X		
Desenvolvimento de informativo com novas informações.			X	X	X
Discussão dos resultados e divulgação dos informativos na página do Geagro.				X	X

Foram feitos levantamentos e análises de informativos já existentes, tais como: o SIFRECA (ESALQ-LOG, 2014), Boletim do Leite (CEPEA, 2014), 1º Levantamentos de Safra 2014/2015 (CONAB, 2014).

Concomitantemente, por meio de reuniões do grupo, foram discutidos temas para futuros Boletins Informativos, levando-se em consideração a importância desses ~~do mesmo~~ para o setor agropecuário e a continuidade da atividade.

Os dados e análises foram apresentados por meio de gráficos e tabelas em arquivos organizados no Power Point e a edição final disponibilizada na página do Grupo de Estudos do Agronegócio (GEAgro), no Facebook.

Resultados e Discussão

Conforme citado na Metodologia, após os levantamentos e análises de informativos já existentes, o grupo de participantes da atividade de extensão elaborou os informativos. A decisão referente aos temas a serem abordados foi tomada tendo ~~dentro~~ em vista a importância econômica, de cada tema, para o universo do agronegócio.

Como resultado, foram gerados cinco informativos que procuraram agregar informações relevantes para o setor a que se destinou, sendo que esses foram disponibilizados em formato eletrônico. O primeiro Boletim Informativo, publicado no mês de junho de 2015, tratou do desempenho do agronegócio brasileiro nos anos 2000 e trouxe informações referentes as balanças comerciais do agronegócio com enfoque nos três principais complexos: soja, milho e sucroalcooleiro (Figura 1).

O segundo informativo, publicado no mês de Julho de 2015, apresentou dados atualizados da balança comercial do agronegócio e os parceiros comerciais do Brasil, no primeiro semestre de 2015, em comparação ao primeiro semestre de 2014, evidenciando dados de importação e exportação dos parceiros e também de blocos econômicos. (Figura 2)

Ainda, como resultado, os Boletins Informativos de números 3, 4 e 5 foram divulgados ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2015, por meio eletrônico. Os temas abordados foram "Vantagens do Produtor no Mercado Físico e de Futuro do Milho"; "Variáveis Econômicas como Peça Chave na Tomada de Decisão de Armazenamento de Soja"; e "Mercado de Equipamentos Agrícolas". Visa-se prosseguir com o projeto de forma constante, garantindo uma periodicidade para a divulgação dos Boletins Informativos.

A principal forma de divulgação ocorreu por meio de redes sociais. Como balanço do alcance das publicações, pode-se considerar a quantidade de pessoas alcançadas: Boletim n.01, 538; Boletim n.02, 872; Boletim n. 03, 508; Boletim n.04, 709 (GEAgro, 2016). O Boletim de n. 05 foi apresentado no V Encontro do GEAgro, com a participação de cerca de 80 pessoas.

A perspectiva de continuidade desta atividade pressupõe a busca por novos meios de divulgação dos Boletins.

ufscar **G€Agro** **GRUPO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO** **Centro de Ciências Agrárias**

Boletim Informativo

Ano 1 "A simplificação da informação no agronegócio" nº 01

NESTA EDIÇÃO DO INFORMATIVO GEAGRO É APRESENTADO O DESEMPENHO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO NO MERCADO INTERNACIONAL NOS ANOS 2000

A balança comercial se refere à diferença entre as exportações e importações de mercadorias de um país. A Tabela 1 apresenta a série histórica da balança comercial brasileira e do agronegócio. Evidencia-se que o agronegócio vem mantendo superávit na sua balança comercial ao longo dos anos 2000. Segundo dados da AGROSTAT – Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, a balança comercial brasileira ficou positiva em US\$ 19,44 bilhões em 2012. Somente a balança comercial do agronegócio apresentou superávit de US\$ 79,41 bilhões neste mesmo ano.

Tabela 1: Saldo da balança comercial brasileira entre 2000 e 2012.

Ano	Total Brasil	Agronegócio
2000	(+0,73)	14,84
2001	2,69	19,06
2002	13,20	20,36
2003	24,88	25,90
2004	33,84	34,20
2005	44,93	38,51
2006	46,46	42,77
2007	49,03	49,70
2008	34,88	59,99
2009	25,27	54,89
2010	20,15	63,05
2011	29,80	77,47
2012	19,44	79,41

Fonte: Agrostat

O agronegócio é composto por diversos complexos agroindustriais. O principal complexo é o da soja. O montante exportado pelo complexo soja passou de 9,3 bilhões de dólares em 2006 para 24 bilhões de dólares em 2011, conforme apresentado na Figura 1. O valor das exportações do complexo soja totalizou US\$ 29 bilhões em 2011 exportando cerca de 61 milhões de toneladas conforme dados do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA.

Figura 1 - Exportações do complexo soja no período de 2006 a 2011.

Fonte: MAPA

O complexo sucroalcooleiro é o segundo principal complexo agroindustrial. Este complexo tem importância econômica, social e ambiental, sendo grande gerador de ocupação no meio rural. As exportações do setor atingiram US\$ 16,2 bilhões, em 2011, com aumento de 17,5% em relação ao ano de 2010.

"A simplificação da informação no agronegócio" **G€Agro** **GRUPO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO**

As exportações brasileiras de açúcar (refinado e em bruto) aumentaram 17,1%, entre 2010 e 2011, totalizando US\$ 14,9 bilhões em 2011 de acordo com a Figura 2. Em 2011, as vendas de açúcar em bruto representaram 77% do valor exportado, enquanto as de açúcar refinado participaram com 23%.

Figura 2 - Exportações de açúcar (refinado e em bruto) no período de 2006 a 2011 em milhões de US\$.

Fonte: AGROSTAT

O mercado internacional de álcool, em 2011, fechou o valor das exportações em US\$ 1,2 bilhão, sendo 22,2% superior ao US\$ 1,0 bilhão vendido ao exterior em 2010 (Figura 3).

Figura 3 - Exportações de álcool entre 2006 e 2011 em milhões de US\$.

Fonte: AGROSTAT

O terceiro maior complexo é o de carnes, sendo a carne de frango e a bovina as que apresentam expressiva participação nas exportações no período analisado. Dados do MAPA indicam que a carne de frango foi a que mais contribuiu para o aumento das exportações brasileiras com 48% do total de vendas, seguida pela carne bovina com 34%. A carne bovina tem maior peso na pauta exportadora e sua quantidade exportada e o valor das exportações, entre 2006 e 2011, são mostrados na Figura 4.

Figura 4 - Exportações de carne bovina no período de 2006 a 2011 em mil toneladas.

Fonte: AGROSTAT baseado em dados do MAPA.

A produção de carne bovina não tem apresentado saltos significativos se comparada com a evolução do consumo nos últimos anos (em torno de 9 milhões de toneladas – equivalentes à carcaça). O consumo médio vem aumentando, entre 2007 e 2010 e diante do aumento da demanda interna, o excedente exportável, vem tendo redução. O efeito disso foi o Brasil perder seu posto de maior exportador de carne bovina in natura para Austrália.

Boletim Informativo baseado em: "DESEMPENHO INTERNACIONAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO 1990 A 2012", Silva, F.S.; Malard, M.R.; Cecchetti, G.; Montebello, A.E.S. e Marjotta-Maistro, M.C. Publicado na Revista Eletrônica UNAR, revista.unar.com.br/cientificos/documentos/vol8_n1_2014/9_desempenho_internacional_agronegocio_brasileiro.pdf

EQUIPE: Eneiva Henrique Coelho; Mathews Sleiman da Costa.
COORDENAÇÃO: Prof.ª Dra. Maria Cristina Marjotta-Maistro e
Prof.ª Dra. Adriana Estela Sanjuan Montebello

Apoio: **PROEX** - Pró-Reitoria de Extensão

Figura 1 - Informativo 1 - Desempenho do Agronegócio Brasileiro no Mercado Internacional- junho de 2015.
Fonte: Elaborado pelos autores.

ufscar **G€Agro** **GRUPO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO** **Centro de Ciências Agrárias**

Boletim Informativo

Ano 1 "A simplificação da informação no agronegócio" nº 02

NESTA EDIÇÃO, VAMOS APRESENTAR DADOS DA BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO E OS PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL, NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2014 E 2015.

Gráfico 1 - Balança Comercial do Agronegócio
Evolução Mensal das Exportações e Importações 2014 e 2015

Fonte: Agronegócio Brasil a partir dos dados da SECORADIC. Elaboração: MAPA/SIRADIC

Brasil fechou o mês de junho de 2015 com um aumento nos valores das exportações do agronegócio e, as importações, possibilitando um superávit comercial de US\$ 8,07 bilhões nesse mês, conforme o Gráfico 1. O agronegócio brasileiro teve uma representatividade de mais de 46% no total das exportações de junho demonstrando a importância da agropecuária para o país. Dentre essa porcentagem, os principais participantes foram o complexo de soja (49,1%), carnes (14,6%) e produtos florestais (9,8%). A soja, apesar de uma queda de 3% em valores exportados, comparados a junho de 2014, obteve o recorde de grãos embarcados, alcançando quase 10 milhões de toneladas. O complexo de carnes teve como principal produto a carne de frango, apresentando aumento de mais de 31% na quantidade exportada e 9,8% no valor de exportação em relação a junho do ano passado. Outro produto que se destacou foi a carne de peru com um aumento em quantidade embarcada de 55,4%. Os principais produtos comercializados no setor de produtos florestais foram o papel e a celulose, que totalizaram um aumento de 16,9% em volume exportado e 11,6% em valores. Ainda, madeiras e produtos processados da mesma fecharam US\$ 232 milhões, correspondendo a 349 mil toneladas, em junho de 2015.

"A simplificação da informação no agronegócio" **G€Agro** **GRUPO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO**

TABELA 1 - EXPORTAÇÃO DO AGRONEGÓCIO POR BLOCOS ECONÔMICOS
Junho 2014 e Junho 2015 (em mil US\$)

BLOCOS	Junho		Var. % 2015/2014	Participação %	
	2014	2015		2014	2015
Ásia (Excl. Oriente Médio)	4.094.013	4.530.886	10,7%	42,6%	49,6%
UE 28	2.244.303	1.758.913	-21,6%	23,4%	19,3%
Oriente Médio	588.091	656.039	11,6%	6,1%	7,2%
NAFTA	946.099	639.193	-32,4%	9,8%	7,0%
África (Excl. Oriente Médio)	446.350	524.234	17,4%	4,6%	5,7%

Fonte: AGROSTAT BRASIL A PARTIR DOS DADOS DA SECORADIC

Em relação aos parceiros comerciais do Brasil, houve mudanças nas participações dos blocos econômicos que importam produtos do agronegócio brasileiro, em junho de 2015, conforme mostra a Tabela 1. A Ásia continuou sendo o maior comprador dos produtos brasileiros, com um total de US\$ 4,5 bilhões e uma participação de 49,6%. Nesse bloco, a China foi responsável por 36,0% das importações em junho de 2015, ficando a frente dos EUA. O segundo bloco mais importante foi a União Europeia, com mais de US\$ 1,7 bilhão importado. Entretanto, esse valor é 21,6% menor do que em junho do ano passado. Nesse bloco, os Países Baixos se destacaram, representando 5,7% das exportações brasileiras, porém com uma queda de 31,5% em relação a junho de 2014. Considerando o período de janeiro a junho de 2015, em geral, apenas três, dos 10 países mostrados na Tabela 2 demonstram um crescimento nas aquisições, quando comparado ao mesmo período do ano passado, de modo que os outros 7 recuaram nas compras de produtos do agronegócio brasileiro. A retomada da compra de carnes bovinas pelo Egito e pela Arábia Saudita pode ser um dos fatores que justificam as variações positivas nas exportações direcionadas para esses países.

TABELA 2 - EXPORTAÇÃO DO AGRONEGÓCIO POR PAÍSES
Janeiro - Junho 2014 e Janeiro - Junho 2015 (em mil US\$)

PAÍSES	Janeiro - Junho		Var. % 2015/2014	Participação %	
	2014	2015		2014	2015
China	2.813.467	3.290.082	16,9%	29,3%	36,0%
Estados Unidos	832.505	540.255	-35,1%	8,7%	5,9%
Países Baixos	760.571	520.736	-31,5%	7,9%	5,7%
Alemanha	290.778	235.668	-19,0%	3,0%	2,6%
Rússia, Fed. da	416.210	231.250	-44,4%	4,3%	2,5%
Arábia Saudita	149.939	207.977	38,7%	1,5%	2,3%
Venezuela	335.606	204.137	-39,2%	3,5%	2,2%
Japão	233.963	200.747	-14,2%	2,4%	2,2%
Egito	92.404	197.665	113,9%	1,0%	2,2%
Espanha	276.386	197.492	-28,3%	2,9%	49,6%

Fonte: AGROSTAT BRASIL A PARTIR DOS DADOS DA SECORADIC

Boletim Informativo baseado em: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio. Balança Comercial do Agronegócio - Junho 2015. Brasília, p. 1-10 2015.

EQUIPE: Eneiva Henrique Coelho; Mathews da Costa Sleiman
COORDENAÇÃO: Prof.ª Dra. Maria Cristina Marjotta-Maistro e
Prof.ª Dra. Adriana Estela Sanjuan Montebello

Apoio: **PROEX** - Pró-Reitoria de Extensão

Figura 2: Informativo 2 - Balança Comercial do Agronegócio e os Parceiros Comerciais do Brasil, no primeiro semestre de 2014 e 2015. Julho de 2015.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Conclusão

A temática discutida e os resultados alcançados por meio desta ACIEPE subsidiam algumas reflexões acerca da relevância acadêmica e social da atividade.

A relevância acadêmica se verificou no fato de que a ACIEPE teve como objeto de pesquisa o setor agropecuário, focando discussões que permeiam as decisões deste setor. -Nesse sentido, as informações econômicas levantadas são de suma importância para diagnosticar os gargalos nas áreas relacionadas a esses setores, como a comercialização e, se possível, propor soluções para os mesmos.

Em termos de relevância social, o fato de saber onde buscar, divulgar e realizar uma análise crítica das informações econômicas, propicia melhores subsídios para os tomadores de decisões no setor agropecuário. Além disso, o público, em geral, tem a oportunidade de apreender sobre questões que, de alguma forma, permeiam seu dia a dia, dada a percepção de que assuntos relativos à economia tendem a subsidiar decisões de produção e consumo. Vale ressaltar que, pela forma como foi feita a divulgação - via redes sociais - alcançou um número expressivo de pessoas.

Com relação aos objetivos, a ACIEPE serviu para os alunos de aprendizado de como buscar fontes de informações e dados econômicos do setor agropecuário, analisando a pertinência dos dados para a elaboração do boletim, que foi a principal ferramenta para a divulgação dos resultados da atividade.

A ACIEPE - Busca, Análise e Divulgação de Informações Econômicas do Setor Agropecuário, trouxe resultados no sentido de trabalhar com os participantes a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, atingindo os objetivos da atividade, com a perspectiva de a atividade ter continuidade, reforçando ainda mais a importância do mesmo para a comunidade, tanto acadêmica quanto externa.

Fontes de Financiamento

Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal de São Carlos. (ProEx/UFSCar)

Agradecimento

Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal de São Carlos. (ProEx/UFSCar)

Referências Bibliográficas

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento - 1º Levantamentos de Safra 2014/2015. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/14_10_23_10_20_02

_boletim_graos_outubro_2014.pdf>. Acesso em 28 mar. 2015.

CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP. Boletim do Leite, 228. Disponível em: <<http://cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/228.pdf>>. Acesso em 28 mar. 2015.

ESALQ-Log - Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. SIFRECA Nº 4. 2014. Disponível em: <<http://esalqlog.esalq.usp.br/sifreca/etanol-dezembro2014-no-04/>> Acesso em: 25 mar. 2015.

GEAGRO - GRUPO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO. Disponível em: < www.facebook.com/GEAgro>. Acesso em 12 ago. de 2016.

HEINZMANN, Clara et.al. Adoção de sistemas de informação como estratégia competitiva nas grandes empresas do setor do agronegócio da região oeste do estado do Paraná. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AGRO-PECUÁRIA, 1, 2004, Portugal. Disponível em: < www.agriculturadigital.org/agritic_2004/congresso/E-business_M-Business_/Adocao_SI_Empresas_Parana.pdf>. Acesso em: 28 de mar. 2015.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <www.agricultura.gov.br/politica-agricola/publicacoes/informativo-de-economia-agricola>. Acesso em: 28 de mar. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7116-pl-pne-2011-2020&Itemid=30192>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SILVA, ANA PAULA da. Da conversa na praça ao via satélite: a busca por informação agropecuária. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes/USP, 2005. 113p. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br>. Acesso em: 28 de mar. 2015.

UFSCAR - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE). Disponível em: <www.ufscar.br/aciepes> . Acesso em: 05 ago. 2015

Recebido para publicação em 25/3/2016 e aprovado em 8/8/2016.

Notas

*Este trabalho foi apresentado no 2º Congresso de Extensão da Associação das Universidades do Grupo de Montevideu, realizado na Unicamp, no período de 09 a 12 de outubro de 2015.

Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero

Ana Paula Leivar Brancaloni¹; Rosemary Rodrigues de Oliveira²

Resumo: *O presente trabalho analisa a trajetória de um Projeto de Extensão que tem por objetivo desenvolver ações de educação sexual promotoras do respeito à diversidade sexual e de gênero. Este estudo está alicerçado em metodologias participativas, que assumem os sujeitos para os quais se direcionam as intervenções, como construtores do processo. São realizadas oficinas com adolescentes, oficinas e assessorias com educadores já inseridos na rede pública e espaços de formação para futuros educadores. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, tendo como objetos de análise os registros dos trabalhos realizados com grupos de alunos e professores e registros de supervisão. Constatou-se que o trabalho com oficinas favorece a clarificação e subjetivação de valores e informações sobre sexualidade e gênero, tanto por parte de adolescentes, quanto por parte de educadores. Entende-se também que o projeto desempenha uma importante função na formação inicial de educadores tornando-os mais capazes para lidar com os temas.*

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Gênero.

Área Temática: Educação, Gênero.

Sexual education in the promotion of respect for sexual diversity and gender diversity

Abstract: *A project that has the objective to develop sexual education actions promoting sexual and gender respect has its track analyzed. It based itself in participative methodologies that assume the subjects, to whom the interventions are directed to, as builders of the process. There are workshops carried out with teenagers, workshops and advisories held with educators already inserted in the public education as well as there are training instances for future educators. For the present work, there has been adopted a qualitative approach, being analyzed the records of the actions carried out with students and teachers groups as well as the supervision records. It has been found that actions with workshops favor the clarification and subjectivation of values and information about sexuality and gender, either by students or by educators. It is also understood that the project performs an important role in the early training of educators, making them more able to deal with school themes.*

Keywords: Sexual education. Sexuality. Gender.

La educación sexual en la promoción del respeto a la diversidad sexual y de género

Resumen: *Se analiza la trayectoria de un Proyecto de Extensión que tiene como objetivo desarrollar acciones de educación sexual para promover el respeto a la diversidad sexual y de género. Se basa en metodologías de participación de los sujetos, para quienes se direccionan las intervenciones, como constructores del proceso. Se llevan a cabo talleres con adolescentes, al igual que se prestan servicios de asesoramiento con educadores ya introducidos en la red pública y espacios de formación para futuros educadores. Para este estudio, se adopta*

¹ Professora assistente doutora do Departamento de Economia, Administração e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da FCL/UNESP Campus Araraquara. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Via de Acesso Prof. Paulo Donato Castellane, s/n. 14884-900 - Jaboticabal, SP, fone: (016) 3209-7254. anapaulabrancaloni@gmail.com

² Professora assistente doutora do Departamento de Economia, Administração e Educação da FCAV/UNESP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos Interunidades da UNESP. oliveirose@fcav.unesp.br

enfoque cualitativo, realizando análisis aclaración y la subjetividad de los valores e informaciones sobre la sexualidad y sobre el género, lo cual impacta tanto a los adolescentes, como a los educadores. También se entiende que el proyecto tiene importante función en la formación inicial de los educadores, por lo que acaban siendo más capaces de hacer frente a los problemas.

Palabras clave: *Educación sexual. Sexualidad. Género.*

Introdução

Os sentidos atribuídos à sexualidade e ao gênero estão em constante transformação, tanto do ponto de vista dos sujeitos que a experienciam, quanto acerca dos significados sociais partilhados. Ainda assim, existem rígidos padrões estabelecidos de certo/errado, normal/patológico, quando se trata da sexualidade e do gênero, sendo que são representados de forma naturalizada, universal e a-histórica. Conforme aponta Bento (2011, p. 551), vive-se em um sistema heteroterrorista, em que aquilo que é inscrito e determinado em um campo discursivo, é tomado como o natural e “original”.

Ressalta-se que o ambiente escolar é um espaço permeado pela sexualidade e pelas questões de gênero. A escola é um lugar de informação e formação, no qual estão presentes todas as áreas do conhecimento, de forma ordenada, que constituem um “currículo”, um percurso a ser percorrido pelo aluno, bem como um conjunto de relações sociais e humanas. Mais do que salas, prédio, alunos e professores, uma escola é fruto das relações que nela se dão, participando da constituição da identidade dos indivíduos que dela participam (SEFFNER, 2011).

Destacando o contexto de sala de aula, ainda que se planeje e disponha de recursos técnicos variados, o processo de ensino/aprendizagem se dá numa “condição de incerteza”. Entre os assuntos e temas intrusos à programação cotidiana, salientam-se as questões de gênero e a sexualidade. Contudo, o autor ressalta o grande incômodo que esses temas trazem quando irrompem inadvertidamente o espaço da educação escolar (SEFFNER, 2011). Diante do não saber como lidar, acaba-se por se reproduzir posturas de contenção e normatização.

A problemática da sexualidade é um dos temas emergentes que fica parado na porta das escolas, pedindo para entrar e lá ser discutido. Isso provoca temores em muitos professores, pois no bojo do tema “sexualidade” costuma vir uma série de assuntos polêmicos e constrangedores: sexo, drogas, homossexualidade, promiscuidade, doença, agonia, morte, pecado, discriminação, masculino e feminino, entre outros. Em razão desses temores, associados e explicados em parte pela dificuldade da comunidade escolar em lidar com temas tão permeados por valores, e, por isso, delicados, os professores, muitas vezes, acabam por disseminar uma visão reducionista dos assuntos referentes à sexualidade. Estes assuntos comumente são apresentados como “perigosos”, intimamente articulados a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e à gravidez indesejada, pautando-se, portanto, em uma visão higienista que reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção, sendo o estudo do mesmo delegado ao campo da Biologia (REIS; RIBEIRO, 2005).

Todavia, como afirma Borillo (2009), a escola apresenta uma função importante, a qual deve exercer, em contraposição à intolerância. Vislumbrando o cumprimento dessa função, novos temas e problemas surgem todos os dias e não faltam pressões para que a escola “se encarregue” deles. A esse respeito, Castro; Abramovay; Silva (2004) referem que a maneira como a sexualidade é abordada na escola geralmente não contempla os anseios e as curiosidades das crianças e adolescentes. Isto sucede porque o enfoque é centralizado apenas no corpo biológico, não incluindo, dessa forma, os outros aspectos da sexualidade. Portanto, assume-se o princípio de que possibilitar que a escola discuta gênero e sexualidade em seu caráter multidimensional, implica que a formação do professor contemple esse aspecto.

Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de um Projeto de Extensão, iniciado no ano de 2005 e ainda em desenvolvimento, que pretende trabalhar questões relativas à sexualidade e gênero em escolas públicas, seja através de oficinas com adolescentes, seja na formação e assessoria a educadores vinculados à rede, bem como promover a formação de licenciandos do curso de ciências biológicas de uma universidade pública paulista do interior do estado, inseridos em semestres distintos do curso de graduação. Destaca-se que o curso em questão não possui, em sua grade curricular, nenhuma disciplina que aborde as questões de sexualidade e gênero para além do sexo biológico e que os sujeitos, futuros educadores, devem ser capazes de lidar com os temas em sala de aula.

O projeto tem por metas: a) promover processos de educação sexual junto a jovens de escolas públicas, favorecendo a subjetivação de informações, a vivência segura e responsável da sexualidade, assim como o desenvolvimento do respeito à diversidade sexual e de gênero entre os jovens; b) colaborar para o desenvolvimento de práticas pedagógicas promotoras do respeito à diversidade sexual e de gênero; c) colaborar na formação continuada de professores qualificados para lidar com temas relativos à sexualidade e o gênero no cotidiano escolar; d) favorecer a formação inicial de professores capacitados para trabalhar com questões relativas à sexualidade e ao gênero.

Trajectoria metodológica de trabalho

Os trabalhos desenvolvidos com os adolescentes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, com faixa etária que varia entre os 13 e os 17 anos, pautam-se em oficinas, com frequência semanal (cerca de doze encontros semanais, no total), no contraturno escolar, em dias da semana variável, dependendo da organização e disponibilidade das diferentes escolas em receber o projeto. Ao longo do período de 2005 a 2015 (recorte de tempo utilizado para análise), foram desenvolvidas oficinas com cerca de 1500 adolescentes, conforme discutido em trabalho anteriormente publicado (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2010). Neste artigo não serão analisados dados provenientes diretamente das produções realizadas pelos adolescentes nas oficinas e sim os registros dos trabalhos realizados pelos licenciandos nas escolas bem como os registros de supervisão.

O projeto de extensão tem como objetivos específicos: prover a clarificação de valores, por meio de um ambiente favorável à reflexão e expressão; fornecer informações sobre doenças sexualmente transmissíveis; possibilitar a subjetivação de informações acerca de sexualidade e gênero; promover o respeito à diferença e à diversidade; possibilitar que o adolescente se sinta responsável por suas escolhas. Também se oferece a possibilidade de grupos de formação de professores em que, também por intermédio de oficinas, trabalham-se temas relativos à sexualidade e gênero, assim como formas de se lidar com o tema no cotidiano da escola. Abre-se também a possibilidade aos educadores de busca de orientações mais pontuais com a busca por assessoria junto aos membros do projeto, em momentos que julgam necessária a colaboração do grupo para a reflexão com os alunos, na escola, acerca de suas ações. Como exemplo pode ser citado o minicurso ministrado aos docentes com parceria com a Diretoria Regional de Ensino do município, no ano de 2010 (AUGISTO; OLIVEIRA, 2010).

Os grupos são coordenados por duplas de alunos, que já vivenciaram um processo de formação, em que eles experienciam as oficinas e temas que, posteriormente, desenvolverão nas escolas. Assim, pretende-se favorecer também a formação de futuros educadores mais capazes para o trabalho com o tema no seu cotidiano pedagógico. Pauta-se nos pressupostos das metodologias participativas, tendo como ponto de partida para as ações os sujeitos, para os quais estas são direcionadas. Dessa forma, os adolescentes e os professores de Ciências e Biologia inseridos na rede pública municipal e estadual, que compõem os grupos, são entendidos como agentes ao longo de todo o processo, visto que se busca ultrapassar a mera transmissão de informações, possibilitando o desenvolvimento da reflexão e a subjetivação dos conteúdos (SILVA, 2002). Assim, a intervenção é construída durante todo o processo, tendo como alicerce as demandas específicas de cada grupo. Cada encontro é registrado em diário de campo e discutido em supervisão com as docentes coordenadoras e demais alunos membros do projeto, material que será analisado no presente trabalho, dentro de uma abordagem qualitativa. A transcrição das discussões e de excertos dos diários de campo seguem o proposto por Marcuschi (1986).

Os trabalhos desenvolvidos com os adolescentes

Inicialmente aplica-se um instrumento para levantar os conhecimentos prévios de cada grupo, assim como os mitos, expectativas e dúvidas sobre sexualidade e gênero. Ao final dos trabalhos, realiza-se com os jovens uma avaliação acerca do processo vivenciado em grupo, elencando possíveis aprendizados e reflexões suscitadas ao longo desse.

Constata-se que o trabalho com os grupos de adolescentes, por meio das oficinas, favorece a aquisição de informações importantes sobre sexualidade, como indicam as falas: *“eu aprendi sobre os métodos anticoncepcionais, que não é certo usar uma pílula só porque minha amiga usa, mas é importante ir ao médico”*; *“aprendi que não pode guardar a camisinha em qualquer lugar porque pode estragar”*; *“aprendi como coloca a camisinha”*.

Destaca-se também que as oficinas favorecem a reflexão e clarificação de crenças e valores sobre sexualidade e gênero, conforme se observa nas afirmações: *“porque é difícil, se você fala que quer usar*

camisinha, seu namorado diz que você é puta, você precisa saber que não é, porque senão confunde e não faz usar”; “pensei mais nessas coisas que dizem que é de homem e dizem que é de mulher, já acho que não é bem assim”.

Outro aspecto que pode ser apontado, como resultado do trabalho com os jovens, é o esclarecimento acerca das diferenças entre orientação sexual, identidade e expressão de gênero, conforme se identifica em falas como: *“eu entendi que não é porque é gay vira mulher, são coisas diferentes”.*

Os relatos dos jovens também indicam o reconhecimento dos grupos como um espaço de diálogo franco, esclarecimento e reflexão, conforme se constata em colocações, tais como: *“porque aqui a gente tem liberdade para perguntar o que não sabe, diferente da aula, daí a gente conversa e entende”; “porque assim a gente não tem vergonha de falar”; “a gente tem muita dúvida sobre sexualidade, mas não tem com quem falar, no grupo a gente conversou”; “a gente conversou sobre a primeira vez, coisas que a gente fica pensando, mas não sabe informação direito”.*

Os trabalhos desenvolvidos com os educadores

Foram desenvolvidas oficinas sobre e sexualidade e gênero com educadores da rede pública. Nelas pode-se constatar: a dificuldade dos educadores para trabalhar com o tema em sala de aula; a atribuição, por parte da escola, do desenvolvimento de temas de sexualidade e gênero exclusivamente aos professores de ciências e biologia; a redução ao caráter biológico e reprodutivo dos trabalhos desenvolvidos por esses professores; a presença de mitos, preconceitos e estereótipos em relação à sexualidade e ao gênero; o desejo de que a educação sexual fosse responsabilidade unicamente da família; a confusão entre sexo biológico, orientação sexual, identidade e expressão de gênero.

Ao longo dos encontros, as questões acima mencionadas foram sendo problematizadas e refletidas, abrindo-se espaços para que houvesse dúvidas acerca de crenças e padrões assumidos como naturais. Notou-se ainda o reconhecimento de preconceitos e processos de discriminação que ocorrem na escola. Assim, as oficinas se mostraram espaços promissores para a subjetivação de informações, bem como para a reflexão, clarificação e transformação de valores e crenças também no trabalho com os educadores.

Além das oficinas, foram realizadas ações de acompanhamento do trabalho de professores no planejamento e desenvolvimento de atividades sobre sexualidade e gênero, assim como foram oferecidos espaços de supervisão àqueles que desenvolviam trabalhos sobre os temas. Constatou-se: a ausência de espaços formativos, nas escolas, para que o trabalho de educação sexual dos jovens fosse desenvolvido com mais segurança e qualificação, de forma menos normativa e biologizante; a inexistência de espaços de interlocução e reflexão entre os professores sobre o trabalho com os temas; a importância da promoção de espaços de reflexão do fazer docente na educação sexual de jovens; a contribuição oferecida pela assessoria e supervisão para a reflexão e transformação da prática docente com temas referentes à sexualidade e ao gênero.

A função do Projeto na formação inicial de professores

Quanto à contribuição do projeto para a formação inicial de educadores mais capacitados para o trabalho com questões referentes à sexualidade e ao gênero, temos a formação de cerca de 150 multiplicadores, ou seja, graduandos que vivenciaram as oficinas e discussões teóricas, estando capacitados para desenvolver trabalhos de educação sexual junto a outros grupos. Sobre a função da participação do Projeto em suas formações profissionais, destacaram a carência desses temas na matriz curricular. Salienta-se, ainda, a importância da participação no Projeto de Extensão como meio de superação das mesmas, bem como indica-se a mobilização de saberes relacionados ao domínio do conteúdo, sendo, portanto constitutivo de sua formação profissional. Conforme o relato: *“aprendi muito sobre o tema sexualidade, pude mudar vários conceitos errados que apresentava sobre esse tema e quebrar preconceitos que possuía.”*

Além de conhecimentos ligados aos conteúdos, os participantes também destacaram o desenvolvimento de uma postura docente de “escuta” dos conceitos e preconceitos prévios do aluno, de modo a promover a discussão e a reflexão em sala de aula, rompendo com o lugar do suposto saber e normatização, favorecendo a subjetivação das informações, bem como a vivência mais responsável e segura da sexualidade. Como observa-se na fala: *“Aprendi, a partir dos conceitos prévios de cada turma,*

a lidar com os assuntos de várias maneiras diferentes, olhar de vários ângulos, não dar minha opinião pessoal e mostrar todas as variáveis, responder 'não sei' e entregar a resposta no próximo encontro."

Os relatos de participantes indicam essa transformação em suas posturas, conforme se observa nesta fala: "pude identificar que cada turma é única e que não podia aplicar a mesma dinâmica e esperar que esta seja significativa para todas [...]".

Indica-se, ainda, que uma das contribuições significativas da participação no projeto foi o desenvolvimento da condição de reconhecimento dos próprios preconceitos, conforme se podem constatar nos posicionamentos seguintes: "Durante as discussões e orientações eu percebi que apresentava vários preconceitos sobre temas discutidos, por exemplo, a homossexualidade."; "Eu tive a dimensão de que os preconceitos vão muito além disso, estão em cada pequeno pensamento de intolerância ao diferente. E ainda, não é pelo fato de tolerar e aceitar que necessariamente deixei de ter preconceito. Em verdade me descobri uma mulher com muitos preconceitos e o grupo me ajuda constantemente a questioná-los".

Para além do reconhecimento dos preconceitos, os universitários afirmam perceberem rupturas em relação aos mesmos, como quando afirmam: "Por tratar muito da questão dos preconceitos com os alunos, nós primeiro tivemos que, na medida do possível, lidar com nossos próprios preconceitos."; "As discussões durante nosso trabalho nas escolas e, principalmente, durante a formação me fez respeitar as opiniões diferentes das minhas, entender seus motivos. Dessa forma, hoje tenho uma visão menos preconceituosa."

Reportam-se a transformações em suas ações diante de situações, nas quais anteriormente agiam de forma estereotipada e preconceituosa. Assim relatam: "Aprendi a ouvir mais o outro, a pensar e ver as coisas sob outra perspectiva. Os julgamentos deixaram de ser a priori"; "Promoveu o entendimento da necessidade do debate do tema sexualidade não apenas nos espaços formais de educação, como também nos espaços não formais."

Constata-se, portanto, a condição de superação da reflexão racional, envolvendo-se os universitários de maneira integral, contemplando as formas de pensar, sentir e agir.

Conclusões

As experiências de trabalho no Projeto salientam as dificuldades enfrentadas pelos educadores no trabalho com temas referentes a sexualidade e gênero no cotidiano escolar, ressaltando a importância de se cuidar desse aspecto na formação inicial dos educadores de forma clara e assumida nos projetos político-pedagógicos. Outra questão que merece destaque é a importância de se priorizar metodologias de trabalho que favoreçam o diálogo, a livre expressão, a reflexão e a construção, na medida em que a mera transmissão de informações não sustenta a promoção de uma educação sexual promotora do respeito à diversidade sexual e de gênero.

Conclui-se que as ações do projeto com adolescente, educadores e mesmo com universitários favorecem reflexões importantes sobre sexualidade e gênero, colaborando para a promoção do respeito aos diversos e da vivência da sexualidade de forma mais refletida e responsável.

O projeto em questão se sustenta por pilares alicerçados na compreensão de sexualidade, que é um processo contínuo de construção humana, muito além da prática sexual, mas que constitui a própria identidade do sujeito por meio das relações que estabelecem com o outro, com o próprio corpo e com o prazer. Assim, visa-se favorecer processos formativos que rompam com visões estereotipadas e biologizantes da sexualidade, superando a visão higienista que predomina nos processos educacionais escolares.

Para tanto, pensou-se um projeto que favorecesse o desenvolvimento dessa perspectiva acerca da sexualidade. Destaca-se também a importância atribuída à indissociabilidade ensino/pesquisa/extensão tanto nos objetivos que fundamentam suas ações, quando no seu desenvolvimento ao longo dos anos de sua existência.

A experiência com o projeto indica para a importância da perspectiva metodológica que assume o processo de ensino/aprendizagem, no ensino superior, fundamentado no tripé ensino/pesquisa/extensão. Trata-se de uma condição de construção contínua de conhecimento entre parceiros, que ocupam funções distintas, contudo não subjugadas.

O conhecimento compreendido como um processo de construção contínua, em uma relação dialética teoria/prática, oportuniza a ruptura com conceitos institucionalizados, normatizações e normalizações, em que a sexualidade é reduzida a uma compreensão biologicista e higienista.

Referências

Augusto, T. G. S.; OLIVEIRA, R. R.; Mouro, B. C.; Castro, N. B. L. de; Oliveira, R. H. Uma experiência na formação continuada para professores de ciências nas escolas públicas estaduais de Jaboticabal - SP. *Revista da SBEnBIO*, v. 3, p. 1533-1542, 2010.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de mar. de 2016.

BORILLO, D. A Homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 15-46.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. ; SILVA, L. B. da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, Brasil, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: Bortolozzi, A. C.; Maia, A. F. (Orgs.). *Sexualidade e infância*. Série Cadernos Cecemca, v. 1. Bauru: FC/UNESP: CECEMCA, 2005.

SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 out. 2015.

SILVA, C. S.F.; BRANCALEONI, A.P. L.; OLIVEIRA, R. R. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um estudo de caso. *Experiências em Ensino de Ciências* - v. 5, n.2, p. 163-175, 2010.

SILVA, R. C. *Metodologias Participativas para Trabalhos de Promoção de Saúde e Cidadania*. São Paulo: Vetor. 2002.

Recebido para publicação em 30/5/2016 e aprovado em 9/9/2016.

Pet Incentiva

*Aline Carvalho Corrêa¹, Ana Camargo Almeida², Enayle Maryane Teixeira Paes²,
José Augusto Oliveira², Isabela Castro Rosa², Natália Antunes Martins²*

Resumo: *Este projeto abrange palestras ministradas pelos membros do Grupo PET Ciência para os alunos de ensino médio de escolas públicas. As apresentações são explicativas e motivacionais, abordando temas relacionados às universidades, áreas do conhecimento e formas de acesso e permanência. Há uma troca mútua de conhecimentos e experiências, contribuindo para o desenvolvimento e habilidades dos petianos e, principalmente, estimulando os alunos de Ensino Médio a se interessem pelos estudos e ingressarem na Universidade.*

Palavras-chave: *Ensino Público. Extensão. Incentivo. Palestra.*

Área Temática: *Informação.*

Pet Encourages

Abstract: *This project includes lectures given by members PET Science Group for the high school students from public schools. The presentations are explanatory and motivational, addressing issues related to universities, fields of knowledge and forms of access and permanence. There is a mutual exchange of knowledge and experience, contributing to the development and abilities of members of the PET Science group, and especially by stimulating the target audience interest in studies.*

Keywords: *Public Education. Extension. Incentive. Lecture.*

Pet Alienta

Resumen: *Este proyecto incluye conferencias impartidas por miembros del Grupo PET Ciência para los estudiantes de secundaria de las escuelas públicas. Las presentaciones son explicativas y de motivación, e abordar las cuestiones relacionadas con las universidades, los campos del conocimiento y las formas de acceso y permanencia. Hay un intercambio mutuo de conocimientos y experiencias, contribuyendo al desarrollo y habilidades de petianos, especialmente estimulando el interés público objetivo en los estudios.*

Palabras clave: *La educación pública. Incentivos. Extensión. Conferencias.*

Introdução

Desde o seu nascimento, o ser humano fica exposto aos acontecimentos e situações do meio no qual está incluído. Isto faz com que esse se adapte ao ambiente, moldando, assim, de forma inconsciente, a sua personalidade [1]. É um direito do ser humano ser assegurado, desde o seu nascimento, de condições mínimas que o tornem útil à sociedade; logo receber os benefícios que essas condições possam ofertar também está nos seus direitos [1]. Um dos direitos humanos fundamentais é a educação, pois é por meio dela que a pessoa passa a utilizar de forma mais adequada sua inteligência [1]. O que acontece na realidade é que a escola pública possui uma grande parte de alunos oriundos de uma

¹ Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Ciência) - Universidade Federal de Alfenas campus Poços de Caldas. Endereço: Tel: E-mail:

² Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Ciência) - Universidade Federal de Alfenas campus Poços de Caldas.

classe sócio-econômica e cultural desfavorecida e esses fatores fazem com que isso interfira no desempenho escolar dos alunos [2]. Muitos desses alunos desmotivados não têm o acesso ao conhecimento, que possibilita a transformação de suas vidas e contribui para a superação das dificuldades vividas do sistema escolar público [2].

No Brasil, vários programas e projetos de inclusão do Governo Federal (por exemplo, SiSU e PROUNI) estão em vigor para aumentar o número de estudantes no Ensino Superior oriundos de escolas públicas [3]. Visando ajudar a situação atual dos jovens estudantes de escolas públicas da região de Poços de Caldas-MG, o projeto PET Incentiva consiste em levar aos alunos de Ensino Médio a realidade de uma universidade federal e suas oportunidades, por meio da divulgação das diferentes áreas do conhecimento, bem como por intermédio de seus cursos, das diferenças de faculdades públicas e privadas, da forma de ingresso, dos auxílios oferecidos aos estudantes e dos projetos que existem na universidade, como iniciação científica e projetos de extensão.

Metodologia

A atividade é composta por palestras interativas de caráter incentivador, ministradas por petianos em escolas públicas de ensino médio de Poços de Caldas-MG e região. O contato com as escolas é feito por meio do interesse dos petianos em levar o projeto para as escolas onde estudaram e/ou também por interesse da própria escola, que procura o PET Ciência.

Para mensurar a qualidade da atividade, ao final de cada palestra realizada, ou mesmo no decorrer, o grupo pergunta aos estudantes, bem como aos docentes presentes, suas opiniões e sugestões para que possam ser registrados feedbacks. Os critérios para a análise dos resultados são o interesse do público na palestra, observações e questionamentos sobre os temas abordados, sugestões e opiniões registradas. A análise realizada pelo grupo PET Ciência posteriormente ao evento é registrada e utilizada como forma de avaliação qualitativa da ação.

Resultados e Discussão

Com tal atividade, já foram atingidos cerca de 500 estudantes. Além disso, consegue-se uma ampla divulgação da Universidade Federal de Alfenas e seus cursos oferecidos, bem como mostrar que a faculdade é uma realidade próxima a estudantes de Ensino Médio, auxiliando-os e incentivando-os para que ingressem em um curso superior.

Já foram realizadas seis edições da atividade em escolas de Poços de Caldas - MG (imagem 1), Monte Santo - MG, Campos Gerais - MG (imagem 2) e Mococa - SP (imagem 3).



Imagem 1 - Edição ocorrida em dezembro de 2015 na Escola Estadual David Campista da cidade de Poços de Caldas - MG.

Fonte: Blog PET Ciência.



Imagem 2 - Edição ocorrida em março de 2016 na Escola Estadual Professor Eduardo Daniel Ferreira Dias, na cidade de Campos Gerais - MG.

Fonte: Blog PET Ciência.



Imagem 3 - Edição ocorrida em maio de 2016, na ETEC Francisco Garcia, da cidade de Mococa - SP.

Fonte: Blog PET Ciência.

Uma vez que a ação do projeto trata-se de palestras, a comunicação oral e a liderança dos petianos são duas competências bastante envolvidas, portanto a participação nessas atividades é uma oportunidade para os alunos praticarem a habilidade de falar em público e de se expor a situações desafiadoras, uma vez que cada palestra é diferente da outra.

Nota-se que por meio de uma análise qualitativa posterior à atividade, o público-alvo (alunos de Ensino Médio de escolas públicas) demonstra maior domínio sobre questões importantes para o acesso e permanência nas universidades. Além disso, percebe-se que este se sente mais motivado a prosseguir com seus estudos após o término do Ensino Médio.

Conclusão

A partir dos resultados, observa-se que a divulgação da UNIFAL-MG, do grupo PET Ciência, bem como suas atividades proporciona um incentivo maior aos estudantes, visto que muitas vezes eles não recebem este apoio no ambiente em que estão inseridos.

Referências

- [1] DALLARI, D. A. *Direitos humanos e cidadania*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- [2] SANTO, I. A. Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Cornélio Procópio, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.
- [3] NASCIMENTO, C. O ensino médio e as repercussões no ensino superior. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/roberto-lobo/o-ensino-medio-e-as-repercussoes-no-ensino-superior/>>. Acesso em 11 nov. 2012.
- [4] Blog PET Ciência. Projetos e Ações. Universidade Federal de Alfenas. Poços de Caldas. Disponível em <http://petciencia.blogspot.com.br/search/label/A%C3%A7%C3%B5es%20e%20Projetos>>. Acesso em: 10 set 2016.

Recebido para publicação em 25/5/2016 e aprovado em 8/9/2016.



www.elo.ufv.br

Revista ELO Diálogos em Extensão
Universidade Federal de Viçosa
Pró Reitoria de Extensão e Cultura
Divisão de Extensão, sala 106
Avenida P.H. Hoffs, s/n, Campus UFV
Viçosa-MG, CEP: 36.570-000.
Telefax: (31) 3899-2358
E-mail: elo@ufv.br